

Prohaíresis e Prónoia
no Estoicismo de Epicteto

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof. Dr. Marcelo Perine

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Prof. Dr. João Carlos Nogueira

Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas

Prof. Dr. Antonio Jose Romera Valverde

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP

Prohaíresis e Prónoia no Estoicismo de Epicteto

Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Lucas Margoni

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

RODRIGUES, Antonio Carlos de Oliveira

Prohairesis e prónoia no estoicismo de Epicteto [recurso eletrônico] / Antonio Carlos de Oliveira Rodrigues -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

184 p.

ISBN - 978-85-5696-504-2

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Epicteto; 3. Estoicismo; 4. Prohairesis; 5. Prónoia; I. Título.

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Agradeço

Ao Prof. Dr. Marcelo Perine, não só pela orientação serena do caminho, mas, sobretudo pelo acolhimento fraterno na hora difícil.

Ao Prof. Dr. Antonio Romera Valverde, porque talhou a pedra das minhas palavras com mãos de artista.

Ao Filósofo J. Herculano Pires, por me ter sugerido o tema.

Ao Francisco e ao Públio, por me emprestarem as palavras.

Ao Raimundo, meu pai, meu filho, meu irmão.

À Nadia, que me ajudou sem perguntar.

À Joice, porque fez por mim muito mais do que era sua obrigação fazer.

À Nara, minha esposa, meu cajado, meu abrigo.

Enfim, às minhas filhas Lívia, Luiza e Maitê.

“O que posso, com efeito, fazer, eu, velho manco, senão cantar a Deus? Se fosse um rouxinol, eu faria a obra do rouxinol; se eu fosse um cisne, faria o que é próprio de um cisne. Mas, na realidade, eu sou dotado de logos (*logikós*) e devo cantar para Deus. Nisso consiste minha obra, eu a realizo e não abandonarei este posto, já que este me foi dado, e vos convido a cantar o mesmo canto” (EPICTETO, Diatribes, I, 6,20-21)

“A alma é como uma bacia de água, e as representações são como o raio luminoso que reflete na água. Quando a água está agitada, o raio luminoso também parece agitado, contudo ele não o é. E quando se está nas trevas, não são nem as artes nem as virtudes que se obnubilam, mas o *pneûma* no qual elas se encontram. Se ele reencontra seu repouso, também elas o reencontram” (EPICTETO Diatribes, III, 3, 20-22)

“Passeia sozinho, conversa contigo mesmo” (EPICTETO, Diatribes, III, 14, 1)

Sumário

Introdução	15
Capítulo I	17
Epicteto e a Sabedoria estoíca antiga	
1. A ortodoxia de Epicteto	17
2. O silêncio sobre a <i>physis</i>	18
3. As duas totalidades cindidas.....	20
4. A anatomia da cisão	23
5. Os incorpóreos (<i>asómatos</i>).....	24
6. A negação do tempo e a unidade do mundo.....	26
7. A negação da transcendência e a divinização do mundo	28
8. A intuição corpórea do Ser	30
9. A <i>phantasia kataleptiké</i> entre a alma e o mundo	32
10. A Diversidade Una do Pórtico.....	35
11. O Zeus poliônimo de Cleanto	37
12. O pneúma	38
13. A alma	41
14. A paixão no coração do pensamento: <i>phantasia e hormé</i>	44
15. O hegemônico.....	46
16. O sábio também se emociona	48
17. O Destino (<i>Heimarméne</i>).....	51
18. A alma do mundo expulsa o acaso para fora do mundo.....	52
19. A cada um convém o que a natureza universal traz a cada um	54
20. O que não depende de nós é indiferente (<i>adiáphoros</i>).....	56
21. Determinismo e liberdade.....	58

Capítulo II 61

A noção de *prohaíresis* no pensamento filosófico de Epicteto

1. Primeira aproximação ao pensamento de Epicteto: a sentença paradoxal do <i>Enkheiridion</i> (manual).....	61
2. Passeia sozinho, conversa contigo mesmo.....	65
3. Concordet sermo vita.....	68
4. A ascese da alma de Musônio e as três regras de vida de Epicteto.....	70
5. Tripartição da Filosofia e exercício espiritual.....	71
6. Progresso espiritual e ordenação dos exercícios filosóficos.....	73
7. A ascese do assentimento como primeiro tema de exercício filosófico.....	75
8. A <i>phantasia kataleptiké</i> como representação objetiva.....	77
9. A primazia da <i>phantasia kataleptiké</i>	79
10. A <i>phantasia akataleptos</i> como representação subjetiva.....	80
11. A prática da lógica entre a representação objetiva e a representação subjetiva.....	82
12. A circunscrição do “eu” e a visão “física” do mundo.....	84
13. As prenoções como critério da ação ética.....	89
14. O inferno sou eu.....	92
15. Conhece-te a ti mesmo (<i>gnôthi sauton</i>).....	94
16. A Prohaíresis.....	97
17. A cidadela e o Mundo.....	98
18. O processo de desidentificação do eu.....	101
19. Por entre as coisas, umas são da nossa competência outras não.....	103
20. Os exercícios filosóficos conforme o progresso espiritual do aprendiz.....	105
21. O primeiro tema de exercícios (hó peri tás oreccis kaí enklíseis).....	108
22. A <i>apátheia</i> sobre o fundamento do “suporta e abstém-te”.....	112

Capítulo III..... 115

O segundo tema de exercício ascético e a ternura na convivialidade

1. O <i>gnôthi sauton</i> e o campo da convivialidade.....	115
2. O terreno da disciplina da ação: o domínio da práxis humana.....	117
3. Ataraxía e Justiça.....	118
4. A Serenidade diante dos frutos das ações.....	119
5. Lógos e eudaimonía.....	119

6. A cláusula de reserva (<i>hypexáiresis</i>)	121
7. Sócrates e a <i>Ataraxía</i>	121
8. Mutabilidade e impermanência	123
9. Grandeza de alma e desapego (<i>eleuthería</i>)	124
10. O curso suave da vida (<i>euroia</i>)	128
11. Indiferença filosófica e <i>Eleuthería</i>	130
12. “Naturalizar” o pensamento	134
13. <i>Ahimsa</i> : a Filosofia da não-violência.....	136
14. Numa árvore fenecida brota uma flor	137
15. Não existe mal natural no mundo	139
16. A <i>euroia</i> : o seguimento suave e sereno do caminho da vida	140
Capítulo IV	143
<i>Eukharistía</i>: instrumento de conversão do Destino em Prónoia	
1. Onipresença divina e <i>nume</i> interior	144
2. Todo o homem é responsável por seu <i>nume</i>	149
3. A Piedade verdadeira consiste em não acusar os deuses	152
4. Todas as coisas têm duas asas.....	157
5. Onde está o interesse está a piedade.....	160
6. A integração do negativo da vida	163
7. A vontade da natureza (noêsai to boulema tês physeos)	167
8. Tudo se cumpre segundo a natureza do universo	170
9. Cada um é feito para uma coisa	173
Considerações finais	177
Referências	181

Introdução

O presente estudo trata da Filosofia estóica de Epicteto. Do escravo alforriado de Epafrodito sabe-se muito pouco. Estima-se que nasceu por volta do ano 50 de nossa Era e que morreu entre os anos 125 e 130 d.c. Em Roma, ainda escravo, freqüentou as lições do filósofo estóico Musônio Rufo. Depois de ter se tornado livre e filósofo, foi expulso de Roma pelo Imperador Domiciano. Retirou-se para a cidade de Nicópolis e ali permaneceu, ensinando por mais de 25 anos. Flavio Arriano, seu discípulo, freqüentou-lhe as lições e recolheu seus ensinamentos num conjunto de anotações que nomeou *Diatribes*. Mais tarde, Arriano fez uma antologia das idéias principais das *Diatribes* que chamou de *Enkheirídion* (manual).

Iniciamos a primeira aproximação ao tema da *prohairesis* (deliberação) e da *prónoia* (providência) abrindo um diálogo com a Sabedoria estóica antiga. A época de Epicteto o ensino da Filosofia se baseava em grande parte na leitura e interpretação dos textos dos fundadores da escola. Impôs-se então a necessidade de tratar no primeiro capítulo desse estudo, das relações existentes entre a Filosofia de “Epicteto e a sabedoria antiga”.

Partindo da doutrina da *physis* do antigo Pórtico destacamos a *theoría* dos incorpóreos (*asómatos*) que repercutiu na Epistemologia da Escola, por sua vez fundada na noção da representação compreensiva (*phantasia kataleptiké*). A teoria do conhecimento estóica em franca oposição à doutrina das idéias platônica nega ao pensamento dialético a possibilidade de alcançar o Ser.

Contudo, o que foi negado e, desligado do pensamento dialético é religado e, afirmado na representação compreensiva (*phantasia kataleptiké*). No segundo capítulo, “A noção de

prohaíresis no pensamento de Epicteto”, demonstramos a partir da *psicascética* apresentada nas *Diatribes* e no *Enkheirídion*, que a Filosofia para Epicteto é Sabedoria prática (*phrónesis*).

Esta se desdobra em três caminhos ascéticos assentes na máxima *gnôthi sauton* e na *prohaíresis*. Ambas estão ligadas porque quando o homem se conhece, sabe que o seu bem mais precioso é a sua *prohaíresis*.

No terceiro capítulo, “O segundo tema de exercício ascético e a ternura na convivialidade”, estudamos o caráter social dos ensinamentos de Epicteto; o autoconhecimento só se completa quando a paz conquistada é compartilhada com a família e com a cidade.

No quarto capítulo, o “*Eukharistía*: instrumento de conversão (*metastrophé*) do Destino em *prónoia*”, enfim, evidenciamos a *eusebéia* epictetiana fundamente enraizada na certeza da existência da providência divina, que por sua vez, constitui a base da integração de todas as negatividades da vida.

Capítulo I

Epicteto e a Sabedoria estóica antiga

1. A ortodoxia de Epicteto

Diz-nos Pierre Hadot que “no momento em que Epicteto ensinava, havia escoado, aproximadamente, quatro séculos desde que Zenão de Cítio houvera fundado em Atenas a escola estóica”¹. Sabe-se com base nas *Diatribes* que as lições diárias de Epicteto sempre iniciavam com a leitura dos prógonos da escola, seguida de discussão². Os estudiosos deduzem daí a “ortodoxia” do filósofo estóico, contudo a testemunha mais convincente de seu engajamento à tradição da Escola são as suas palavras. Elas atestam sua profunda ligação com o ideário dos fundadores da *Stoa* por meio dos conceitos que irrompem nas suas conversações, cujo universo semântico manifesta um mundo compartilhado. Os mundos de Zenão, de Cleanto e de Crisipo pulsam no coração da palavra de Epicteto.

De sua época não se espera de um filósofo que crie novos sistemas ou apareça com alguma sutileza arditosa escrita em um ou vários volumes. Não. O filósofo é alguém que se filia a uma Escola, isto é, alguém que faz uma “opção existencial”, que escolhe um modo de vida, um caminho espiritual de transformação que consiste, basicamente, na prática de dogmas. O aprendiz de filósofo

¹ Pierre HADOT, *La citadelle intérieure*, p.89.

² “A começar por mim, assim que o dia clareia, recordo-me brevemente do assunto sobre o qual versará minha lição. Logo em seguida digo a mim mesmo: ‘Que bem pode me fazer antecipar como um ou outro explicará seu texto? A primeira coisa a fazer é dormir’”. EPICETETO, *Diatribes*, I, 10, 8.

é um praticante de Sabedoria cujo objetivo principal é a conversão para um outro modo de ser e viver:

...O ato filosófico não se situa somente na ordem do conhecimento, mas na ordem de “si” e do “ser”: é um progresso que nos faz ser mais, que nos torna melhores. É uma conversão que revoluciona a vida toda, que muda o ser daquele que a realiza. Ela faz passar de um estado de vida inautêntico, obscurecido pela inconsciência, atormentada pela inquietação, para um estado de vida autêntico, no qual o homem atinge a consciência de si, a visão exata do mundo, a paz e a liberdade interiores...³.

Émile Bréhier chega a afirmar que certamente “não seria demasiado recomendar a leitura de Epicteto para quem quer compreender o Antigo estoicismo”⁴, não obstante, muitas afirmações que Epicteto faz nas *Diatribes* nos dão a impressão de que se trata de um cristão falando de Deus e da vida. Essa impressão teria alguma consistência? O Estoicismo, no arco de tempo dos Césares, seria idêntico ao dos tempos que sucederam à morte de Alexandre ou encerra alguma novidade, alguma mudança nos seus pressupostos? Teria Epicteto, tão-somente abraçado o seguimento dos dogmas dos fundadores da Escola se tornando *ipso facto* um apóstolo da causa estóica sem lhe acrescentar coisa alguma? Seja como for, entendemos ser possível enuclear, na Sabedoria Antiga do Pórtico, pontos de intersecção com o pensamento de Epicteto, fundamentos que ele seguramente acolheu e seguiu acompanhando ao longo dos anos em que permaneceu em Nicópolis exercendo seu apostolado estóico.

2. O silêncio sobre a *physis*

Conhecida é a ausência de menção à *physis* nas duas obras fundamentais de Epicteto. Tanto nas *Diatribes* como no

³ Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p.23.

⁴ Émile BRÉHIER, Prefácio a A. VIRIEUX-REYMOND, *La logique et l' épistémologie des stoïciens*, p.v.

Enkheirídon, ele nem sequer fez uso da palavra “Física” (*tá physiká*). O silêncio de Epicteto sobre a Física estoíca, mal-interpretado por alguns estudiosos, gerou o mal-entendido de que ele tomou “outro caminho”, a saber, o “ético”, para se afastar daquele campo altamente especulativo e problemático que abrange a Ontologia do Pórtico, o domínio da *theoría* da *physis*.⁵

A bem da verdade não foi isso o que aconteceu e a explicação é bem simples: Epicteto faz parte daquela fase do Estoicismo (o Romano) em que seus *theôremata* essenciais já estavam fundados de há muito tempo. Ele simplesmente abraça e adere a antiga teoria da *physis* pressuposta na teoria do conhecimento do Pórtico que, aliás, cifra num punhado de palavras aparentemente simplórias⁶ sintetizando mais de trezentos anos de conquistas filosóficas, inclusive efetuando a transposição da Ontologia Antiga para o domínio da vida, para uma Ontologia vivida. Epicteto absorve a teoria da *physis* antiga ao adotar a Epistemologia da escola, esta proveniente das conquistas, (talvez malogros), das especulações lógicas.

...Os estoícos romanos talvez tenham sido os que deram vida longa ao estoicismo a se assumirem mestres das reflexões concernentes às ações, dispensando o desenvolvimento dos fundamentos já apresentados pelo Pórtico. Parece que na história da *Stoa*

⁵ Theodore COLARDEAU, um dos intérpretes mais importantes do pensamento de Epicteto, e que eu sigo bem de perto nos segundo e terceiro capítulos desse trabalho, vê na *phrónesis*, frequentemente presente nos conselhos de Sabedoria de Epicteto, uma tendência geral da sua Filosofia que teria inclinado para o caminho Ético se desviando *ipso facto* das discussões sutis dos fundadores da Escola, ou seja, da Doutrina da *physis* do Pórtico. É que COLARDEAU toma Epicteto nele mesmo, situando-o entre Musônio Rufo, o mestre de Epicteto, e o seu “discípulo tardio” o Imperador antonino Marco Aurélio. Destarte, Epicteto surge sob uma luz diferente daquela que o considera na perspectiva de resgatá-lo diante dos fundadores da Escola. É bom ter essa idéia sempre presente, porque aqui nessa introdução estou contra o COLARDEAU, mas lá, onde o acolho como base do que digo de Epicteto, estou a favor dele.

⁶ “Por entre as coisas, umas são de nossa competência, outras não”. EPICTETO, *Manual*, I. Existe afirmação mais simples do que essa? “Por detrás desta distinção, aparentemente banal, entre o que depende de nós ou não, se esconde, por sua vez, toda uma Ontologia, toda uma Ética”. Ilsetraut et Pierre HADOT, *Apprendre à philosopher dans l'antiquité*, p.101.

prevaleceram os textos com sentido técnico-prático mais que teórico...⁷

Epicteto não discute a Física estoica, antes trata de adotá-la como norma de vida. A Doutrina física ou *theoría* da *physis* é incorporada como “exercício espiritual”⁸ e transmutada numa Física vivida⁹. Por isso é que se impõe a necessidade de se buscar entender, sem ser exaustivo - porque não é objetivo nosso inventariar nos pormenores o Antigo Estoicismo - genericamente, algumas idéias de base que orientam a Doutrina da Natureza do Pórtico.

Interessa garimpar, no Antigo Pórtico, os princípios que servem de fundamento às afirmações de Epicteto, aos seus conselhos de Sabedoria, às noções físicas subentendidas no seu “franco falar”¹⁰. Enfim, os pontos de intersecção entre o seu pensamento e a Sabedoria estoica antiga.

3. As duas totalidades cindidas¹¹

...É ainda um princípio de Zenão que não se deve construir templos aos deuses, pois um templo tem pouco valor e não é santo: obra de arquitetos e operários não vale grande coisa. E os que aprovam essas idéias e as acham excelentes se fazem iniciar nos templos, sobem à Acrópole, se prosternam diante das estátuas dos deuses e

⁷ Rachel GAZOLLA, *O ofício do filósofo estoico*, São Paulo, Loyola, p.135. Doravante citado com a sigla O.F.E.

⁸ A expressão é de Pierre HADOT, ela indica uma das principais chaves interpretativas do historiador, não somente em face do Estoicismo, mas também diante da Filosofia Antiga em geral. Pierre HADOT, o que é a filosofia antiga? *Passim*.

⁹ Para Epicteto, a virtude por excelência é a *euroia* (serenidade), física vivida. EPICTETO, *Diatribes*, I, 4, 5-6.

¹⁰ Conforme o comentário de Flavio Arriano, discípulo de Epicteto, que na introdução das suas *Diatribes* faz alusão a essa característica do mestre de Nicópolis.

¹¹ Adoto aqui parcialmente as teses da intérprete Rachel GAZOLLA expostas no livro O.F.E, como também as dos seus luminosos artigos o “cuidado de si e escolha ética em Marco Aurélio” e o “Representação compreensiva: critério e virtude no Estoicismo Antigo”, ambos cedidos gentilmente pela autora.

colocam coroas nos santuários, obras de arquitetos e operários que são homens...¹²

Há uma tradição interpretativa que vê nesse declarado desprezo de Zenão pelas construções humanas uma prova da influência cínica na formação do filósofo. Sabe-se que o fundador do Pórtico foi discípulo de Crátes, um cínico que, por sua vez, teve como Mestre o grande Diógenes de Cínopo, o “Sócrates enlouquecido”, segundo Platão¹³. Certamente, ninguém pode negar a influência cínica no Estoicismo.

Conforme Gazolla, insta reconhecer para além do Cinismo desta asserção de Zenão uma espécie de “sagacidade” (*métis*) do filósofo estóico que a intérprete fundamenta no que ela nomeou como “o duplo registro do *lógos* estóico”. Esse excerto zenoniano seria um exemplo do uso do nomeado *lógos* crítico.

O *lógos* crítico está apontado para o universo dos valores humanos transitórios, ele opera no sentido da desconstrução das crenças estabelecidas em valores “históricos” que, por serem afins com o tempo, são vistos como puramente convencionais e baldos de sentido. O tempo para o Antigo Pórtico é um incorpóreo, o que significa dizer que o Ser - a real medida de tudo - é sem tempo.¹⁴

No outro “registro”, a Natureza é dogmaticamente afirmada como o supremo repositório do Ser, lugar primacial do Divino, do perene, fonte paradigmática dos sempiternos valores da vida, logo, lei (*nómos*) que deve ser conhecida e seguida. Esse seria o designado *lógos* dogmático. “A natureza é o próprio Ser estóico”¹⁵.

¹² PLUTARCO, *As contradições dos estóicos*, 6.

¹³ Diógenes LAÉRCIO, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, UNB, Brasília, *passim*. Doravante citado com sigla D.L.

¹⁴ A noção do “tempo” para a compreensão do Sistema estóico é relevante, GAZOLLA faz dessa idéia um dos fios condutores de sua exegética do Antigo Pórtico, seja no “o ofício do filósofo estóico”, seja nos seus artigos.

¹⁵ Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.65.

... Eles chamam natureza tanto o que dá unidade ao cosmo como o que engendra tudo o que há sobre a terra... Ela é a causa e a coesão (*syntáxis*) do todo...¹⁶

... Tudo está em tudo, e a natureza informa e nutre e faz crescer tudo, e não somente do exterior, pois não há nada que ela não toque (*apsaustón*), que ela não elabore e ordene...¹⁷

Se o *lógos* crítico exerce uma espécie de exprobração do tempo enquanto o dogmático afirma a Natureza absolutamente, fica claro que o dogmatismo estóico admite uma tensão no seio da realidade. Conclui-se que “o duplo registro, ou duplo discurso da *Stoa*” reflete uma contraposição entre “natureza e historicidade”: “uma cisão estrutural entre duas totalidades”. Gazolla, não só deduz dessa antinomia “um objetivo astucioso e pedagógico da escola: o estóico deverá ensinar o que é a natureza de modo bem argumentado, teórico, que possa servir à prática do homem histórico para sua transformação”, como também indica que uma “ponte é construída cuidadosamente” entre “a totalidade cósmica e a totalidade histórica” pelo viés da teoria do conhecimento ou Epistemologia.¹⁸

Como foi dito, uma das marcas mais visíveis da Sabedoria antiga nas “lições” de Epicteto deriva da forma como ele absorveu a nomeada Epistemologia da Escola, inclusive transmutando-a em exercício espiritual, não só no notório terceiro domínio de exercícios: aquele que concerne aos assentimentos (*hó peri tás synkatáthesis*), mas também como *phrónesis*: esta transparece no fundo de todos os aforismos pelos quais Epicteto expressa seus pensamentos.¹⁹

¹⁶ *Apud.* Eusébio, Praep. Ev., 3, 9 - SVF, II, 1132; Plutarco, St. Repug., 44 - SVF, II, 550. Traduzido por Gazolla in O.F.E., p. 64.

¹⁷ *Apud.* Galeno, Nat. Fac. 2 - SVF, II, 462. Traduzido por Gazolla in O.F.E., p.64.

¹⁸ Rachel GAZOLLA, O.F.E., *passim*.

¹⁹ Sabe-se que o *Enkheiridion*, obra tardia de Arriano, foi escrita com o propósito de sintetizar o pensamento de Epicteto, para que o leitor pudesse “ter ao alcance das mãos”, daí manual (*Enkheiridion*) os dogmas fundamentais para que pudessem ser imediatamente acionados em face das injunções das realidades da vida. Em virtude disso, esse texto em particular assume uma forma aforismática.

Ao adotar e seguir acompanhando, *mutatis mutandis*, a teoria de conhecimento da Antiga Escola, e esse é o ponto nevrálgico da questão, Epicteto assume também o pressuposto que está na origem dessa teoria, aquele para o qual ela foi criada, isto é, para ligar duas realidades cindidas, metaforicamente, a “ponte” de que fala Gazolla.

4. A anatomia da cisão²⁰

...Ser e corpo são idênticos...²¹

...O ser se diz só do que é corpo...²²

...Tudo o que age ou padece é corpóreo...²³

Assentando o cânon corpóreo do Ser, a Doutrina da *physis* estoíca cria uma Ontologia singular que vamos acompanhar, como já foi referido, em traços gerais, com o único objetivo de mostrar a origem da *ruptura* que determinou a elaboração da Epistemologia do Pórtico, tão cara a Epicteto.

Assevera o Pórtico que “Ser é corpo”. Com essa equivalência rejeita-se toda causa inteligível e incorpórea como princípio explicativo dos seres. Os estoícos se opõem veementemente à teoria das idéias de Platão e modificam, significativamente, a da substância e do Motor imóvel de Aristóteles²⁴.

A tradição que remonta aos antecessores de Platão e Aristóteles, tais como Pitágoras e Anaxágoras, que situavam o princípio das coisas nos seres intelectuais, é negada pelo Antigo

²⁰ Tomo aqui como base das minhas colocações o fecundo pensamento de BRÉHIER sobre o problema dos incorpóreos, como é sabido ele é o maior especialista no assunto e fez sua abordagem a esse tema de difícil compreensão confrontando as conquistas da Stoa com a teoria das idéias platônica e a teoria da substância de Aristóteles. Como não é meu propósito discutir a interpretação de BRÉHIER seja da filosofia de Platão seja a de Aristóteles, adiro e sigo a sua interpretação de ambos.

²¹ *Apud* Cf. Von Arnim, SVF., I, fr 90. Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, p.299.

²² *Apud* Cf. Von Arnim, SVF., II, fr. 329. Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, p.299.

²³ *Apud* Cf. Von Arnim, SVF., II, fr. 329. Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, p. 299.

²⁴ “Por isso os estoícos são levados a sustentar contra Aristóteles que a causa primeira não é imóvel, mas móvel”, Émile BRÉHIER, *Crysippe et l’ancien stoïcisme*, p.129.

Pórtico. Nesse ponto, epicuristas e estóicos estão de acordo: é nos corpos que eles querem ver as únicas realidades. Há uma cisão profunda entre a Ontologia platônica e a Ontologia do Pórtico que surge do interior da Doutrina da *physis* da *Stoa*, a partir da reflexão sobre os incorpóreos que se desdobra e repercute em todo o sistema estóico e em vários níveis.²⁵

Um dos efeitos imediatos que se fez sentir com toda a força foi a adoção da tese sofista da aparência como medida do Real, “a verdade é percebida imediatamente na sensação tomada em si mesma”²⁶ se bem que, tomada com intenção oposta a dos sofistas, isto é, fundar o critério da verdade absoluta, conforme o manifesto dogmatismo da Escola.

5. Os incorpóreos (*asómatos*)

O sentido geral da teoria dos incorpóreos é a seguinte:

... Identificando o Ser com o corpo, eles são, portanto forçados a admitir, se não como existências ao menos como coisas definidas o espaço e o tempo. É para esses nada de existência que eles criaram a categoria do incorporal...²⁷.

Os incorpóreos são o exprimível (*lékton*), o vazio, o lugar, e o tempo. Conquanto Bréhier na citação acima não mencione o “exprimível”, este também faz parte dos incorporais.

Diógenes Laércio guardou para nós um conceito de incorpóreo que, no mínimo, soa estranho: “Fora do *Kosmos* difunde-se o vazio infinito, que é incorpóreo. Incorpóreo é aquilo que, embora seja capaz de conter corpos, não os contém”²⁸.

²⁵ Émile BHÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, *passim*.

²⁶ Émile BRÉHIER, *Chryssippe et l'ancien stoïcisme*, p. 80.

²⁷ Émile BHÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, p. 2.

²⁸ D.L., VII, 140.

As noções de Infinito e de incorpóreo aparecem ligadas no recolhimento das Doutrinas antigas feito por Diógenes. A explicação é que não existe e não pode existir um corpo infinito, já que para que haja corpo é necessário matéria qualificada²⁹, logo, algo circunscrito e, portanto existindo dentro de certos limites.

Uma vez que o Ser para ser, no Estoicismo, passa pelo estatuto da corporeidade, rigorosamente falando, não deveria haver nenhum “ser incorpóreo” e, no entanto, os estóicos admitem que o incorpóreo seja “alguma coisa” (*ti*), certamente num grau degenerado de ser, isto é, entre o Ser na sua plenitude de Ser e o nada na nulidade do seu não-ser.

O vazio deriva da noção de *Kosmos* porquanto “o mundo é um só e finito e sua forma é esférica”³⁰ e que “fora do *kosmos* difunde-se o vazio infinito”³¹. O Estoicismo ao conceber o mundo como feito de uma peça só, compacto e homogêneo, diversamente uno ou unificado na sua diversidade, deixa de fora o vazio. Com efeito, só pelo fato de se ter um mundo, prefigura-se o vazio, um quase-ser³², um nada que adere ao que existe, ou seja, ao existente. Aliás, o vazio não pode ser pensado a partir do nada mesmo. O vazio é sempre vazio de alguma coisa, o vazio “em si” é absolutamente impensável, daí a sua existência derivada, pobre, dependente.

... A natureza é o próprio Ser estóico, sempre em movimento necessário, mas os incorpóreos despregam-se dela, desse agir-padecer constante dos corpos, configurando uma espécie não-física, que é “algo” (*ti*), mas não é o Ser/corpo...³³

²⁹ D.L., VII, 134, 150. “a substância é corpórea e finita”

³⁰ Ibid., VII, 140.

³¹ Ibid., VII, 140.

³² A Expressão é de Victor GOLDSCHMIDT no “o sistema estóico e a idéia de tempo” no intuito de esclarecer a noção de incorpóreo. No “o ofício do filósofo estóico” parece que essa *notio* foi aceita por GAZOLLA, p. 65.

³³ Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.65.

O espaço diferencia-se do vazio porque é lugar, lugar ocupado por corpos, isto é, porque há corpos infere-se que há lugar (*tópos*). A idéia de tempo estóica possui dois registros, a saber: o tempo infinito (*aion*) e o tempo finito (presente). O primeiro está fundado no passado e no futuro dado que são concebidos como extremidades infinitas do tempo, enquanto o segundo se estriba numa espécie de temporalização da eternidade, isto é, na limitação do tempo Infinito que reduzido, se metamorfoseia em presente.³⁴ “O tempo passado e o futuro são infinitos, e o presente é finito”.³⁵

... A originalidade da teoria estóica é de interpretar este “é” eterno e imutável num sentido temporal... no estoicismo a temporalização da eternidade, ou, se preferem, o privilégio concedido ao presente de ser um tempo e de concentrar, no entanto, em si o acabamento e a perfeição que o platonismo reservou a eternidade...³⁶

6. A negação do tempo e a unidade do mundo

A asseveração de tais noções tem um destino certo, elas visam à atacar os alicerces daquelas Filosofias, cujos fundamentos metafísicos se esteiam em princípios colocados “fora do mundo”, num “lugar” eterno e perfeito, seja no “Mundo das Idéias”, seja no Mundo supralunar do “Primeiro Motor”, além disso, elas põem o “Ser no tempo”, pois que, é no tempo que todas as coisas existem e se movem. Em outras palavras; para o pensar da *Stoa* não há “Ser fora do tempo” como há, por exemplo, na Metafísica Aristotélica.

... Ao rejeitar a divisão aristotélica entre a região do necessário, supralunar, relacionada ao *theoreîn* como a mais alta atividade humana, e a região do contingente, sublunar, relacionada ao *práttein*, a *Stoa* firma um só mundo...³⁷.

³⁴ Victor GOLDSCHMIDT, *Le système stoïcien et l' idée de temps*, *passim*.

³⁵ D.L., VII, 141.

³⁶ Victor GOLDSCHMIDT, *Le système stoïcien et l' idée de temps*, p.31.

³⁷ Rachel GAZOLLA, O.F.E..., p.112.

Contudo, paradoxalmente, ao operar o encaixe do “Ser no tempo” o Estoicismo Antigo viu-se obrigado a negar a eficácia do tempo; este nem age nem padece, o que significa dizer que é como se praticamente não existisse, isto é, um “nada que é alguma coisa”.

Para ser fiel a realidade, como diz Bréhier, a Escola Antiga quer mesmo é negar a “ação do tempo”, sua efetividade:

... O tempo se toma em dois sentidos, tal como quando dizemos terra, pode-se pensar seja numa parte deste ser, seja no todo. No segundo sentido... o tempo é indefinido. O termo oposto é evidentemente o tempo limitado. Ora esse tempo limitado não é definido, nós sabemos, a não ser pelo movimento circular que o mede... esse tempo está no meio do tempo infinito como o lugar do mundo no vazio. Por meio dessa nova definição, Crisipo esperava, ligando o tempo ao mundo como uma consequência à seu princípio, atenuar a realidade e a eficácia do tempo? Tal era provavelmente sua intenção. O tempo determinado, o único que permite uma medida é posto como o efeito da expansão do único ser real, o mundo...³⁸

Gazolla segue bem de perto esta hermenêutica do tempo que parece permear toda a obra “O ofício do filósofo estóico”:

... Pois bem, o passado e o futuro são noções, não são corpóreos. A temporalidade indicada nas paixões, que repousa na relação com o outro, deve ceder a uma nova dimensão “temporal” que seja pontual, quase inexistente porque encravada no presente como instante. E o que é o instante senão ausência de tempo?...³⁹.

Com efeito, rigorosamente falando, não é o Ser que cai no tempo, antes é a própria transcendência que é negada absolutamente. Assim sendo, toda a Realidade é absorvida em uma

³⁸ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, p.55.

³⁹ Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.165. Esse modo de conceber o tempo ocasiona reflexos profundos no modo de compreensão da dinâmica das virtudes no Estoicismo. Por conta desse fato a intérprete nega que a aquisição das virtudes seja “progressiva”, atitude coerente diante do tempo como incorpóreo, a aquisição das virtudes não admite progressão no tempo, portanto ela deve ser “pontual”. A *Ataraxia* e a *Apathéia* serão lidas pela intérprete como “virtudes pontuais”.

Única entidade - quase como o Ser Eleata de Parmênides se não fosse a total ausência de movimento - onde tudo é reduzido à mais Pura Imanência.

... Os estóicos quiseram conciliar a existência no tempo de todos os seres e do próprio Deus com a necessidade e a perfeição desses seres. Por isso eles tiraram do tempo toda espécie de existência real e conseqüentemente toda ação sobre os seres. ‘Eles o colocaram’, diz um platônico, “no pensamento vazio; ele é para eles sem consistência e muito próximo do não-ser”... ⁴⁰.

O resultado é um *kosmos* que sorve pelos seus poros - como se inalasse e embebesse - as realidades que os filósofos anteriores colocaram fora desse mundo. O *Kosmos* estóico absorve e assimila o Divinal, e a Natureza aparece transfigurada em uma numinosa sacralidade atemporal, a *Unidade do mundo nadifica o tempo*.

7. A negação da transcendência e a divinização do mundo

Importante salientar que quando os estóicos operam a negação do “Transcendente” eles não o fazem com o objetivo de extirpá-lo para jogá-lo no “não-ser”, ao contrário, trata-se de sua inclusão no Ser, porém ao fazê-lo o que é lançado no “não-ser” são justamente o tempo, o lugar, o exprimível e o vazio, ou seja, os incorpóreos; e, em certa medida, “o pensamento” naquilo que ele tem de exprimível, isto é, de incorpóreo também.

Procedendo a inserção da Divindade no Mundo, pela via apofática da negação da transcendência, compactando o todo da Realidade no “aqui e agora”, na mais pura imanência, o *kosmos* passa a Ser a própria Divindade. Por meio dessa negação-afirmativa, a Sabedoria antiga do Pórtico efetuou a apoteose da Natureza e, ao mesmo tempo, uniu novamente o Divino com o

⁴⁰ Émile BRÉHIER, *Études de philosophie antique*, p.111.

humano⁴¹ que se apresentavam separados à época da fundação do Pórtico constituindo o nomeado novo *éthos* grego.

Sem essa noção dificilmente se entende o sentido das afirmativas de Epicteto diante de uma Natureza deificada. A fusão Divino/Natureza acarreta conseqüências imensas no Sistema constituindo o próprio fundamento da Doutrina:

... Ora, a *Stoa* pensou uma natureza divina em que todos os seres naturais, sensíveis ou não-sensíveis – e o que é físico é o corpóreo que age e padece –, são divinos por força do fundamento... Assim, a virtude é divina, a alma é divina, os astros são divinos, as pedras, os homens... Harmônica, orgânica, normativa, geradora, divina: a natureza estóica é, afinal, uma produção artística cujo Demiurgo é Zeus...⁴².

A compactação de dois mundos em um só teve seu preço. Enquanto a Unidade do mundo é afirmada, ao pensamento é negada a capacidade de alcançar a Realidade.

A Doutrina estóica relativa à teoria da linguagem, isto é, a lógica, reconhece três coisas ligadas entre si na reflexão que faz sobre o incorpóreo “expressível”. Se tomarmos como exemplo o termo “Dion”, encontramos o que significa, ou seja, a própria palavra “Dion”, o significado, isto é, aquilo que pensamos ou compreendemos quando lemos a palavra, e o “Dion” em pessoa, ou seja, o objeto. A Ontologia estóica sanciona como corpóreos somente a palavra e o objeto “Dion” ao passo que *o significado é ajuizado e classificado como incorpóreo*. “Os estóicos concebem, além disso, um intermediário entre o pensamento e a coisa, que eles nomeiam de expressível”⁴³.

⁴¹ GAZOLLA demonstra no O.F.E., que a reunificação do Divino com o humano operado de forma dogmática pela Antiga Escola, teve como pano de fundo a unidade perdida do homem grego arcaico. O novo *éthos* grego que irrompe da “desintegração da unidade arcaica *physis-nómos*” horizonte temporal onde lei e natureza coexistiam numa espécie de comunhão sagrada.

⁴² Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.59 e 64.

⁴³ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, p.15. *O grifo é nosso*.

... É preciso ter isso em conta: o *lógos* (e devemos ler aqui como sinonímia de *lógos*, o pensamento em ação, ou a realidade impressa no pensamento) é corpóreo e incorpóreo, corpóreo porque a própria *physis* é corpórea, e incorpóreo como sentido emanado do movimento dos corpos. Neste caso, é um exprimível, é a própria linguagem nascida do mover-se da natureza...⁴⁴.

8. A intuição corpórea do Ser

Acompanhamos a teoria dos incorpóreos pelos meandros da Ontologia do Pórtico com o único propósito de compreender o fundamento pressuposto na Epistemologia Estóica aceita e seguida por Epicteto. Chegamos assim àquele lugar de onde melhor se pode ver a origem da rachadura que fendeu “pensamento e Ser” em duas partes distintas, antes ligadas pela Filosofia platônico-aristotélica, no coração do vórtice que engendrou a cisão. O “exprimível” tem forte conexão com a lógica da Escola e é meditando sobre ele e nas suas conseqüências em face das relações entre o pensamento e o objeto do pensamento, que são afastados tanto o Ser do pensamento lógico, como o pensamento lógico do Ser. Ambos serão ligados depois (porque na lógica isso é absolutamente impraticável), mas, de outro modo e em outro domínio do Sistema:

... Essa dissociação entre corpo e incorpóreo tem um grande papel no Estoicismo primitivo e no seu desenvolvimento. Destaquemos primeiro que a disposição de espírito a qual ele responde é comum aos estóicos e aos seus contraditores, os Acadêmicos e os céticos. Para estes, a separação do pensamento do Real conduziu a negação da ciência. Para os estóicos, ela levou a uma dialética de extrema pobreza e incapaz de reproduzir as ligações reais das coisas. Somente os estóicos permaneceram dogmáticos: *É que eles admitiam ao lado e fora da dialética, um modo de conhecer e de saber de uma natureza toda outra, a representação compreensiva*. Uma tal representação

⁴⁴ Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.96.

não é incorpórea, como o exprimível, mas uma ação real de dois corpos um sobre o outro, proveniente de sua tensão interior...⁴⁵

Se “Ser é corpo, e corpo é tudo que age ou padece”, a Epistemologia do Pórtico, guiada pela teoria da representação (*phantasia*) e seguida por Epicteto, está assente sobre uma Ontologia que tem por fim garantir o estatuto de corporeidade entre realidades que caso não fossem corpóreas não poderiam interagir. Aquilo que foi separado na lógica ou dialética é agora reaproximado pelo viés da corporeidade: “Desses corpos um é o objeto exterior o outro é a parte hegemônica da alma”.⁴⁶

... Esse modo de conhecer, união íntima da alma com o seu objeto, não tem nenhuma espécie de relação com o conhecimento dialético: este só atinge os exprimíveis, aquele o objeto nele mesmo, o ser com sua qualidade própria por detrás da rede de eventos que aparecem no exterior. É um conhecimento do real que é intuitivo e certo...⁴⁷

A noção de Deus (*theós*/Divindade) e a noção de Bem (*agathós*), por exemplo, para Epicteto são oriundas desse “conhecimento do real que é intuitivo e certo” proveniente do modo específico que os estóicos enxergam a *psykhé* humana, que é corpórea, em sua inter-relação com o mundo que a *afeta*, que por sua vez também é corpóreo.

... Todo o campo dialético diz respeito aos incorpóreos, e devemos entender, mais adiante, como a física, que é corpórea, pode fundamentar o exercício do homem que quer estar em conformidade com ela e que, para isso, se utiliza dos incorpóreos. *Note-se, então, que o domínio da historicidade é atingido, de algum modo, pela física*

⁴⁵ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, p.62. O grifo é nosso. Clareia-se o que foi afirmado na quinta página desse trabalho, a saber: os estóicos fundam o critério da verdade na representação compreensiva, por isso é que eles “puderam permanecer dogmáticos”.

⁴⁶ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, 62.

⁴⁷ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, 62.

que se presentifica, na medida do possível, na incorpórea eticidade humana mediante a naturalidade das noções... ⁴⁸.

Tanto Epicteto como a Sabedoria antiga do Pórtico, asseveram que *todo o homem tem um conhecimento natural da Realidade essencial*⁴⁹, porque a Natureza imprime na *psykhé* do homem as noções fundamentais de que ele necessita para conduzir bem a sua vida. “A preconcepção é a inteligência natural do universal” ⁵⁰. Inscreve-se também aí a Doutrina da alma onde os estóicos discutem a natureza e o modo de interação da *psykhé* com o mundo a sua volta por meio da sensação, das *pathémata*, isto é, das afecções, das coisas que tocam e afetam o hegemônico (*hegemonikón*): “parte da alma que tem o poder de dirigir” ⁵¹.

... Com efeito, viemos ao mundo sem ter naturalmente nenhuma noção do triângulo retângulo, do sustenido ou do semitom, mas é pelo ensinamento das artes que aprendemos cada uma dessas coisas, e por isso, aqueles que não as conhecem não imaginam conhecê-las. Ao contrário do bem e do mal, da beleza e da feiúra, daquilo que convém e do que não convém, da felicidade, da conveniência, daquilo que nos concerne, daquilo que é preciso fazer e daquilo que não se deve fazer, quem veio ao mundo sem ter noção inata? ...⁵².

9. A *phantasia kataleptiké* entre a alma e o mundo

A teoria da representação compreensiva (*phantasia kataleptiké*), de certo modo, perpassa todas as “falas” de Epicteto recolhidas por Flávio Arriano. No *Enkheiridion* é o tema principal.

⁴⁸ Rachel GAZOLLA, O.F.E., p. 109. *O grifo é nosso*.

⁴⁹ “Para conhecer a vontade da natureza, pode-se partir das coisas sobre as quais nós não estamos em desacordo. Como quando o escravo de alguém parte uma taça e nos vem logo aos lábios dizer: “são coisas que acontecem”. Mete-te bem na cabeça que, quando for a tua a ser quebrada, é necessário que tenhas a mesma atitude que quando foi a doutra pessoa”. EPICTETO, *Manual*, XXVI.

⁵⁰ D.L., VII, 54.

⁵¹ Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.216.

⁵² EPICTETO, *Diatribes*, II, 11, 2-4. Jean-Joël DUHOT, *Epicteto e a sabedoria estóica*, p.136, 137.

Nele, a maioria, para não dizer a totalidade, dos conselhos de Sabedoria de Epicteto giram em torno da *phantasia kataleptiké*. É comum, por exemplo, as expressões: “toma atento para não te deixares levar pelas representações”, “vigia para não te deixares subjugar pela ‘idéia’ (*phantasia*)”, “esforça-te antes de tudo por não te abandonares ao sabor das primeiras impressões (*phantasiai*) que chegam”, e assim, os exemplos se multiplicam ao longo de todo o *Enkheiridion*.

... Portanto, em primeiríssimo lugar, a cada representação penosa, exercita-te a dizer-lhe: “És uma representação (*phantasia*), de forma alguma aquilo que representas (*phainómenon*)”. Em seguida, examina-a, avalia-a segundo as regras que segues e, sobretudo, segundo a primeira: a saber, será ela uma das coisas que são da nossa competência ou da que não são? E, se for uma das que não são da nossa competência, guarda prontíssima esta resposta: “Isto para mim não é nada”...⁵³.

Essas admoestações de Epicteto denotam um modo de compreensão de como a *psykhé* e o mundo interagem; as suas máximas filosóficas estão fortemente ancoradas no que se pode nomear de *theoría impressionista*, depreendida da Doutrina da alma estoíca. Sabe-se que um dos “exercícios espirituais” mais importantes, senão o mais importante para ele, é o de se “fazer um bom uso das representações (*phantasiai*)”, tema recorrente nas suas conversações: “Com efeito, o que há de mais em dizer que o fim consiste em seguir os deuses e que a essência do bem é o bom uso das representações?”⁵⁴.

Verificando que Epicteto centraliza a palavra no “bom uso das representações”, compreendemos o quanto deve à teoria dos incorpóreos.

Com o objetivo de finalizar essa primeira etapa de nossa introdução repassemos o que foi visto:

⁵³ EPICTETO, *Manual*, I.

⁵⁴ EPICTETO, *Diatribes*, I, 20, 7-9.

O pensamento, enquanto “expressível”, é incapaz de produzir um conhecimento válido do Real porque, simplesmente, não consegue alcançá-lo:

...Para que o conhecimento atinja o real, os estóicos são obrigados a separar radicalmente pensamento dialético e representação da realidade, e de colocar este último no único mundo real, o mundo dos corpos...⁵⁵.

... Eles admitem ao lado e fora da dialética um modo de conhecer e de saber de uma natureza toda outra, a *representação compreensiva*... Esta é um apossamento do objeto e uma espécie de penetração íntima...A cisão completa entre esse modo de conhecer e o pensamento racional e lógico, cisão que deriva da teoria dos incorpóreos, terá no seguimento do estoicismo uma imensa influência...⁵⁶.

Bréhier atribui a “essa imensa influência” da teoria dos incorpóreos, a tendência acentuada dos sucessores imediatos dos fundadores da Escola em abandonar “a dialética estéril e o raciocínio hipotético” para se dedicarem ao desentranhamento das conseqüências do “conhecimento intuitivo”, uma vez que só ele é reconhecido como “ativo e real”.⁵⁷

É proveniente do influxo da teoria dos incorpóreos a “visão” estóica do conhecimento como “atividade”⁵⁸, tanto quanto o “estoicismo exclusivamente moral dos tempos posteriores que só admitem a contemplação na medida em que ela pode servir a atividade”.⁵⁹

Se tomarmos como base o conhecimento como “apossamento do real”, conhecimento cujos alicerces repousam sobre a teoria da representação compreensiva, desdobram-se ainda

⁵⁵ Émile BRÉHIER, *Études de philosophie antique*, p.116.

⁵⁶ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, p.63.

⁵⁷ *Ibid.*, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, *passim*.

⁵⁸ Um dos traços fortes da Filosofia de Epicteto.

⁵⁹ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, *passim*. Exemplo em que Epicteto também se encaixa.

duas tendências das quais Epicteto não está totalmente ausente. O estoicismo místico amalgamado ao Platonismo dos sistemas alexandrinos e, enfim o “conhecimento intuitivo e inefável do Ser dos místicos que se aproxima mais da representação compreensiva dos estoicos que da contemplação das idéias”.⁶⁰

Foi demonstrado que a teoria dos incorpóreos (*asómatos*), doutrina gerada no útero da teoria da *physis* do Antigo Pórtico, criou um problema epistemológico sem precedentes na história da Filosofia, separando o “ser” do pensamento lógico-dialético do “Ser” mesmo. Contudo este foi religado corporeamente por meio da representação compreensiva.

Portanto, fica provado também, dado o lugar e a importância que Epicteto reserva e dá a teoria da representação compreensiva, o ponto de onde partimos, a saber: a influência do Estoicismo primitivo, por meio da teoria dos incorpóreos - produto incontestado da *Stoa Antiga* – sobre os fundamentos dos exercícios de Sabedoria expressos na palavra de Epicteto.

No entanto, para se compreender em toda a sua extensão e lonjura o acolhimento da Sabedoria Antiga do Pórtico patente na *phantasia kataleptiké* de Epicteto surge a injunção de se aclarar outros princípios da Doutrina física inerentes a ela (*phantasia kataleptiké*), aqueles articulados com certas noções de base de que trataremos a seguir.

10. A Diversidade Una do Pórtico

... Os estoicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os nervos correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então comparam-na a um ovo: a casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física...⁶¹

⁶⁰ Émile BRÉHIER, *La théorie des incorporels dans l'ancien stoïcisme*, p.63.

⁶¹ D.L., VII, 39.

A Doutrina estóica afigura-se como um “todo articulado”. A sua estrutura física-ética-lógica, se apresenta de tal forma costurada que todos os seus flancos estão amarrados, e, tão bem suturados que se mexemos com quaisquer uma de suas partes há imediatamente implicação no todo de que faz parte esta parte.

Muito embora o que afirmamos seja recorrente e extremamente comum nos estudos feitos sobre a *Stoa*, aqui isso pode ser observado: seguir a discussão a partir da Ontologia estóica sobre os incorpóreos para provar a “inspiração Antiga” dos pensamentos de Epicteto nos levou até certo ponto: a representação compreensiva. Todavia para se aprofundar as correlações existentes, isto é, as implicações desta teoria, há mister acessar outras noções de base da Escola estóica a fim de que o empreendimento não malogre.

O estóico primitivo tem nostalgia da Unidade. Sabe-se que os fundadores do Pórtico estão ancorados num período histórico, o helenístico, em que se viveu a dilaceração de muitos valores que estruturavam e davam sentido a vida, por isso ele quer restabelecer a unidade perdida decorrente deste estado de coisas inspirando-se no homem grego arcaico, que desfrutou o período em que lei (*nómos*) e natureza (*physis*) conviviam em regime de comunhão sagrada. A Sabedoria Antiga do Pórtico afirma a Unidade de diversas formas e modos:

... De acordo com os estóicos, os princípios são dois: O ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade – a matéria; o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus... a fusão da essência e da matéria é perene e perfeita... a mente penetra em todas as partes do cosmos, como a alma em nós...⁶²

Já apontamos que a *weltanschauung* estóica não admite distância entre o físico e o divino, entre o mundo de Deus e o Deus do mundo. Não há nada que exista no mundo em que Deus não

⁶² D.L., VII, 134, 151.

esteja presente de alguma forma. O “ativo” e o “passivo” não se manifestam separados. “Os dois princípios, agente e paciente, se unem dentro do cosmos, e não são mais a partir de então duas individualidades distintas, mas dois princípios de um indivíduo único”⁶³.

Esta unidade dualista, de dois princípios sempre interligados é um dos fundamentos mais importantes da escola. O procedimento dos estóicos nesse caso é o de postular a Unidade a partir do princípio e dela deduzir o diverso. Este permanece sempre Uno digamos assim, nas suas entranhas, porque ele é a essência que dá sustentação e sentido ao diverso.

11. O Zeus poliônimo de Cleanto

“Zenão chama *lógos* ordenador as coisas da natureza e demiurgo do mundo”⁶⁴, conseqüente com o dogma do princípio duo de todas as coisas, o “demiurgo” de Zenão não age fora de si mesmo, o seu campo de atuação e existência é o próprio *cosmos*, é nele e por ele que se manifesta até mesmo sob a capa de muitos nomes, uma variedade de palavras que têm por fim apontar, traduzir e colher a Unidade por detrás da diversidade.

Já Cleanto, em seu “Hino a Zeus”, declara: “ Ó glorioso, mais que todos os outros, Ó suma potência eterna, Deus dos muitos nomes”⁶⁵. A sentença de Cleanto sobre o caráter poliônimo de Zeus revela uma tendência geral da escola que assinala um caminho oposto ao que foi anteriormente descrito. A via que se nota agora é a que vai da diversidade para a unidade.

Faz-se útil lembrar aqui a Teologia negativa do neoplatonismo. Enquanto esta chega à noção de Deus pelo que ele não é, já que nada pode ser dito Dele enquanto Ser, tamanha sua

⁶³ Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, p.117.

⁶⁴ Apud, Lactancio, de vera sapientia, 9. Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.125.

⁶⁵ Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, v. III, p.311.

transcendência, o estóico, coerente com o seu imanentismo, pode nomeá-lo como queira, desde que “mostre suas perfeições, sua bondade, sua onipresença e sua solicitude por cada um”⁶⁶.

O discurso estóico por conta disso se afigura múltiplo. Relacionando causas diversas, um “enxame de causas”, como notará Victor Goldschmidt⁶⁷, configura-se num entrelaçamento de várias noções, tais como: *lógos* (palavra pensada ou expressa com sentido, argumento, pensamento), *pneûma* (sopro, espírito), *physis* (natureza, brotação), *heimarméne* (destino) *prónoia* (Providência), que é preciso deslindar para que se possa levantar os conteúdos nocionais que interagem com a idéia de representação compreensiva, traduzida em exercício espiritual por Epicteto.

12. O pneûma

... Crisipo responde... com sua teoria do *idiôs poioun*, característica permanente de um ser. Ela contém a afirmação que cada ser tem uma originalidade irreduzível, inexplicável pela simples composição de seres ou de princípios preexistentes. A individualidade não é alguma coisa de negativo, pelo qual o ser não atinge o modelo comum de sua espécie, mas algo muito positivo...⁶⁸.

Para que a sensação seja o critério da verdade, dado que o estóico não aceita que as idéias sejam a medida do Ser, é preciso assegurar que as coisas que se apresentam à nossa percepção sejam realidades em si mesmas. Ora, aquilo que se apresenta por meio das sensações é sempre “este ser” em particular. Quando o homem interage com o pão para comê-lo, não é com a idéia genérica de pão que ele contata, mas com o pão “em pessoa”, um particular, um indivíduo. Em outras palavras, se há *phantasia*, isto

⁶⁶ Jean-joël DUHOT, *Epicteto e a sabedoria estóica*, p.80.

⁶⁷ Victor GOLDSCHMIDT, *Le système stoïcien et l'idée de temps, passim*.

⁶⁸ Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, p.110.

é, uma marca, uma impressão na alma, é porque há um ser real e individual que se apresentou.

... Essa teoria dos corpos individualmente distintos está em harmonia com a sua maneira de considerar o conhecimento; o conhecimento se compõe de atos distintos de apreensão, e esta apreensão é uma espécie de contato da alma e o objeto...⁶⁹,

O *pneûma*, agente corpóreo, sopro vital e quente, é que *tonifica* os seres garantindo-lhes a coesão que lhes sustenta a condição da individualidade. Bréhier afirma, que a concepção da noção de *pneûma* é proveniente do fenômeno de expiração comum aos seres vivos, ele é qualidade do vivente, o sopro quente que lhe sai das narinas. Quem está morto, deixou de possuí-lo, o sopro vital não o habita mais.

A noção de *pneûma* também vem em socorro da combinação do princípio ativo com o passivo. Ele como *tónos* está presente na matéria, como o incenso no ar, num tipo de mistura em que a interação dos princípios resguarda a individualidade de cada um. Todavia a noção que nasceu para explicar a coesão dos seres individuais vivos acabou se generalizando como “o principio da unidade de todo indivíduo corporal, animado ou não. Do início ao fim da escala, da pedra ao ser racional, cada ser é caracterizado por um <<espírito>> que lhe é próprio e que o faz ser o que ele é”.⁷⁰

Como nos explica Gazolla ao comentar um excerto da obra *Psykhé*, de E.Rohde⁷¹:

⁶⁹ Émile BRÉHIER, *Chrysispe et l'ancien stoïcisme*, p.111.

⁷⁰ Émile BRÉHIER, *Chrysispe et l'ancien stoïcisme*, p.120.

⁷¹ “A divindade, que é, de uma só vez, matéria, espírito e princípio formal, emana de si a diversidade dos fenômenos e volta a recobrar o diverso e diferente na unidade de seu sopro vital e ardente. Assim, em tudo o que é forma, vida e movimento o divino é conteúdo e forma unificadora; ele é e atua como relação no inorgânico, como natureza nas plantas, como alma irracional nos seres viventes, e como alma racional e pensante no homem”. Apud., E. ROHDE, *Psique*, Barcelona, labor, 1973, vol II, p. 528. Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.141.

... A potência compreendida, por exemplo, nas pedras, na madeira, é a presença do *pneûma* de modo mais pesado e pouco tônico quando comparado com a instância dos vegetais. O sopro será designado, então, alma (*psychê*) quando sofrer um resfriamento que o tonifica violentamente, torna-o mais sutil, fazendo-o próprio dos animais. Como *tudo no cosmo é animado*, tem alma como já foi visto, a alma dos animais tem sua qualidade e sua tonicidade próprias, diversas das da alma mineral...⁷²

“A ação nomeada *tonos* consiste essencialmente na força que retém juntas as partes do ser para impedi-las de se dissipar”, ora, o *tónos* é o próprio *pneûma* presente nos corpos garantindo-lhes coesão, isto é, o modo do ativo misturar-se ao passivo; este princípio generalizado será também o fundamento da teoria da mistura total (*krâsis di hólon*).

Crisipo apresenta a teoria da “mistura ou comistão total” como uma conseqüência direta do modo como compreende a “ação do *pneûma*”: “o sopro que age sobre um outro corpo sem ser afetado por ele deve verdadeiramente penetrar esse corpo passivo, em tudo permanecendo idêntico a si mesmo; o que constitui a “comistão total”.

Para finalizar nossa sucinta abordagem do *pneûma* lembremos que o *tonos* por representar o modo de presença do sopro espelha e exprime a própria vida, e por isso, guarda também um forte nexos com o terapêutico, com o medicinal. Nessa *diatribé* ocasião em que Epicteto se refere diretamente ao *pneûma* este transparece com forte conotação terapêutica:

... A alma é como uma bacia de água, e as representações são como o raio luminoso que reflete na água. Quando a água está agitada, o raio luminoso também parece agitado, contudo ele não o é. E quando se está nas trevas, não são nem as artes nem as virtudes que

⁷² Rachel GAZOLLA, o.f.e., p. 141. *O grifo é nosso*.

se obnubilam, mas o *pneûma* no qual elas se encontram. Se ele reencontra seu repouso, também elas o reencontram...⁷³.

A noção de *tónos* é fundamental no Estoicismo para se compreender o modo como as paixões exercem seu influxo sobre a alma, até mesmo para considerar o estado de perturbação ou de serenidade resultantes do modo de interação com elas. A teoria do *pneûma* é o modo específico do Estoicismo lidar com estas questões. Pierre Hadot observa que todas as filosofias do período helenístico desenvolveram uma medicina das *pathémata* (afecções), que ele nomeou de “uma terapêutica das paixões”⁷⁴. A palavra de Epicteto sobre o *pneûma* firma que é dele que vem a saúde do espírito que em primeira instância depende do *tonos* da alma.

A doutrina do *pneûma* e o modo de compreensão da natureza e funcionamento da alma são muito unidos e estão na base das noções que sustentam a teoria da representação compreensiva de Epicteto. Sendo assim, exploremos mais um pouco essas idéias antes de tratarmos da *Heimaméne*, do *lógos* e da *prónoia*.

13. A alma

Segundo o inventário de Bréhier das noções da alma a época do Pórtico, estas podem ser divididas em três grupos básicos, a saber:

1. Como força vital e princípio de respiração e de movimento;
2. Como sujeito permanente do destino de um ser, que persiste apesar das vicissitudes corporais,
3. Como sujeito das funções nomeadas hoje psíquicas, do conhecimento, das paixões⁷⁵.

⁷³ EPICTETO, *Diatribes*, III, 3, 20-22. Tb., in Jean-joël DUHOT, *Epicteto e a sabedoria estoíca*, p.158., trad. Marcelo Perine.

⁷⁴ Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p.23.

⁷⁵ Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, p. 157.

O intérprete afirma ainda que todas as escolas da época tentam uma síntese dessas noções e que o Pórtico a seu turno empreenderá a sua guardando o significado de alma “ em sua essência como princípio ou sopro vital”.Com base nessa concepção “eles vão se esforçar para dar conta do conhecimento e do destino humano”.⁷⁶

Em primeiro lugar é preciso dizer que a alma para os estoicos é corpórea, se ela existe se ela é real, é porque “age e padece”, em caso contrário ela seria um “nada” um quase-ser, um incorpóreo. Para Crisipo e Cleanto, o que sempre foi interpretado como típico fenômeno da alma, isto é, do “espiritual e imponderável” para eles é o que prova o estatuto corpóreo dela. Se o triste chora, por exemplo, ou o envergonhado cora a face, esses são sintomas de que a alma “age e padece” e que, portanto existe concretamente como ser/corpo:

... Eles abandonam a alma imaterial de Platão; conforme Cleanto e Crisipo, a corporeidade da alma é na verdade o único meio de explicar a ação que a alma pode ter no mundo ou as paixões que ela pode sofrer: a expressão das emoções, as semelhanças morais entre ascendentes e descendentes, o conhecimento sensível que só guarda explicação se a alma for um corpo...⁷⁷

Uma vez rejeitada a doutrina da alma platônica, o Pórtico esteará sua explicação da origem corpórea da alma numa espécie de “biologia pneumática” em que a descrição ontogenética do sopro vital fundamentará a teoria psicogênica da Escola, até mesmo apresentando uma teoria precoce da hereditariedade:

...O gérmen do ser vivente contém um sopro vital, fragmento da alma do genitor. Esta semente contém, por sua vez, uma razão seminal, isto é, a razão regular e fatal segundo a qual ele se

⁷⁶ *Ibid.*, p.157.

⁷⁷ Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, p. 158.

desenvolverá... mais exatamente, ela contém em si uma mistura muito complexa de razões seminais, cada uma delas representando um germen dos ascendentes do indivíduo considerado...⁷⁸.

E como se pode prever facilmente, da luta desses germens entre si emergirá a nova individualidade com os caracteres dos ascendentes que venceram a disputa. É por aí que eles explicam a semelhança entre parentes.

...O sopro vital só se torna alma a partir do nascimento, por sua comistão com o ar exterior que tem lugar na primeira inspiração; o ar frio age sobre ele, tonificando-o e tornando-o mais leve e mais sutil. *Quer dizer que ele se torna capaz de receber as impressões dos objetos exteriores (a representação) e de responder a isso por um impulso com um movimento (inclinação)...*⁷⁹

A alma é assim para os estóicos desde o seu desabrochar no mundo um ser que se apaixonava representando, mas que também representa apaixonado, aliás, a censura à representação apaixonada será um dos temas prediletos de Epicteto e Marco Aurélio. A física vivida, para dizer a verdade, não passa disso, uma espécie de “desdramatização” da representação para que se neutralize nela a capacidade de desarmonizar o indivíduo estabilizando assim o seu *tónos*.

... Eis aqui o tipo de treinamento que necessariamente é preciso praticar. Desde o amanhecer, quando vês alguém, quando ouves alguém, procede a um exame, responde como se te interrogassem. O que é que viste? Um belo jovem ou uma bela mulher? Aplica a regra. Isto depende ou não da minha faculdade de escolher? Não. Expulsa esse pensamento. O que é que viste? Alguém que chora a morte de uma criança? Aplica a regra. A morte não depende de minha faculdade de escolher. Aplica a regra. Expulsa essa idéia...⁸⁰.

⁷⁸ Émile BRÉHIER, *Crysippe et l'ancien stoïcisme*, p.159.

⁷⁹ Émile BRÉHIER, *Crysippe et l'ancien stoïcisme*, p.160. *O grifo é nosso*.

⁸⁰ EPICTETO, *Diatribes*, III, 3, 14-15; Jean-Joël DUHOT, *Epicteto e a sabedoria estóica*, p.155.

...Não digas a ti mesmo nada em acréscimo ao que revelam as representações que se apresentam. Comunicaram-te que fulano fala mal de ti. Comunicaram isso; que ficasses prejudicado não comunicaram. Vejo que o filho está doente. Vejo-o; mas que esteja em perigo não vejo...⁸¹.

14. A paixão no coração do pensamento: *phantasia* e *hormé*

O afeto está na base do pensamento, a *phantasia* é gerada pelas impressões do mundo exterior que são involuntárias. Para pensar urge ser afetado, e, é preciso dizer, que quem afeta é o próprio Ser porque é ele que empurra “inclinando” a alma, contudo, assim como quando empurramos um carro quem imprime o sentido do caminho é o motorista, o Ser empurra, mas é o homem que decide e orienta o rumo:

... Essas representações da alma, que os filósofos denominam *phantasiáí*, pelas quais o espírito do homem é imediatamente afetado, na primeira aparição da coisa que se presenta na alma, não depende da vontade e são livres, mas, por certa força que lhe é própria, elas se lançam sobre os homens para serem conhecidas. Ao contrário os assentimentos, que são nomeados *sunkatáthesis*, graças aos quais essas representações são reconhecidas e julgadas, são voluntárias e se fazem pela liberdade dos homens ...⁸².

Eis porque a intérprete Gazolla, em franca oposição à tradição que sedimentou certa exegética dos textos antigos do Pórtico, fala com toda a segurança que os estóicos não são contra as paixões, se elas fazem parte da definição do ser desde a sua origem, como é que eles poderiam ser contra?

...Os fenômenos de inclinação têm sua sede lá mesmo onde os fenômenos do conhecimento têm a sua; a *phantasia* é inseparável da

⁸¹ Marco AURÉLIO, *Meditações*, Abril Cultural, São Paulo, VIII, 49. Doravante citado com a sigla M.A.

⁸² APUD, Aulo GELO, XIX, 1, 15-20., Pierre HADOT, *Introduction aux pensées de Marc Auréle, La citadelle intérieure*, p.175.

hormé; toda a representação indica um objeto de inclinação ou de repulsão, e pela natureza mesmo do ser o movimento se produz...⁸³.

Conduzindo a palavra em torno às questões diretamente ligadas às impressões, Epicteto ratifica a conexão existente entre a *phantasia* (representação) e a *hormé* (tendência). Esta transparece na forma como o filósofo dirige seus conselhos no sentido de imunizar o praticante de Sabedoria, isto é, o aprendiz de filosofia, contra o poder de sedução e arrastamento das impressões.

... Quando vires uma pessoa chorar porque está de luto, ou porque o filho está ausente, ou porque perdeu o que possuía, *coíbe-te de ceder à representação* de que são males que lhe chegam do exterior. Tem sim e desde logo pronta a seguinte representação: aquilo que aflige esse homem não é o que lhe advém (pois nenhuma outra pessoa está afligida), é sim a opinião firme que tem disso...⁸⁴

As representações têm de ser vigiadas porque exercem influência direta sobre a alma, gerando as ações, guindadas por elas sem nenhum critério ou, abalizadas pelo crivo que estabelece a distinção entre o juízo de valor e a representação verdadeira do real. A *phantasia* é inseparável da *hormé*, ela arrasta a alma invigilante para onde quer, contudo, se é afrontada com espírito atento amansa e perde o poder de seduzir e de desencaminhar. A prática da Filosofia consiste em saber distinguir o ilusório do verdadeiro. A *phantasia* sem o controle do siso é fantasia mesmo, isto é, ilusão. Perceber a ligação existente entre a *phantasia* e a *hormé* é muito importante porque esclarece o modo de funcionamento das ações. A alma é movida, tanto pela *phantasia* real, quanto pela *phantasia* irreal. A diferença significativa entre elas é que sobre a *phantasia* real se constrói a paz da alma, enquanto que com a irreal se constrói o tormento do espírito.

⁸³Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, p. 158.

⁸⁴ EPICTETO, *Manual*, XVI. O grifo é nosso.

A íntima união existente entre a *phantasía* e a *hormé* se reflete também no modo de compreensão das funções psíquicas da alma racional. Dividida em vários compartimentos nas filosofias anteriores, na *Stoa* ela se apresenta maciça, integrando em torno de um único foco, conhecimento, inclinação e força vital. Paixão e conhecimento coabitam na alma estóica no mesmo endereço, o *hegemonikón*.

15. O hegemônico

A escola antiga admite uma divisão da alma também. Mas enquanto nas outras escolas a alma racional se apresenta apartada de outras subdivisões, no Estoicismo, é ela própria que é dividida, mas segundo um princípio de emanção:

... Existem atos ou forças que, sem serem eles mesmos racionais, testemunham que uma atividade racional lhes deu nascimento: assim a linguagem, assim o gérmen que é capaz de se transmutar em uma alma nova; assim as sensações. Donde a divisão da alma em oito partes: as cinco sensações, a linguagem, a parte geradora; a oitava é a razão em si mesma, a parte diretora (*hegemonikón*) de onde emanam todas as outras...⁸⁵.

Segundo Crisipo a sede do hegemônico é o coração, o que significa dizer que o coração é a sede da razão. Atuando a partir do centro vital do homem ele funciona como as marés, num movimento de fluxo e refluxo, indo do centro à periferia do organismo e desta voltando novamente para o ponto de partida. “A substância (...) do *hegemonikón* (...) se espalha através do corpo”. Firmando a coerência da teoria da “mistura total” (*krâsis di hólon*), o *hegemonikón* se apresenta situado no corpo do mesmo modo como a providência dos deuses no mundo.⁸⁶

⁸⁵ Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, p. 158.

⁸⁶ Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, *passim*

É conhecida a metáfora de Crisipo da aranha no centro de sua teia e do polvo no coração dos seus tentáculos para representar a forma de atuação do *hegemonikón*. Esta imagem ajuda a compreender a performance do hegemônico como princípio imanente e ponto de convergência da alma que mantém unidas todas as suas partes. “A razão é o sopro quente que tem sua sede no coração; as partes da alma são emissões do sopro primordial através dos órgãos correspondentes”⁸⁷.

Contudo, às partes da alma é preciso ligar as funções da razão. A representação: que se produz quando o objeto exterior se imprime em sua substância, a inclinação: movimento de tensão da razão, pelo qual ela deseja se unir ao objeto representado, e o julgamento, que faz do *hegemonikón* o centro decisório da alma, a faculdade de discernir as representações verdadeiras das falsas:

... Acabei de empregar a palavra “alma”. Mas seria mais apropriado falar de princípio diretor, o que os estoícos nomeiam de o *hegemonikón*, e que corresponde a parte superior da alma, a parte que raciocina. Como uma aranha no meio de sua teia percebe todas as vibrações dos fios, o *hegemonikón*, situado no coração, percebe tudo o que afeta o corpo. Este *hegemonikón* é um princípio de percepção crítica, pode-se dizer, mas também um princípio de movimento. Princípio de percepção crítica, porque não somente, como a aranha, percebe a ação de objetos exteriores sobre o corpo, mas exerce também uma atividade crítica: desenvolve um discurso interior, para exprimir o que sente, emite juízos de valor, e dá ou não seu assentimento a esse discurso interior, a estes julgamentos de valor. Mas também princípio de movimento, porque, em função dos sinais recebidos e interpretados pelo *hegemonikón*, este dá uma impulsão ao agir (*hormé*) desse ou daquele modo. É esta a doutrina que está na base da teoria das três atividades da alma de Epicteto...⁸⁸.

⁸⁷ Émile BRÉHIER, *Crisippe et l'ancien stoïcisme*, *passim*.

⁸⁸ Ilsetraut et Pierre HADOT, *Apprendre à philosopher dans l'antiquité, L'enseignement du “Manuel d'Épictète” et son commentaire néoplatonicien*, p.28.

A doutrina da alma do Estoicismo antigo está na base da teoria das três atividades da alma de Epicteto. Estas atividades, ou, exercícios espirituais, se fossem tomados a parte representariam sozinhos tudo o que Epicteto ensinou com a palavra e a vida. A mensagem fundamental deles está na proposta de uma terapêutica das paixões apoiada sobre o diagnóstico de que a etiologia do cancro da alma é proveniente da negligência e do descuido do homem com respeito às representações.

Em acompanhando a doutrina do *pnéûma* do Antigo Pórtico com o fim de compreender os meandros das noções que servem de fundamento ao pensar de Epicteto sobre a representação compreensiva, chegou-se à teoria da alma em que se evidenciou claramente que é da sua natureza, representar, sentir e se afetar, como também dar ou não dar assentimento às representações.

16. O sábio também se emociona

A preocupação de Epicteto com o uso adequado das impressões, digo, “apresentações” ganha muito mais sentido quando observada à luz da Sabedoria Antiga do Pórtico. Agora se sabe que o homem é um ser senciente cuja afetividade se revela uma parte fundamental de sua essência. Até o sábio é suscetível de se emocionar, ainda que momentaneamente, pela própria índole *impressível* da realidade indissociável do caráter impressionável do *hegemonikón*. O Estoicismo atesta que o homem tem antes de tudo uma relação afetiva com o mundo, e que por isso ele é impressionável.

... Quando um som aterrorizador se faz ouvir proveniente do céu ou de um desmoronamento ou anunciando algum perigo, ou se qualquer coisa desse gênero se produz, é inevitável que também a alma do sábio fique um pouco comovida, comprimida e aterrorizada, não que ele julgue que há nisso algum mal, mas em

virtude dos movimentos rápidos e involuntários que antecipam a tarefa própria do espírito e da razão...⁸⁹

Somos afetados pelo Ser essa é a condição humana. Somos afetados e isso é involuntário. O estoíco desenvolveu uma terapêutica das paixões porque o hegemônico é basicamente um coração que acolhe o Ser nas malhas da sensação, porque o Ser corpóreo lhe afeta a alma corpórea. Repito, o hegemônico é um coração pensante. Sem vigilância ele pode ser levado de roldão pelos afetos que são a base da sua relação com o mundo.

Se interpretar erroneamente as marcas dos pés do mundo na areia de sua alma certamente será levado ao descompasso com a *physis* e se tornará infeliz. “Mas o sábio não concede imediatamente seu assentimento a tais representações que aterrorizam sua alma, ele não as aprova, mas as afasta e rejeita, e lhe parece que não há nada a temer nessas coisas”⁹⁰.

A alma humana é um coração que pensa. Daí o poder sedutor das impressões quando não crivadas pelo tino, pelo juízo. O hegemônico não pode viver ao sabor das impressões que chegam e é isso que fazem os ingênuos quando se entregam sem discriminação as primeiras fantasias que se lhe formam na alma.

... Tal é a diferença entre o sábio e o insensato: o insensato pensa que as coisas são como elas aparecem à primeira emoção de sua alma, isto é, atrozes e apavorantes, e estas primeiras impressões, que parecem justificar o temor, o desassisado as aprova por seu assentimento...⁹¹.

A morte de um ente querido ocasiona grande sofrimento, de fato, é muito difícil a aceitação de tal coisa. Por quê? O hegemônico

⁸⁹ Apud, Aulo GELO, XIX, 1, 15-20., Pierre HADOT, *Introduction aux pensées de Marc Auréle, La citadelle intérieure*, p.175

⁹⁰ Apud, Aulo GELO, XIX, 1, 15-20., Pierre HADOT, *Introduction aux pensées de Marc Auréle, La citadelle intérieure*, p.175.

⁹¹ *Ibid.*, p.175.

recebendo a notícia de que a morte de um ente querido é um mal, se perturba e entra em colapso. Como não foi feito nenhum trabalho filosófico para informá-lo corretamente, o hegemônico fica a mercê das más notícias. Esse o esquema das paixões da *Stoa*. Com efeito, o hegemônico necessita ser bem informado para não se perturbar e manter o equilíbrio.

... Mas o sábio, ainda que se tenha alterado num breve momento e rapidamente a cor do seu rosto, não dá o seu assentimento, mas guarda a solidez e a força do dogma que sempre teve com relação a tais representações, a saber, que é imprescindível não temê-las...⁹².

As notícias chegam sempre. Mas o que se pensa delas depende de cada um. “O que se pensa de alguma coisa”⁹³ é responsabilidade da pessoa, se ela cuida dessa parte nunca perderá a serenidade interior, uma vez que “o que perturba os homens não são as coisas, mas os seus julgamentos sobre estas coisas”⁹⁴. O hegemônico permanecerá protegido das investidas do mundo exterior, e será como um “promontório onde se quebram incessantemente as ondas; ele queda-se ereto e os restos da maré vêm morrer em seu redor”.⁹⁵

Dado que Epicteto faz girar todos os seus comentários em torno ao manifesto “impressionismo” da Escola, pilar em que se apóia a Epistemologia do Antigo Estoicismo, o noticiado “bom uso das impressões” faz com que se manifeste a índole essencialmente passional do ser humano.

O que se conclui de tudo isso é que o homem, além de ser capaz de crivar as representações e ter o poder de afastá-las, se quiser, pode também lhes conceder assentimento. Não obstante, a

⁹²Apud, Aulo GELO, XIX, 1, 15-20., Pierre HADOT, *Introduction aux pensées de Marc Aurèle, La citadelle intérieure*, p.175.

⁹³ EPICTETO, *Manual*, I.

⁹⁴ *Ibid.*, V.

⁹⁵ M.A., IV, 49.

condição de possibilidade destes fazeres reside num único fato: na sua susceptibilidade. Passível de receber impressões se emociona e se comove. Se não fosse assim como poderia haver conhecimento? Sem as impressões, que são involuntárias e vêm de fora, do mundo exterior, como haver lugar para o assentimento? Como exercer a liberdade?

É no âmbito da teoria do Destino (*heimarméne*) que os estóicos trabalham o conceito de liberdade (*eleuthería*) urdindo uma relação complexa entre o voluntário e o involuntário onde o assentimento cumprirá uma função muito importante. O sábio ama o destino e concorda com ele em gênero, número e grau.

17. O Destino (*Heimarméne*)

... O destino (*heimarméne*), força motriz da matéria, não difere da Providência (*Prónoia*) e da natureza...;

... O destino é a causa entrelaçante dos seres ou o *lógos* segundo o qual o cosmo é governado... eles (os estóicos) dizem que a arte da adivinhação (*mantikén*) possui um fundamento se existe uma providência...⁹⁶.

O Destino (*heimarméne*) no estoicismo é muitas coisas. Tem muitos nomes. Possui variadas funções. Com muita frequência aparece nos textos antigos associado ao *lógos*, a *prónoia* e a noção de causa. Contudo a grande força da *Heimarméne* parece residir em sua capacidade de se apresentar como Razão de ser de todas as coisas. Tomada neste sentido, ela é o *lógos* que incrustado na matéria do *cosmos* assegura a legitimidade dos eventos do mundo conforme uma Razão sábia e providente.

O *lógos* onipresente é nadificante. É plenitude que niilifica. Preenchendo todos os espaços nega ao irracional um lugar no mundo. A vida, então, adquire um novo sentido firmado na segurança de uma lei que rege e governa o todo e a parte “com

⁹⁶ *Apud.*, Aécio, *plac.*, I, 27 - SVF, I, 176; D.L., VII, 149 - SVF, II, 915 e 1191. Rachel GAZOLLA, O.F.E., p.63.

Justiça”. “Dá-nos a todos alcançar o Teu pensamento, *com o qual reges todo o universo com justiça*”⁹⁷.

Segundo Bréhier, as filosofias de Platão e Aristóteles descerram uma concepção de mundo que permite um espaço considerável ao azar e a sorte. “A física estóica se propõe oferecer-nos uma representação do mundo como totalmente dominado pela Razão, sem qualquer resíduo irracional; nada fica entregue ao azar e à desordem, como em Aristóteles e Platão”⁹⁸.

18. A alma do mundo expulsa o acaso para fora do mundo

A doutrina do destino nasceu da pergunta sobre o porquê das coisas acontecerem assim como acontecem, da especulação sobre as causas dos eventos no mundo. Os filósofos gregos iniciaram essas especulações distinguindo-os em cósmicos e humanos e lhes atribuindo causas diferentes. Platão, por exemplo, consigna ao mito a discussão sobre o destino humano. Este aparece como uma força que premia os justos e que ao mesmo tempo contribui para o aperfeiçoamento das almas no círculo dos renascimentos. Mas estas noções não têm nenhuma ligação com a idéia de uma vontade superior que fosse capaz de fazer entrar a justiça no mundo.

O motor imóvel de Aristóteles só pensa em si mesmo. Isolado em seu egoísmo divino também não tem olhos para o mundo.

... Quando a confiança na justiça imanente diminui, o destino se torna o princípio de explicação daquilo que nas contingências humanas não depende do homem. É ele que na consciência religiosa dos homens do século quarto, se torna acaso ou sorte, a *Tykhé*, que transporta para a vida uma parte do arbitrário...⁹⁹.

⁹⁷Apud., von arnim, S.V.F., I, fr. 537. Hino a Zeus, Cleanto, Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, p.312.

⁹⁸ Émile BRÉHIER, *Historia de la Filosofia*, p.462.

⁹⁹ Émile BRÉHIER, *Chrysippe et l'ancien stoïcisme*, p.172.

Contra este estado de coisas o estoicismo se levanta testificando com muita audácia e coragem a ação providencial de Deus no mundo, que pela força mesma de sua presença desterra todo e qualquer tipo de casualidade. Na concepção estóica do *cosmos* não cabe o acaso, e o Destino, como *lógos* providencial, governa com perfeição todos os acontecimentos que não dependem do homem. Tudo o que ocorre, ocorre como o Destino quer e ele quer o bem do todo conforme os desígnios da Razão (*lógos*) que a tudo dirige.

...O universo não é a realização mais ou menos imperfeita, contingente e instável de uma ordem matemática; é um efeito de uma causa que atua conforme uma lei necessária, uma vez que é impossível que algum acontecimento se realize de modo distinto ao que acontece efetivamente. Deus é alma de Zeus, a Razão, a necessidade das coisas, a lei divina e o Destino, todos são o mesmo para Zenão...¹⁰⁰

Zenão para enfrentar o arbitrário que tripudia sobre o acaso utiliza muitas armas. A Providência, a Razão (*lógos*), a causa, a lei, e assim vai. Vale tudo para confirmar a ação providencial que é essencialmente cuidado de tudo no todo, com o fim de expungir o fortuito do mundo, e salvaguardar a natureza divina da natureza.

Nesse particular, não houve, em toda a história do Estoicismo, ninguém que fosse melhor, ou mesmo que se igualasse a Epicteto quanto a sua confiança incondicional na Providência Divina. A água fresca que mana da sua palavra vem unicamente desta fonte. Cingindo o sermão e a vida em torno à crença inabalável na ação providencial da divindade no mundo, lhe desvela a presença até mesmo nas coisas mais insignificantes.

Epicteto se sente amado pelo Ser, por isso os olhos de seu coração identificam a “Graça” (*kháris*) por toda a parte. Este sentimento de gratidão (*eukharistía*) é que lhe ilumina a palavra

¹⁰⁰ Émile BRÉHIER, *Historia de la filosofía*, p.467.

apaixonada, testemunha do seu deslumbramento com a vida. Esta feliz junção entre a confiança na Providência (cifra da *heimaméne* e do *lógos*) e o sentimento de gratidão produz um bálsamo que lhe perenizou as palavras, porque ainda hoje é possível dessedentar o espírito na paz dos ensinamentos que elas descerram.

... O Destino, que foi no princípio do pensamento grego, a força totalmente irracional que distribuía a sorte entre os homens, é agora a universal “razão segundo a qual as coisas aconteceram, acontecem e acontecerão”, razão universal, inteligência e vontade de Zeus, que dirige tanto os fatos que nomeamos antinaturais, como as enfermidades, as mutilações, quanto os que chamamos naturais, como a saúde. Tudo o que acontece está conforme com a natureza universal e falamos de coisas contrárias a natureza só com referência a natureza de um ser particular separado do conjunto...¹⁰¹.

19. A cada um convém o que a natureza universal traz a cada um¹⁰²

Tanto o imperador antonino Marco Aurélio como o escravomestre Epicteto insistirão muito sobre esse ponto: os fenômenos ditos contranaturais. Ora se o homem aprendesse a remeter os acontecimentos de sua vida pessoal à “ordem do todo”, aquilo que lhe parece injusto e ocasional lhe pareceria justificável; legitimado pela Razão Universal, a Alma do mundo que governa o mundo com perfeição.

... As obras dos deuses são plenas de providência; as da Fortuna dependem da natureza, ou da urdidura e entretimento do que a Providência dispôs. Tudo dela dimana. Acresce, ainda, o inevitável e o conveniente ao universo, de que és parcela. *É um bem para toda parcela da natureza o que a natureza do universo acarreta* e o que importa à preservação desta...¹⁰³

¹⁰¹ Émile BRÉHIER, *Historia de la filosofía*, p.467.

¹⁰² M.A., X, 20.

¹⁰³ M.A., II, 3. *O grifo é nosso*.

Pierre Hadot nomeará esta forma de considerar as coisas, enquanto exercício espiritual, um “exercício de morte”. “O ‘exercício de morte’ é, pois ligado aqui à contemplação da totalidade, a elevação do pensamento, passando da subjetividade individual e passional à objetividade da perspectiva universal, isto é, o exercício do puro pensamento”.¹⁰⁴

No segundo capítulo desse estudo nomeei esta ascese de “processo de desidentificação do eu”. Na exata medida em que o praticante de Sabedoria vai abdicando do ponto de vista pessoal, concomitantemente, seus olhos são aclarados com a visão da totalidade. Trata-se de uma conversão do espírito egocentrado na escuridão da caverna para a luz ontocentrada da Razão universal.

O resultado ideal deste processo seria a união mística do filósofo com um mundo divinizado. A perfeição da natureza rejeita a idéia de Destino como fator de “fenômenos antinaturais”, a perfeição do Todo aniquila as imperfeições parciais. Em outras palavras, é o homem desalumiado de compreensão filosófica que vê imperfeições onde só existe a graça, a bondade e a perfeição divinas:

... Como, pois se pode dizer das coisas exteriores que umas estão conformes com a natureza e que outras lhe são contrárias? É como se estivéssemos isolados. Assim eu direi que é da natureza do pé ser próprio (ser ele mesmo pé), mas se tu o consideras como pé e não como coisa isolada, seu papel será de chafurdar na lama, de caminhar sobre espinhos e às vezes mesmo ser amputado para salvar o corpo inteiro. Senão ele não será mais um pé. É uma concepção análoga que convém ao nosso assunto. O que és? Um homem. Se tu te consideras como um membro isolado, está conforme a natureza viver até uma idade avançada, enriquecer, se apresentar bem vestido. Mas se tu te consideras como um homem e como parte de certo todo, é no interesse deste todo que tu deves ora

¹⁰⁴ Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p.53.

sofrer a doença, ora empreender uma travessia e correr riscos, ora suportar a pobreza e às vezes morrer antes da hora...¹⁰⁵.

Este modo de conceber os acontecimentos receitado por Crisipo, e depois por Epicteto e Marco Aurélio dá bem a medida e a extensão do conceito de Destino que abrange uma multiplicidade de qualidades que embora nomeadas com termos diferentes se afiguram como os tentáculos de um mesmo polvo. Assim são a *Prónoia*, a causa, a lei, a necessidade (*anánke*), a razão (*lógos*), a natureza (*physis*) que por estarem referidas a uma única realidade *ipso facto* são intercambiáveis entre si.

20. O que não depende de nós é indiferente (adiáphoros)

Todos eles são a *heimarméne* na medida em que manifestem um ou vários dos seus aspectos. Todos são epifenômenos dela. Mas também é preciso sublinhar que tudo depende de qual conceito tome o lugar de fenômeno principal. Se for o *lógos*, então a *heimarméne* assumirá a condição de subproduto dele e assim por diante. Seja como for, o conjunto destas noções estão a defender um mundo perfeito cujo movimento necessário não admite intervenção alheia. O mundo é assim como é, segundo uma ordem determinada e inflexível e o homem não pode modificá-lo a seu bel prazer.

Ora se a natureza é divina e perfeita e nada nela acontece por acaso, se o Destino é “movimento perpétuo, contínuo, regrado” e ainda se “Todas as coisas acontecem de acordo com ele”, e mais, se ele é ao mesmo tempo *lógos* (razão) e *prónoia*, então, primeiro: considerado em si mesmo o Destino não pode ser mau.

Levando-se em conta os excelentes atributos da *Heimarméne* é preciso reconhecer que os eventos que têm lugar no mundo, ainda que necessários e determinados por uma lei inflexível, não

¹⁰⁵ EPICTETO, *Diatribes*, II, 5, 24 - 26.

ocasionam e não podem ocasionar danos a ninguém. A Natureza não é fatora de males. Para Epicteto, por exemplo, imputar aos deuses os males que acontecem aos homens é a forma mais crassa de impiedade que há no mundo:

... No que diz respeito à piedade aos deuses, sabe que o essencial consiste no seguinte: ter concepções retas a seu propósito, a saber, que existem, que juntos governam o conjunto das coisas de maneira bela e justa e tu, pessoalmente, te preparas para lhes ceder perante qualquer acontecimento e te conformares com eles de boa vontade, no pensamento que ocorrem devido a uma inteligência maior. Deste modo, nunca dirigirás censuras aos deuses e não os acusarás de não se ocuparem de ti...¹⁰⁶.

No Estoicismo e esta afirmação vale tanto para o antigo como para o da época Romana, só existe o mal moral, aquele superveniente das escolhas que os homens fazem diante dos acontecimentos que se lhe vêm ao encontro dentro do mundo. Esta a teoria antiga dos *adiaphoroi* (os indiferentes), o diamante que Epicteto engastou nas pedras simples e humildes destas palavras: “Por entre as coisas, umas dependem de nós, outras não”¹⁰⁷. Haveria punhado de palavras mais singelas que estas? Tão puras e desprovidas de aparatos e ostentações? E, no entanto elas encerram uma capacidade extraordinária de transformação.

Os que exercitam essas palavras aprendem a ser serenos diante de quaisquer circunstâncias. A paz de espírito que elas proporcionam parece brotar da capacidade do crescente aprendizado de que é preciso deixar que aquilo que “não depende de nós” siga o seu curso incontornável e necessário sem consentir em se afetar por isso.

Do percebimento do quanto é indiferente o curso dos eventos que “não dependem de nós” deriva a calma da alma ou o caos do espírito. “O Destino do estóico é um princípio fixo de

¹⁰⁶ EPICTETO, *Manual*, XXXI.

¹⁰⁷ EPICTETO, *Manual*, XXXI.

otimismo instalado no seio das coisas, é uma razão de confiança no universo; uma das provas da existência do Destino é, para Crisipo, que “Os sábios se comprazem com o que acontece” ¹⁰⁸.

21. Determinismo e liberdade

Do que foi dito é fácil concluir que o estóico não espera manifestações de imperfeição num mundo que ele considera perfeito. Contudo, este mesmo “princípio fixo” que lhe garante o “otimismo” no respeitante àquelas coisas que “não dependem de nós” é o que aniquila a liberdade humana dado ao seu caráter determinista e inflexível.

A teoria do Destino ao defender o determinismo em favor de um *cosmos* inteligente e perfeito não estaria concomitantemente negando a liberdade? Como conciliar no campo doutrinário estóico a necessidade determinista com a necessidade da liberdade? Como enlaçar o involuntário com o voluntário?

Curiosamente, Crisipo responderá a esta injunção doutrinária utilizando um exemplo da Epistemologia da escola. Lembremos que a *heimarméne* como causa é aquilo que vem antes de qualquer acontecimento. Já que nada deriva do nada, tudo que acontece acontece por uma causa. Logo, o Destino é causa antecedente do que acontece.

Mas se tomamos o Destino como causa antecedente, as ações humanas derivariam dele, e a liberdade seria negada. Este é o estado da questão no *de fato* de Cícero, onde Crisipo apresenta o argumento que tem por fim articular o Destino com a liberdade “negando que a necessidade deriva do destino e mostrando que o destino concorda com a mestria de si mesmo” ¹⁰⁹.

Contudo o acadêmico Carnéades não aceita meio termo entre as contraposições do dilema: ou os atos do agente são

¹⁰⁸ Émile BRÉHIER, *Crisippe et l'ancien stoïcisme*, 177.

¹⁰⁹ Émile BRÉHIER, *Crisippe et l'ancien stoïcisme*, p. 187.

determinados por causas antecedentes e então o destino é verdadeiro ou o ato está em seu poder e então ele é determinado por causas totalmente independentes das causas antecedentes e que pertencem, seja ao azar ou a espontaneidade, seja a vontade mesmo do agente e não há mais então destino¹¹⁰. Eis enfim a resposta de Crisipo:

... ‘Portanto’ – diz ele – “como aquele que empurrou o cilindro lhe deu princípio de movimento, porém não lhe deu rotação, assim aquela representação apresentada imprimirá certamente e mais ou menos gravará sua imagem em nossa alma, mas o nosso assentimento estará em nosso poder, e, do mesmo modo que se disse do cilindro, impulsionado de fora, ele se moverá quanto ao resto por sua própria força e natureza...”¹¹¹.

Com este excerto de Crisipo fechamos um ciclo. O nosso propósito foi desde o princípio apontar a relevância da teoria da representação compreensiva tanto para o Antigo Pórtico como para Epicteto. A teoria de Crisipo admite duas causas atuantes nos acontecimentos: a que reside no próprio agente que é perfeita e principal e a que atua de fora que é adjuvante, por exemplo: sem a representação compreensiva não pode haver assentimento.

“Por entre as coisas umas dependem de nós, outras não” ¹¹², eis a teoria das duas causas de Crisipo condensadas no aforismo de Epicteto. Ela é sem dúvida o pilar que sustenta a idéia de liberdade. Esta no Estoicismo é compreendida à luz da Ontologia, porque decorre do caráter *sui generis* da condição humana em face do *cosmos*, da Natureza e do Destino. O Estoicismo não está preocupado com a libertação dos escravos, está preocupado com a escravidão do espírito.

Por detrás das coisas que “não dependem de nós” está o “Cosmos governado pela razão e pela providência (...) a mente

¹¹⁰ *Ibid.*, p.192.

¹¹¹ CICERO, *Sobre o destino*, XIX, 43, p.31.

¹¹² EPICETETO, *Manual*, I.

(*que*) penetra em todas as partes do cosmos, como a alma em nós”¹¹³, este o domínio do involuntário, debaixo daquilo que depende de nós está a *pessoa moral*, a *prohaíresis*, a faculdade de escolher, de assentir ou rejeitar as representações, portanto, a esfera do voluntário.

Epicteto, o escravo alforriado de Epafrodito¹¹⁴, fala muito de liberdade. Mas para ele, a liberdade é liberdade para Deus. Ninguém melhor do que ele enlaçou com tanta piedade e devoção a *prohaíresis* com a *prónoia*.

¹¹³ D.L., VII, 138-139. *O grifo é nosso*.

¹¹⁴ O dono de Epicteto foi escravo de Nero e posteriormente libertado por ele.

Capítulo II

A noção de *prohairesis* no pensamento filosófico de Epicteto

1. Primeira aproximação ao pensamento de Epicteto: a sentença paradoxal do *Enkheirídion* (manual)

No oitavo capítulo do *Enkheirídion* (manual) de Epicteto deparamos com o aforismo: “Não deseja que o que acontece aconteça como queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece, e serás feliz”¹, essa máxima, cuja proposta essencial consiste em ser um roteiro de conquista da Felicidade, une afazerer que, no mais das vezes, são inconciliáveis entre si. O nosso “querer” e o nosso “desejar” raramente andam *pari passo* com “o que acontece”, a tendência habitual do ser humano é de querer exatamente o que não está acontecendo, o homem, em geral, quer “outra coisa”, e quase nunca aceita aquilo que lhe está sendo ofertado pela vida².

Ora, esse modo de proceder sugerido por Epicteto na sentença acima, além de não estar de acordo com as disposições naturais do homem, ainda vai de encontro as suas intenções, o que resulta num tremendo paradoxo. Essa *aporía* aparente revela, quando penetramos na essência íntima que lhe dá sustentação,

¹ EPICTETO, *Manual*, VIII.

² “Ora por que simplesmente não aprendes a te contentar com aquilo que te está sendo ofertado?” Musônio Rufo. Conf. *Diatribes*, I, 27.

todo um *systema*³ de Filosofia, um pensar, ao mesmo tempo, profundo e reverencioso, que soube como nenhum outro unir a *prohaíresis* (escolha preferencial) e a *prónoia* (providência) num todo perfeito e harmonioso.

O termo *prohaíresis* vem de *pro-aireo*, o prefixo “*pro*” pode indicar noção de “anterioridade”, mas também denota a significância de “cuidado com”, já o sentido de *haireo* parece estar ligado à idéia de: prender, privar, convencer, fazer condenar graças a uma escolha, graças a uma eleição; de *haireo* provém *haíresis*, escolha, eleição, que veio dar mais tarde em “escola” ou “corrente filosófica”, “seita”; e é nesse passo semântico que emerge também a aceção da palavra “heresia”.⁴

Epicteto usa o termo (*prohaíresis*) “escolha preferencial”, “deliberação”, para designar o espaço ontológico que no homem não está sujeito a nada que lhe venha de fora, a nada que lhe seja forâneo. Nem o Destino (*Heimarméne*), nem a Divindade, “em pessoa”, cujo poder não tem limites, lá exerce influência; nele o homem reina senhor absoluto das suas *decisões*, *deliberando* como queira, dado que “ninguém consegue penetrar os redutos de nossa alma” sede do *hegemonikón*, cuja natureza é livre de todo obstáculo, de todo entrave

A *prónoia* vem da junção de “*pró*”, que indica “posição anterior”; que denota idéia de anterioridade e “*noos*” que significa faculdade de pensar, inteligência, pensamento/projeto, modo de ver etc. Donde oráculo, previsão, presciência, provisão, precaução, “cuidado de”. Como já dissemos acima, para o Estoicismo a *prónoia* é o *lógos* ínsito na matéria do mundo, a Razão que tudo dirige com mestria e perfeição. Esta concepção tem relação estreita com a idéia que Heráclito se fazia do *lógos*: “Sobre o *logos*, com o

³ Sistema é palavra cunhada dentro do Estoicismo cuja significância se refere à visão de mundo estoíca de um Universo em absoluta harmonia consigo mesmo, o Universo entendido como um todo orgânico.

⁴ P. CHANTRAINE, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque, histoire des mots*, p.38. Isidro Pereira, S.J, *Dicionário grego-português e Português-grego*, p.479.

qual estão em constante relação (e que governa todas as coisas) estão em desacordo, e as coisas que encontram todos os dias lhes parecem estranhas”⁵.

A sentença de Epicteto, “não deseja que o que acontece aconteça como queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece, e serás feliz”, tem o mérito de nos colocar na trilha das boas e velhas verdades estoicas; mas também, guarda a condição de nos ensinar muitas coisas sobre o modo como Epicteto pensava a Filosofia: o seu significado, como ensiná-la, e principalmente, como vivê-la entrosando a *prónoia* com a *prohaíresis*. Então, a título de uma primeira aproximação aos ensinamentos de Epicteto sirvamos-nos dessa máxima para inicialmente recolher as essências que ela pode nos oferecer para compreendê-los.

Primeiro: ao passo que aconselha um modo específico de lidar com o “desejo”, insinua que é mister transmutá-lo em “querer”. Esta transformação, como veremos, exige uma mudança significativa no modo de se ver o mundo; exige uma visão “física” dos eventos que de conta de estancar a tendência constante a “fuga do presente”, a intransigente inconformidade com os acontecimentos que para os estoicos constitui a própria definição do “ser infeliz”.

Segundo: sugere que a regra da felicidade deve ser procurada numa espécie de acordo do “querer” com “os acontecimentos”, esta também uma antiga verdade estoica: “E nisso consiste a excelência do homem feliz, e consiste *o curso suave da vida*, quando todas as ações praticadas promovem a harmonia entre o espírito existente em cada um de nós e a vontade do ordenador do universo”⁶. Ora, a “vontade do ordenador do universo (*prónoia e heimarméne*)” é que está por trás dos “acontecimentos” com os quais o homem deve conformar o seu

⁵ Gerd a. BORNHEIM, *Os filósofos pré-socráticos*, p.40. frag.72.

⁶ D.L., VII, 88. *O grifo é nosso*.

“querer” que para tal não pode ser um mero “desejar”; há mister querer que “o que acontece aconteça como acontece”, isto é, assimilar a vontade ao “Querer” inscrito nos acontecimentos; em outras palavras, insta apagar o desejo e reorientar a vontade.

Em terceiro lugar este apotegma de Epicteto tem um sentido temporal. Para se estar aberto “ao que acontece” é necessário que o “espírito” esteja fincado no presente, no instante, ainda que efêmero e evanescente⁷. Porque, como diz Sêneca nas *Cartas*: “Há, portanto, dois sentimentos que devemos eliminar decididamente: o medo do futuro e a recordação da desgraça já passada; esta já não me diz respeito, o primeiro ainda o não faz”⁸.

Ora, nada disso se consegue sem esforço, sem trabalho, sem empenho. Através do noticiado apotegma aparece também um traço essencial do Estoicismo de Epicteto: a formulação de uma regra de vida fundada num dogma para nortear a conduta em estilo aforístico para se “ter sempre a mão (*Enkheirídion*/manual)” os princípios filosóficos da escola nos repetidos e constantes enfrentamentos das questões que o mundo propõe ao aprendiz da arte de viver, ao aprendiz de filosofia, através das aberturas da vida.

A época de Epicteto a Filosofia já havia deixado de ser uma ocupação estritamente especulativa para assumir o sentido de uma “Sabedoria da vida”, de uma “arte de viver”, e como toda arte tem os seus teoremas que constituem as regras práticas que o aprendiz tem de observar para se habilitar em sua profissão, a Filosofia, enquanto uma arte de viver, também tem os seus.

⁷ “Exatamente, os estóicos afirmam que o tempo é divisível ao infinito, logo, em sentido estrito o presente não existe, mas eles admitem uma “espessura” (*platos*) do presente vivido pela consciência humana. E precisamente a consciência humana pode “delimitar o presente” o que encerra dois sentidos: de uma parte, separar o que depende de nós (o presente) do que não depende de nós (o passado e o futuro), doutra parte, reduzir a um instante fugitivo (mas tendo quando mesmo uma “espessura”, seja ela pequena)”. Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p.153-154.

⁸ LÚCIO Aneu Sêneca, *Cartas a Lucílio*, 75, 15.

2. Passeia sozinho, conversa contigo mesmo⁹

A necessidade do ensino da Filosofia por um lado, e, a necessidade de memorização e da prática efetiva de outro, fez separar “o que era junto”; separou-se a Filosofia propriamente dita do “discurso filosófico”, enquanto este tem por fim preparar o filósofo para a prática, aquela denota a *práxis* filosófica real, a vida filosófica propriamente dita.

...Os estóicos distinguem a filosofia, isto é, a prática vivida das virtudes – que era para eles, a lógica, a física e a ética – do ‘discurso segundo a filosofia’, isto é, o ensino teórico da filosofia, dividido em teoria da física, teoria da lógica e teoria da ética...¹⁰

O filósofo tornar-se então um aprendiz que tem como tarefa principal absorver os dogmas e *exercitar* os teoremas da Escola a que se filiou; adotando e seguindo fielmente as suas diretrizes, inclusive com a obrigação de espelhá-las na própria vida. O aprendiz de filosofia deve iniciar seu aprendizado identificando o “lugar” e a matéria com a qual tem de trabalhar: o lugar é o campo de si mesmo; a matéria, os seus pensamentos, o diálogo interior. “Enfim, o discurso filosófico é mesmo uma das formas de exercício do modo de vida filosófico, sob a forma do diálogo com outrem ou consigo mesmo”.¹¹

... É preciso que, antes de tudo, purifiques a parte diretora de tua alma e sigas este programa. “Agora eu tenho uma matéria, é meu próprio pensamento, como a madeira é a matéria do carpinteiro e o couro a do sapateiro: e o trabalho é usar corretamente minhas representações”...¹².

⁹EPICETETO, *Diatribes*, III, 14, 1

¹⁰ Pierre HADOT, *O que é filosofia antiga?*, p.249.

¹¹ Pierre HADOT, *O que é filosofia antiga?*, p.253.

¹² EPICETETO, *Diatribes*, III, 22, 19-21.

O *Enkheirídion* de Epicteto e as *Meditações* dos pensamentos de Epicteto do imperador Marco Aurélio, são a prova viva desse modo de se conceber a filosofia como um exercício (*askesis*) espiritual cujo fim essencial é mudar a disposição interior do praticante, por meio da transmutação dos seus pensamentos, do seu diálogo interior.

Sabe-se que o *Enkheirídion* é uma antologia das máximas mais tocantes e impressionantes do mestre de Nicópolis, organizadas por Arriano, seu discípulo, com o único objetivo de prontificar o aprendiz de filósofo para a vida filosófica por meio da utilização de proposições que lhe apontem o roteiro a seguir de forma clara e concisa, “mais capazes de esclarecer o filósofo em suas ações”¹³, e que as *Meditações* (*tá eís eautóv*) de Marco Aurélio são exercícios espirituais escritos, sobre certos temas formulados por Epicteto que o Imperador usava para mudar a própria disposição interior mediante os achaques da vida. “Aqui está o que deve ser objeto de meditação dos filósofos, o que devem *escrever* todos os dias, o que deve ser matéria de seus exercícios”¹⁴.

Absorver o discurso filosófico como “os carneiros que não amontoam o capim para mostrar aos pastores quanto eles comeram, mas, digerindo por dentro o alimento, produzem lã e leite por fora”¹⁵, é o imperativo categórico da vida filosófica estóica, o aprendiz de filósofo deve lapidar com mestria o discurso interior, traduzindo os dogmas em atitudes concretas na vida.

“Os dogmas vivem. Como, aliás, poderiam morrer sem se extinguirem as idéias que a eles correspondem? Depende de ti reavivar incessantemente as chamas destas”¹⁶, todo o aprendiz de filósofo acrisolado nas experiências da vida, sabe, tanto quanto o filósofo mesmo sabe, que jamais deixa a condição de aprendiz, *ipso*

¹³ Pierre HADOT, *Introduction aux “Penseés” de Marc Aurèle, la Citadelle intérieure*, p. 110.

¹⁴ EPICTETO, *Diatribes*, I, 1, 25.

¹⁵ EPICTETO, *Manual*, XLVI.

¹⁶ M.A., VII, 2.

facto, todos reconhecem que há mister reabastecer o candeeiro interior a fim de que a chama da verdade não se apague no coração. “Não poderá ser mestre na escrita e leitura sem ter sido antes aluno. Quanto menos na vida!”¹⁷, se a filosofia é “arte de viver”, o filósofo jamais se confessará como alguém que domina esta arte.

A meditação por meio da escrevedura é uma das formas de ascese cultivada na dinâmica de conversão do filósofo comprovada por algumas obras que sobreviveram até os nossos dias. Elas são um sinal incontestado de que os estóicos lançavam mão de exercícios espirituais específicos para mudar a disposição interior com o fim de alcançar plenamente a vida filosófica.

É sabido que nunca foi intenção de Marco Aurélio, tampouco a de Arriano publicar as obras que escreveram. Ambas foram grafadas *mutatis mutandis* com o objetivo de salvaguardar na memória (*hypomnémata*) os ensinamentos do mestre, ambos são “escritos para si mesmo” e por isso constituem as provas vivas deste tipo de exercício. Não obstante, ele não é o único. Sabe-se que Epicteto também prescrevia a seguinte prática meditativa: “Passeia sozinho, conversa contigo mesmo”¹⁸.

Seja como for, o importante é que a idéia da prática de exercícios espirituais abrange a noção de esforço, de empenho para se conquistar algo, que a aquisição da virtude é resultado do suor e da luta do homem consigo mesmo, a noção de que ninguém consegue alguma coisa sem se esforçar de algum modo. Todas estas idéias estão enraizadas no conceito cínico de “fadiga” (*pónos*) entendida como esforço e fortalecimento do corpo e da alma. Musônio tornou-se conhecido na Antiguidade por sua fidelidade a este conceito cínico e, a tal ponto o foi, que seu nome prendeu-se a ele definitivamente. No quinto volume da obra, *História da filosofia Antiga* de Giovanni Reale¹⁹, em que o grande historiador apresenta um glossário extenso

¹⁷ M.A., XI, 29

¹⁸ EPICTETO, *Diatribes*, III, 14, 1.

¹⁹ Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, p. 32.

das palavras-chave da Antiga filosofia, verificamos que a palavra *askesis* a qual se prende o termo “fadiga” é definida em torno da figura admirável deste filósofo:

... Para que suportemos mais facilmente e com mais zelo as penas que devemos enfrentar em vista da virtude e da perfeita honestidade, eis os raciocínios úteis que foram feitos. “A quantas penas alguns se submetem por causa dos seus maus desejos, como aqueles que amam sem freio, quantas penas outros suportam tendo em vista o ganho de dinheiro, quantos males alguns sofrem para conquistar reputação! E, no entanto, é voluntariamente que todas estas gentes suportam toda espécie de *fadiga*. Não é, pois, monstruoso que eles suportem tantos males por nada daquilo que é bom, e que nós não suportemos com solicitude e prontidão toda a *fadiga* pela perfeita honestidade, para evitar o vício que prejudica nossa vida, para adquirir a virtude que nos proporciona todos os bens?”... ²⁰.

Muito embora o “ascetismo estóico” enraíze fundamente no Cinismo de Antístenes, Epicteto o recebeu da palavra e do exemplo do romano Musônio Rufo; o filósofo estóico que Epicteto freqüentou quando era ainda escravo de Epafrodito em Roma. Epicteto nos reporta que quando Musônio ensinava sua palavra era tão incisiva e penetrante que cada ouvinte tinha a impressão de que era com ele pessoalmente que Musônio estava falando, inclusive lhes apontando os defeitos mais bem guardados e escondidos, tamanha era a força persuasiva e conversiva de suas palavras. Foi com ele que Epicteto aprendeu a importância da filosofia como ascese (*askesis*) e conversão (*metastrophê*).

3. Concordet sermo vita

... A virtude, dizia ele, não é só uma ciência teórica, mas também um saber prático como a medicina e a música. Da mesma forma, pois que o médico e o músico não devem cada um assumir somente os princípios de suas artes, mas também exercitar o agir segundo os

²⁰ TÉLÈS et MUSONIOUS, *Prédications*, VII, 1-3.

princípios, igualmente aquele que quer ser um homem virtuoso não deve somente aprender a fundo todos os conhecimentos que conduzem à virtude, mas também se exercitar segundo esses conhecimentos com zelo e laboriosamente. (...) No caso da temperança ou da continência, não é infinitamente melhor ser continente e temperante com respeito a todas as ações do que saber dizer o que é preciso fazer? (...) Entre fazer um discurso profundo sobre a temperança e ser temperante, vale imensamente mais ser temperante...²¹.

Epicteto tornou-se filósofo na *skholé* estóica. O que significa que ele fez uma escolha consciente de um modo de vida e, o assumiu inteiramente se dedicando com afinco à compreensão e a vivência dos dogmas que justificam e fundamentam este modo de vida; que pôs toda a sua alma no caminho espiritual indicado pela *haíresis* estóica, que em primeira e última instância, implica a exigência de uma *metastrophé*: conversão a um novo modo de ser e viver com o conseqüente abandono dos velhos hábitos, tanto de pensar como de agir. “E numa multidão de coisas nós não seguimos as corretas representações na condução dos nossos afazeres, mas seguimos preferencialmente os maus hábitos”.²²

Ora, para se mudar os hábitos é preciso viver os ensinamentos, o que implica uma dupla exigência. Porque, se por um lado o discípulo deve atender as palavras do mestre e acolhê-las na própria vida para promover a sua autotransformação, o mestre por sua vez, tem a obrigação de conciliar no mundo de si mesmo ensinamento e vida (*concordet sermo vita*), isto é, o mestre não pode limitar-se tão-somente a falar, mas acima de tudo, tem de ser um praticante da palavra :

...Mas, sobretudo seu tratamento dos ouvintes deve consistir nisso, que ele se apresente, não somente como expondo as coisas mais úteis, mas também agindo em conformidade com esses

²¹ TÉLÈS et MUSONIUS, *Prédications*, V, 6; VI, 1.

²² TÉLÈS et MUSONIUS, *Prédications*, VI, 11.

ensinamentos. Quanto ao discípulo, ele deve estar voltado aos ensinamentos e vigiar para não acolher sem perceber uma falsidade; doutra parte, sobre as verdades, ele não deve, por Zeus, ouvir uma multidão de demonstrações, mas demonstrações evidentes; e entre aqueles conselhos que tem persuasão que são verdadeiros para eles também, devem segui-los em seu gênero de vida...²³.

4. A ascese da alma de Musônio e as três regras de vida de Epicteto

Musônio Rufo não se limitou tão-somente ao chamamento dos ouvintes para a conversão, ele também mostrou como fazê-la receitando uma *práxis*, uma ascese (*askésis*) da alma²⁴, que nos lembra muito a síntese lapidar de Epicteto: “Depende ou não de tí?”²⁵:

...O exercício próprio da alma consiste primeiramente, em fazer com que estejam sempre a nossa disposição às demonstrações que provam que os bens aparentes não são bens e que os males aparentes não são males, e em se acostumar em separar e distinguir os verdadeiros bens daqueles que não são verdadeiros; consiste, em seguida, em se exercitar e em não fugir de nenhum mal aparente, e em rejeitar por todos os meios os males realmente tais e a procurar de todas as maneiras os bens verdadeiramente tais...²⁶

A receita filosófica de Musônio reúne na forma de uma diatribe aparentemente simples um dos dogmas mais fundamentais e

²³ TÉLÈS et MUSONIUS, *Prédications*, I, 11. Esse respeito pelos discípulos que Musônio evidencia nessa passagem, a saber: que ninguém é obrigado a concordar com o mestre concedendo seu assentimento sem análise, sem uma adesão consentida e razoada, aponta para a noção de *pessoa moral*, para esse núcleo no ser humano que é essencialmente livre e isento de coerção e que constitui uma das idéias centrais da filosofia epictetiana.

²⁴ Ao lado desta Musônio preceitua também uma ascese do corpo e da alma, “Um exercício comum aos dois” a saber: “acostumar-se com o frio, com o calor, com a sede, com a fome, com a frugalidade na alimentação, com a dureza do leito, com a abstinência das coisas agradáveis, suportar as coisas penosas”. TÉLÈS et MUSONIUS, *Prédications*, VI, 8.

²⁵ EPICTETO, *Manual*, I.

²⁶ TÉLES et MUSONIUS, *Prédications*, VI, 8.

importantes da ortodoxia estóica, a diferenciação entre os bens e os males baseada no exercício do espírito crítico de cuja capacidade todo o homem é dotado e tem o dever de se apropriar e fazer uso. É preciso aprender a distinguir “os verdadeiros bens”, isto é, na semântica de Epicteto, “aquilo que depende de nós”, “daqueles que não são verdadeiros”, isto é, os que cremos que devem ser objeto de devoção, mas que absolutamente não dependem de nós, o que, em linguagem epictetiana significa que não possuem valor intrínseco, que são *indiferentes*. Qualquer um que meditar as idéias sugeridas nesta diatribe do mestre de Epicteto, verá à luz meridiana o quanto o conselho de Musônio sobre como exercitar a alma repercutiu fundo no espírito do discípulo Epicteto.

A advertência de Musônio aparecerá nas *Diatribes* de Epicteto na forma de um tema fortemente estruturado codificado em três regras da vida assentes por um lado, na parte dirigente da alma, o hegemônico, por outro, nas funções ligadas a parte diretora da alma racional. Os três normativos da arte de viver preceituam uma disciplina da representação ou juízo, do desejo e da ação.

Estas conquanto nascidas da sugestão inicial de Musônio constituem a contribuição pessoal de Epicteto a Filosofia do Pórtico. Ninguém antes dele apresentou a doutrina estóica nestes termos: “Já esta tripartição mesma dos atos e das funções da alma, isto é, a distinção entre julgamento, desejo e impulso (ação), é uma doutrina que é própria de Epicteto e que não se encontra no estoicismo anterior”.²⁷

5. Tripartição da Filosofia e exercício espiritual

Já mencionamos o caráter tríplice da Filosofia estóica quando perspectivada sob o ângulo do “ensino”. O discurso sobre a filosofia com fins didáticos desdobra-a numa teoria da física, numa teoria da lógica e numa teoria da ética. Contudo, a Filosofia ela mesma,

²⁷ Pierre HADOT, *Introduction aux “pensées” de Marc Auréle*, p.124.

não é triforme, é uniforme. A vida filosófica integra todos estes saberes num ato filosófico único.

É do conhecimento de todos que não foram os estóicos os primeiros a dividirem a Filosofia em três partes: a Academia antiga já distinguia na Filosofia a dialética, a física e a ética. Porém, enquanto na escola platônica esta divisão foi fortemente hierarquizada, refletindo o modo específico de compreensão que introduz nuances e degraus na realidade, no Estoicismo elas se “horizontalizaram”, organizadas em torno de um foco comum, o *lógos*.

Para os estóicos as partes da Filosofia são virtudes que se implicam mutuamente. No ato filosófico estão presentes ao mesmo tempo a física, a lógica e a ética. O sábio, como sói acontecer toda vez que os estóicos querem descrever uma atitude perfeita, é o exemplo: “O sábio pratica a dialética, guardando a coerência nos seus ajuizamentos; a ética, guardando a coerência do seu querer e nas ações que resultam; a física, se comportando com relação a ela como uma parte que é coerente com tudo àquilo que a ela pertence”.²⁸ Assim são a física, a lógica e a ética estóicas: enlaçadas na vida, separadas no discurso, “a filosofia, enquanto conduta de vida é indissociavelmente, uma lógica, uma ética, uma física”.²⁹

A importância de Epicteto diante do movimento espiritual nomeado Estoicismo em grande parte é proveniente da sua enorme capacidade de traduzir com perfeição as três partes da Filosofia em três exercícios de sabedoria prática inclusive fundando-os nas três operações principais do hegemônico, da parte diretora da alma, a saber: o desejar (*órexis*), a tendência voluntária (*hormé*) e a representação (*phantasia*):

... Os atos da alma são:
Ter uma tendência positiva (*horman*) ou negativa (*aphorman*),
desejar (*oregesthai*) ou fugir (*ekklinein*),

²⁸ Pierre HADOT, *Introduction aux “penseés” de Marc Aurèle*, p.138.

²⁹ *Ibid.*, p.155.

se preparar para agir (*paraskeuazesthai*), ter o propósito de agir (*epiballesthai*), dar seu assentimento às representações (*sunkatatithesthai*) ...³⁰

Os três exercícios espirituais de Epicteto receitam uma ascese do desejo: que consiste em renunciar as veleidades, as paixões caprichosas que nos fazem ansiar por aquelas coisas que não dependem de nós, mas do curso geral do universo; em desejar apenas o bem que depende de nós, isto é, a ação moral boa (como não lembrar de Musônio); e aceitar com alegria tudo o que vem da Natureza universal, porque o que ela nos dá é o nosso quinhão, já que ela é a Razão perfeita. ³¹

Uma ascese da tendência (*hormé*) ou da ação: que consiste em não se deixar levar por quererdes desordenados, mas agir em conformidade com o instinto profundo de comunidade humana e de justiça inscrita em nossa natureza racional; e uma ascese do assentimento: o trabalho de purificação dos pensamentos na boa utilização das representações (*phantasiai*).³²

Os exercícios, ou *topoi* de Epicteto traduzem o aspecto vivencial das três partes da Filosofia, este é o grande mérito do discípulo de Musônio; perspectivá-las sob a luz da vivência, colocando-as ao alcance do aprendiz tornando-as praticáveis. Os três tópicos de exercícios espirituais de Epicteto ensinam como passar do nível do discurso filosófico para o campo da vivência, para ele, a lógica é uma disciplina do assentimento, a ética uma disciplina da ação, a física uma disciplina do desejo.

6. Progresso espiritual e ordenação dos exercícios filosóficos

Epicteto tinha o hábito de apresentar os “exercícios” segundo uma ordem específica que a primeira vista parece indicar uma

³⁰ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 11, 6. Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p.168.

³¹ Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, *passim*.

³² Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, *passim*.

disposição metódica das habilidades que o praticante tem de respeitar para aperfeiçoar-se na arte de viver.

... Onde se encontra teu trabalho próprio?

1. Ele se situa no desejo e na aversão, a fim de que não erres teu objetivo e nem te precipites sobre aquilo que temes.
2. Ele se situa nas tendências positivas e negativas, a fim de que não falhes na ação.
3. Ela se situa no assentimento (*prosthesis*) e na suspensão do assentimento (*epokhé*) a fim de que tu não caias em erro...³³

Do ponto de vista do progresso espiritual do aprendiz de filósofo os três domínios de exercícios espirituais filosóficos se encadeiam na ordem prescrita na diatribe acima. Contudo é preciso fazer notar que Epicteto, por toda parte insiste tanto com o conselho sobre o “bom uso das impressões” que parece ser este o primeiro tema de exercícios a ser trabalhado pelo aprendiz.

Se o que ajuda a viver a vida filosófica, se o que torna viável o progresso espiritual, quanto à ordem do aprendizado, é a disciplina do desejo, porque ela liberta das inquietações e dos tormentos oriundos dos embates com os aspectos desagradáveis da vida, propiciando serenidade; e a disciplina da ação, porque ensina como conviver em família e na cidade; e como todos estes são prioritariamente matéria de apreciação, de juízo e de discernimento, *a disciplina do assentimento vem então, em primeiro lugar.*

O “bom uso das impressões” de Epicteto, em verdade, é a lógica prática, ou a prática da lógica na vida, sem a qual é impossível levar a efeito os demais temas de exercício sobre os quais ela tem prioridade e atua. “Ela é a base e o fundamento de todos os outros temas de exercício”.³⁴

³³ EPICTETO, *Diatribes*, I, 4, 11. Trad. de Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p. 170.

³⁴ Pierre HADOT, *op.cit.* p. 167.

Como já foi dito, a teoria da representação compreensiva gerou nos sucessores do movimento espiritual estóico uma tendência crescente em fomentar o lado prático da Filosofia, a ponto de transformá-la numa Sabedoria prática, numa *phrónesis*; *ipso facto*, a vida filosófica para Epicteto não pode apequenar-se em torno apenas à fraseologia brilhante, mas deve se assentar na observância estrita e continuada dos temas de exercícios, que na verdade são três ascèses do espírito, três ângulos da *phrónesis*, enfim, três luzes para se acender na alma para o caminho da Sabedoria.

É também por isso que “a doutrina dos *topoí*, dos três temas de exercício vividos, aparece nele (Epicteto) como um desenvolvimento último da teoria estóica das três partes da filosofia”³⁵.

7. A ascese do assentimento como primeiro tema de exercício filosófico

Já nos aproximamos da teoria da representação compreensiva (*phantasia kataleptiké*) para mostrar a sua importância para o antigo Pórtico e também para fazer notar o quanto ela foi cara a Epicteto. Agora se trata de vê-la em conexão estreita com a ascese do assentimento preconizada por ele como uma das faces do exercício de sabedoria prática que pode ser definida basicamente como uma *práxis* lógica. Para Epicteto, a disciplina do assentimento, a lógica vivida é diálogo com as representações:

... É como se, no domínio (*topos*) do assentimento, quando representações se produzem em nós, umas compreensíveis (*kataléptikai*) e outras não, nós não quiséssemos distingui-las, mas sim ler os tratados sobre a *representação compreensiva*. Qual é, então, a causa? É que jamais lemos, jamais escrevemos com o

³⁵ Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, *passim*.

objetivo de fazer representações que nos oferecem um uso conforme à natureza. Nós nos limitamos a aprender o que se diz, a poder explicá-lo a outro, a analisar o raciocínio composto e a examinar o argumento hipotético. Por isso, onde colocamos nosso ardor, lá também se encontra o obstáculo. Quer a todo preço o que não depende de ti? Sofre, então, os impedimentos, os obstáculos e os fracassos...³⁶

Há os que fazem uso da palavra com o fim de trabalhar no campo íntimo para promover sua autotransformação, purificar seus pensamentos e conquistar a paz. Mas também existem os que usam a palavra para se “promoverem diante dos homens”, para serem valorizados “aos olhos de outrem”; para serem vistos como “filósofos”, como “sábios”, sem abrigarem no coração a menor preocupação com a prática da palavra. Estes se pavoneiam. Aqueles operam a própria conversão lapidando o campo íntimo por meio da palavra. Estes são *filósofos-para-si-mesmos*; aqueles *filósofos-para-os-outros*.

... O mesmo acontece aqui. Como é pela palavra e por um ensinamento desta ordem que se deve avançar para a perfeição, purificar a sua faculdade de escolher e reerguer o seu poder de usar as suas representações, como de outra parte o ensinamento dos princípios deve necessariamente ser feito por certas modalidades de expressão e com riqueza e mordacidade na palavra, alguns se prendem a isso e aí se detêm. Este permanece cativo da expressão, aquele, dos raciocínios compostos, outro, das proposições que mudam de valor, este aqui, de qualquer outro albergue dessa ordem, e mantendo-se aí, apodrecem como se estivessem ligados às sereias...³⁷

“A atenção (*prosokhé*) é a atitude fundamental do estóico”³⁸. O “*filósofo-para-si-mesmo*” sabe que tem de se manter atento ao que acontece. Focado no instante vigia as apresentações

³⁶ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 4, 11-18. Trad. de Pierre HADOT, op.cit. p.157.

³⁷ EPICTETO, *Diatribes*, II, 23, 40-41.

³⁸ Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p.26. EPICTETO, *Diatribes*, IV, 12, 1-21.

(*phantasiai*), porque “elas nos apresentam questões”³⁹ que impõe a necessidade da utilização de um princípio prático de orientação do assentimento, isto é, do emprego de um *kanón* que pautar os ajuizamentos a fim de salvaguardar a fortaleza íntima da influência sedutora das impressões e conservar o hegemônico acima das perturbações decorrentes.

8. A *phantasia kataleptiké* como representação objetiva

... A apresentação (ou impressão mental/*phantasia*) é uma impressão na alma, e tirou-se o seu nome adequadamente da marca feita por um sinete na cera. Há duas espécies de apresentação; uma aprende imediatamente a realidade, e a outra apreende a realidade com pouca ou nenhuma nitidez (respectivamente *phantasia kataleptiké* e *akatáleptos*). A primeira, que os estóicos definem como critério da realidade, é determinada pelo existente, de conformidade com o próprio existente, e é impressa e estampada na alma. A outra não é determinada pelo existente, ou se provém do existente, não é determinada de conformidade com o próprio existente, e não é, portanto, nem clara nem distinta...⁴⁰

A receita filosófica de Zenão que Diógenes Laércio conservou da *phantasia kataleptiké* como “critério da realidade” é seguida à risca por Epicteto e Marco Aurélio. Ambos acreditam que o discurso interior vem em socorro da *phantasia* que se apresenta na alma por meio das impressões para atribuir-lhe significação e valor. Por isso que, para eles, tudo está a depender do que o homem diz a si mesmo diante dos fenômenos do mundo.

O diálogo consigo mesmo é o exercício espiritual que guarda uma conexão muito forte com a disciplina do assentimento, logo, com o modo de ajuizar as apresentações; e não poderia ser de outro modo já que o seu papel é o de atribuir um juízo de valor (*hypólepsis*) às impressões. À “apresentação que aprende

³⁹ EPICTETO, *Diatribes*, III, 8, 1.

⁴⁰ D.L., VII,45-46.

imediatamente a realidade” e que “tem de fato a precedência, segue-se o pensamento que, enquanto é capaz de enunciar o que recebe da apresentação, o exprime por meio da palavra”.⁴¹

Ora, quando Zenão afirma que a representação compreensiva (*phantasia kataleptiké*) “é determinada pelo existente, de conformidade com o próprio existente, e impressa e estampada na alma”, na verdade, ele está atestando que o sentido da representação compreensiva (*phantasia kataleptiké*) reside essencialmente no seu caráter objetivo, em sua objetividade, que a *phantasia kataleptiké* é, antes de ser representação compreensiva, representação objetiva:

... Da mesma forma que nos exercitamos em responder às questões sofisticas, assim também deveríamos nos exercitar a cada dia em responder às representações, pois também elas nos apresentam questões.

– O filho de um tal morreu?

– responde: ‘Isso não depende da nossa faculdade de escolher (*prohaíresis*), isso não é um mal’.

– O pai de um tal o deserdou. O que pensas disto?

– Isto não depende de nossa faculdade de escolher (*prohaíresis*), isso não é um mal.

– César o condenou.

– Isto não depende da nossa faculdade de escolher (*prohaíresis*), isso não é um mal.

– Ele é afligido por isso.

– Isso depende da nossa faculdade de escolher (*prohaíresis*), isso é um mal.

– Ele suportou a aflição com valentia.

– Isso depende da nossa faculdade de escolher (*prohaíresis*), isso é um bem.

Se adquirirmos esse hábito, progrediremos: não daremos nunca nosso assentimento senão àquilo de que temos uma representação objetiva...

⁴¹ D.L., VII, 49.

Mas de onde vem a objetividade da representação objetiva? Viria do sujeito? Do homem? Mas neste caso o homem é que constituiria a objetividade do objeto e isso não é Estoicismo, é kantismo. Então o que devemos entender quando Epicteto nos aconselha a dar assentimento somente à representação objetiva? No que consiste o caráter objetivo da representação para Epicteto?

9. A primazia da *phantasia kataleptiké*

Em primeiro lugar é preciso dizer que não somos nós que produzimos o objeto. No pensamento de Epicteto e de Marco Aurélio, o sujeito não produz nada. Ele apenas retém ou procura deter o lado objetivo do que se apresenta na representação, o fenômeno (*phainómenon*). A representação objetiva (*phantasia kataleptiké*) se produz no contato do objeto com a alma, não é o sujeito que põe ou produz a realidade objetiva, a verdade é que a realidade já entrou no espírito como impressão.

Fulano morreu. Isto é um acontecimento um fenômeno. Nem Epicteto, nem Marco Aurélio irão questionar se a morte de fulano ocorreu ou não. O que acontece chega. Este tem a marca distintiva que o caracteriza como representação objetiva (*phantasia kataleptiké*). Esta “é impressa e estampada na alma”, esta “aprende imediatamente a realidade” como nos ensina Zenão.

... Os estóicos concordam em atribuir a primazia à doutrina da apresentação e da sensação, o critério, com que se discerne a verdade das coisas, é em geral *apresentação*; a teoria do assentimento, da apreensão e da inteligência, que precede todas as outras, não pode ser expressa firmemente sem a *apresentação*...⁴²

A *phantasia kataleptiké* deve a sua origem a junção de dois corpóreos, da alma e do objeto, da impressão do objeto no espírito. O homem para o Estoicismo vive num mundo “real”, o “ideal” é

⁴² D.L., VII, 49. *O grifo é nosso*.

que não é “real”; o contato do objeto com a alma não pertence ao mundo das idéias. Por conseguinte, não é o homem que constrói a objetividade do fenômeno. Este já é objetivo por si próprio. A objetividade já faz parte do seu ser.

Ora, uma vez que a realidade já se objetivou no espírito, a tarefa própria do homem é dominar com mestria o discurso interior suspendendo (*epokhé*) qualquer opinião que venha a se acrescentar à realidade objetiva deformando-a. O Ser bate nas portas do *hegemonikón* pela via dos sentidos. Ele chega e pode permanecer como “é” ou ser deturpado por meio de uma opinião, um juízo de valor, uma apreciação. “Tudo é opinião e esta de ti depende. Suprime, pois, a opinião quando queiras e, como se tivesses dobrado um cabo, tudo será calma e quietude numa enseada mansa”.⁴³

10. A *phantasía akataleptos* como representação subjetiva

Se permanecer como “é” não perturba. “O que perturba os homens não são as coisas, são, isso sim, as opiniões firmes (*dogmata*) que têm das coisas”, porque a alma modifica a si mesma quando faz uma apreciação, quando julga o valor das coisas. Deste estado de coisas dimana a injunção do emprego de algum princípio que oriente o siso, de uma canônica de purificação do juízo para proteger o *hegemonikón* de si mesmo, já que depende dele, de sua *prohaíresis*, o bom ou o mau uso das representações.

... Não digas a ti mesmo nada em acréscimo ao que revelam as idéias que se apresentam. Comunicaram-te que fulano fala mal de ti. Comunicaram isso; que ficasses prejudicado não comunicaram. Vejo que o filho está doente. Vejo-o; mas que esteja em perigo não vejo. Fica, pois, assim, sempre nas primeiras idéias, sem ajuntar nada de teu, e nada te acontece. Antes, ajunta que reconheces cada um dos fatos que ocorrem no mundo...⁴⁴.

⁴³ M.A., XII, 22.

⁴⁴ M.A., VIII, 49.

O juízo de valor ou *hypólepsis* que Epicteto e Marco Aurélio aconselham sustar e suspender, em linguagem zenoniana, é a representação não-compreensiva (*akátaleptos*), esta “não é determinada pelo existente e se provém do existente, não é determinada de conformidade com o próprio existente”. Como a “apresentação (*phantasia kataleptiké*) difere da imaginação arbitrária”⁴⁵, e a interpretação de Epicteto da *hypólepsis* é exatamente essa, “imaginação arbitrária”, podemos nomear a representação não-compreensiva de representação não-objetiva, isto é, representação subjetiva, este o sentido desta passagem do *Enkheirídion*:

... Imediatamente, na presença de cada representação penosa, exercita-te a dizer-lhe: “Tu não passas de uma representação (*phantasia* no sentido de *akatáleptos*, não-compreensiva), e não és de forma alguma aquilo que representas (*tó phainómenon*, o que se forma a partir da impressão do objeto)”⁴⁶.

Podemos interpretar assim as palavras de Epicteto: És uma representação subjetiva, imaginação arbitrária, uma *phantasia akatáleptos*, logo, não és de modo algum aquilo que se apresenta realmente, *tó phainómenon*, o objeto que se apresenta na representação objetiva, o realmente percebido. “Eis o verdadeiro atleta, aquele que treina na luta contra tais representações. Resiste infeliz, não te deixes dominar. O combate é grande, a obra é divina, o que está em jogo é um reino, a liberdade, a felicidade, a ausência de inquietação”.⁴⁷

Aí temos a explicação dos motivos da excessiva preocupação de Epicteto com o bom uso das representações, do porquê da ascese do assentimento estar voltada inteiramente para a representação e, ao

⁴⁵ D.L., VII, 50.

⁴⁶ EPICTETO, *Manual*, I, 5.

⁴⁷ EPICTETO, *Diatribes*, II, 18, 28-29.

mesmo tempo constituir um exercício da maior importância - o da lógica vivida -, porque do ponto de vista da vivência, da prática, esta se afigura imprescindível para o bom desempenho do aprendiz nas três asceses preconizadas por Epicteto.

A palavra de ordem de Epicteto é sacudir o jugo das representações *subjetivas*, isto é, eliminar justamente aquelas “não provenientes do existente”, porque é preciso purificar os pensamentos das deturpações que inserimos na realidade quando emitimos opinião em torno das coisas, e, aclará-los, lhes retirando o véu com que a imaginação os cobriu. Esta a tarefa principal do filósofo, sem este trabalho preliminar, sem este exercício lógico inicial, como progredir espiritualmente? Como avançar na arte do assenhoreamento de si mesmo?

... É por isso que a principal, a primeira tarefa do filósofo é pôr à prova suas representações, criticando-as e não aceitando nenhuma delas sem antes examiná-las. Vejam, no caso da moeda, já que isto parece ter importância para vós, a técnica que inventamos e todos os procedimentos aos quais recorre o especialista para autenticar a moeda: a visão, o tato, o olfato e, para terminar, a audição. Ele lança a peça e se concentra no som que ela produz; e uma vez apenas não é suficiente, mas à força de concentrar assim sua atenção ele se torna músico. Assim acontece nas áreas nas quais acreditamos que é importante se enganar ou não se enganar; prestamos muita atenção no exame daquilo que pode induzir a erro; mas, quando se trata desta infeliz parte dirigente da alma, nós cochilamos, dormimos e aceitamos cada representação: porque o erro que fazemos a nós mesmos não nos atinge ...⁴⁸

11. A prática da lógica entre a representação objetiva e a representação subjetiva

Diante destas afirmações de Epicteto vê-se cair por terra a idéia muito comum e disseminada de que a Filosofia estóica propugna a passividade, a resignação passiva perante a vida. A

⁴⁸EPICETETO, *Diatribes*, I, 20, 7-11. Jean-joël DUHOT, *Epicteto e a sabedoria estóica*, p.134.

responsabilidade do filósofo estóico diante do mundo que o circunda é imensa e o trabalho que lhe cabe gigantesco. Ele deve esmerar-se na arte da atenção (*prosoché*) porque cada vez que se apresenta uma representação, também se manifesta a ocasião da prática da *lógica vivida*; o momento de pautar o pensamento pela canônica do assentimento.

Enfim, é mister muita vigilância para suspender o juízo de valor (*hypólepsis*) com respeito àquele domínio da realidade que não nos diz respeito, aquele onde não cabe nem preferência, nem escolha; porque é indiferente, dado que faz parte do curso inelutável da Razão universal. No fundo, o princípio de sabedoria prática de depuração do assentimento preceitua uma única regra: conceder assentimento somente à representação compreensiva, isto é, à representação *objetiva* aplicando a regra máxima da lógica epictetiana de viver: Depende ou não depende de ti?

...Eis aqui o tipo de treinamento que necessariamente é preciso praticar. Desde o amanhecer, quando vês alguém, quando ouves alguém, procede a um exame, responde como se te interrogassem. O que viste? Um belo jovem ou uma bela mulher? Aplica a regra. Isto depende ou não da minha faculdade de escolher? Não. Expulsa esse pensamento. O que é que viste? Alguém que chora a morte de uma criança? Aplica a regra. A morte não depende de nossa faculdade de escolher. Expulsa essa idéia. Encontrei o cônsul? Aplica a regra. O que é o consulado? Ele depende ou não da minha faculdade de escolher? Não. Expulsa também essa idéia, ela não resiste ao exame; rejeita-a, ela não é nada para ti. Se fizéssemos isso e se nos exercitássemos assim a cada dia, da aurora ao anoitecer, aconteceria alguma coisa, pelos deuses. E, na realidade, estupefatos, nós nos deixamos tomar por cada representação, senão, é somente na escola que despertamos um pouco...⁴⁹

Eis a lógica prática em movimento, o ato de tornar puro o pensamento desembaraçando-o das representações subjetivas, o ato de neutralizar a influência deletéria das representações não-

⁴⁹EPICTETO, *Diatribes*, III, 3, 14-17. Jean-Joël DUHOT, *Epicteto e a sabedoria estóica*, p. 155-156.

compreensivas sobre o *hegemonikón*. Como se vê, a canônica do assentimento exige a suspensão (*epokhé*) do juízo de valor, e: “Se fizéssemos isso e se nos exercitássemos assim a cada dia, da aurora ao anoitecer, aconteceria alguma coisa”, Epicteto sabia exatamente o significado deste “acontecer alguma coisa”: uma experiência extraordinária.

O desenraizamento do hábito de projetar os medos, as angústias e as ansiedades por sobre os acontecimentos da vida, mormente sobre aqueles que não dependem de nós, corresponde a uma espécie de purificação dos fenômenos do mundo de todos os “antropomorfismos” com que se entinta a realidade circunjacente.

Neste “acontecer alguma coisa”, duas coisas acontecem. No mesmo movimento de despojar os fenômenos daquela leitura costumeira, restrita e passional, e, que corresponderia a certa miopia da alma, criam-se as condições de se experimentar o “mundo como mundo”. Há um processo concomitante de conversão, da visão cujo movimento conflui para a Razão universal e esta, pacificando o espírito, fazendo-o entrar nos domínios da paz; eis o significado humano deste “acontecimento” prenunciado por Epicteto.

“Acontece alguma coisa” porque a prática acética do assentimento desencadeia a expansão do pensamento até a união com o Pensamento, que o entorna como o ar que respiramos. Epicteto certamente vivenciou esta experiência que Marco Aurélio descreve com perfeição: “Não mais te limitares a co-respirar o ar que te circunda, mas desde logo, co-pensar com o Pensamento que engloba todas as coisas”.⁵⁰

12. A circunscrição do “eu” e a visão “física” do mundo

Do ponto de vista da prática da lógica, o procedimento de orientação do assentimento impõe uma perspectiva “física” aos

⁵⁰ M.A., VIII, 54. A tradução é de Pierre HADOT, op.cit. p. 56.

fenômenos do mundo capaz de resguardar neles o caráter corpóreo, destarte o diálogo interior pode manter-se em “conformidade com o existente”. Aqui a doutrina física e a ascese do assentimento se encontram:

... Definir ou divisar o objeto de uma maneira puramente “física”, de uma maneira conforme a parte “física” da filosofia é subtrair-lhe o falso valor que a opinião humana lhe atribui. É, pois, reconhecê-lo como “indiferente”, isto é, como independente da nossa vontade, mas dependente da vontade divina, é, pois fazê-lo passar da esfera banal e mesquinha dos interesses humanos à esfera inelutável da ordem da natureza...⁵¹

O pensamento acrisolado na luta acirrada contra as representações subjetivas descerra um novo mundo em um novo olhar. No mesmo movimento de transformar o olhar da natureza o homem descobre que se transformou, “a transformação da consciência do mundo suscita uma transformação do eu”:

... E se a física, mostra os eventos como tecidos inexoravelmente pelo destino, o eu toma consciência de si mesmo como uma ilha de liberdade no seio da imensa necessidade...⁵²

A execução rigorosa do “bom uso das representações” conforme a prescrição de Epicteto conduz a um tipo de experiência que ultrapassa imensamente a mera observância de uma regra. Ele sabia disso porque vivia isso. Lembremos que Epicteto, fiel a tradição socrática da filosofia, nada escreveu. Aquilo que ele ensinava. Era aquilo que ele vivia. Por isso que quando ele falava, os ouvintes ouviam com a própria consciência arrebatada pela força singular de suas palavras de cuja influência conversiva, indefesos não conseguiam se furtar.

⁵¹ Pierre HADOT, *Exercices spirituels et philosophie antique*, p. 158-159.

⁵² Pierre HADOT, *Introduction aux “penseés” de Marc Aurèle*, p. 190.

Epicteto quando fala aos discípulos está mostrando como é “que se faz alguma coisa”, qual o caminho que se tem de fazer para se alcançar isso ou aquilo. Ele está ensinando uma estratégia de enfrentamento da vida para a conquista da fortaleza da alma, da paz de espírito; um caminho espiritual que ensina os meios de cessação dos tormentos do espírito.

O início e o fim do caminho da rara e incomum conquista da serenidade, da fortaleza da alma, da paz de espírito, da apatia, em suma, da cessação das inquietudes da alma emanam da “cumpridura” rigorosa do exercício espiritual filosófico de delimitação do eu, este é tão importante, que consta na primeira página do *Enkheirídion* e das *Diatribes*, como se Arriano estivesse a dizer que este constitui a “entrada” no caminho da conquista de si próprio e, além disso, o trabalho mais urgente e necessário a ser feito:

... Por entre as coisas, umas dependem de nós, outras não. Depende de nós o juízo (*hypólepsis*), a tendência (*hormé*), o desejo (*órexis*), a aversão (*énklisis*) e, em uma palavra, tudo o que é de nós. Fora da nossa competência estão o corpo, a riqueza, a reputação, o poder e, em uma palavra, tudo o que não nos pertence propriamente...⁵³

Note-se que esta diatribe é um guia de meditação cujo foco central é ordenar o discurso interior descrevendo várias linhas em torno do “eu”, os múltiplos círculos que denotam a proximidade dele com as coisas do mundo para revelá-las como forâneas, como estranhas e desnecessárias aos que buscam a harmonia interior.

Epicteto nas várias ocasiões que sugere este tipo de meditação começa demonstrando a necessidade de desapego do próprio corpo. Marco Aurélio nos guardou uma frase que Epicteto tinha o hábito de falar e que nos dá uma idéia do que ele pensava a respeito: “És uma almazinha carregando um cadáver”.⁵⁴

⁵³ EPICTETO, *Manual*, I, 1; *Diatribes*, I, 1-32.

⁵⁴ M.A., IV, 41.

Sabe-se que Epicteto usava o diminutivo (almazinha) para minimizar a importância das coisas a seus olhos. Essa era uma forma de exercício de domínio do discurso interior para orientá-lo na direção dos reais valores e, nomear seu próprio “corpo” de “cadáver” também é praticado com o mesmo intuito. Noutras vezes ele o denomina simplesmente de barro: “Este corpo de lama, como podia ele (Deus) fazê-lo livre de entraves?”⁵⁵.

Há muitas coisas que não “nos pertencem propriamente” e com certeza o corpo é uma delas.

... Recorda, pois, que se considerares livres as coisas que são por natureza escravas, e como próprias as coisas que são de outros, encontrarás obstáculos, aflições, perturbações e dores por parte dos homens e dos Deuses. Ao contrário, se estimares como próprio somente o que é verdadeiramente teu, e se considerares dos outros o que verdadeiramente é deles, ninguém nunca poderá forçar-te, impedir-te, tu não terás de doer-te por ninguém, não culparás o que quer que seja, não terás inimigos, ninguém te molestará; de fato, não receberás qualquer dano ...⁵⁶

O grande problema é que o “eu” se prende inconscientemente àquelas coisas que julga ser suas. Esse aprisionamento do espírito se deve em grande parte a um erro de julgamento. Sem se dar conta o “eu” se vê refletido nas coisas a que se prende e com isso forma-se o círculo vicioso que agrilha o espírito na rede das coisas e das pessoas. Por isso Epicteto desde o início até o fim do seu ministério pedagógico insistiu em demonstrar que é mister traçar uma linha divisória precisa entre o “nosso e o dos outros”.

Outro ponto relevante da meditação que ajuda a fazer efetivamente a separação no sentido de afastar para longe de nós como estranhas as coisas que não dependem de nós, além dos mais

⁵⁵ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 1, 100.

⁵⁶ EPICTETO, *Manual*, I, 3.

óbvios, como, as riquezas, o poder, a reputação; é o da relação do “eu” com os outros, as pessoas com as quais ele se relaciona de perto.

Traçar em redor de si o círculo que delinea o modo como se deve valorizar os que vivem em torno ajuda a evitar formas de se aprisionar. Às vezes atribuímos tal importância aos “outros” que acabamos desvalorizados aos nossos próprios olhos; é quando a opinião deles com relação a nós vale mais do que a opinião que temos sobre nós mesmos.

... Admira-me muitas vezes como cada um, embora ame a si mesmo acima de todos, dá menos valor à sua opinião a seu respeito que à dos outros. Por certo, se, de um deus que aparecesse, ou de um sábio mestre, alguém recebesse a ordem de nada refletir nem meditar de si para consigo sem, ao mesmo tempo, exprimi-lo em voz alta, não suportaria a imposição sequer por um só dia, a tal ponto respeitamos mais o que pensará de nós o próximo do que a nossa própria opinião...⁵⁷.

A meditação que demarca os limites do eu auxilia-o a se posicionar diante das coisas e dos outros. Esta é um instrumento precioso para ele descobrir o real valor das coisas e o modo como deve se portar diante do que lhe foi dado pelo “Doador”; de como possuir as coisas sem ser possuído por elas:

... O que ele me deu que pertença a mim e só depende de mim, e o que reservou para ele mesmo? O que ele me deu é o que procede da faculdade de escolher (*prohaíresis*); isso ele fez depender de mim, sem obstáculos nem entraves. Este corpo de lama, como podia ele fazê-lo livre de entraves? Ele o submeteu, portanto, à *revolução do universo*, assim como aos meus bens, meus móveis, minha casa, meus filhos, minha esposa. Por que, então, lutar contra Deus? Por que querer o que não é querido, procurar a todo custo possuir o que não foi dado? Mas como querer possuir? Como é dado e na medida em que é possível. Mas aquele que havia dado toma de volta. Por que então resistir?...⁵⁸.

⁵⁷ M.A., XII, 4.

⁵⁸ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 1, 100-102. *O grifo é nosso*.

Fechamos novamente um ciclo. Que “olhar” é esse que permite remeter as coisas que não dependem de nós “à revolução do universo” senão exatamente aquele nascido da purificação das representações subjetivas? O tipo de pensamento que se expande até o Pensamento que nos circunda como o ar que respiramos? Não é esse o estado de espírito que constitui a grandeza da alma? Aprender a olhar as coisas com o mesmo olhar com que a Natureza as olha? Anular gradativamente os falsos valores que agregamos às coisas até alcançar aquela condição de enxergá-los sob a luz da indiferença filosófica?

Epicteto funda a noção de grandeza da alma na indiferença que se deve aprender a nutrir pelas coisas indiferentes que se alcança por meio da contemplação “física” do mundo; contudo, a condição de possibilidade da “contemplação física do mundo” reside na lógica vivida, no “bom uso das representações”, no uso devido da faculdade de escolher (*prohairesis*).

13. As prenoções como critério da ação ética

O conselho de Epicteto sobre “o bom uso das representações” nos serviu de guia até aqui para nos auxiliar a compreender os fundamentos filosóficos que apóiam suas prescrições de Sabedoria prática. Vimos que estes fundamentos ordenam espírito de reserva e vigilância com relação ao que nos chega pela via dos sentidos, e também muito cuidado com as impressões. Ora, Epicteto e os estoícos antigos não se limitaram a esse único uso das representações.

Portanto há também um outro modo de se lidar com elas e ele consiste basicamente numa espécie de inversão do modo como a tratamos até agora. Porque se por um lado é preciso cuidar das representações que chegam, por outro tem-se de cuidar das noções que saem, das noções inatas que cada um possui e que são o critério da ação ética. No Estoicismo não se defende a tese da

passividade. Seja na fase de acolher o mundo pela via sensória, seja na ocasião de adequar as prenoções (*prolepseis*) às circunstâncias da vida.

De onde vêm às noções que servem de critério as retas ações. Sobre quais fundamentos se esteia a ética epictetiana? Na história ou na natureza? Epicteto vai responder estas perguntas seguindo mais uma vez à tradição antiga. Os primeiros estóicos diziam: “As noções do justo e do bem derivam da natureza (...) Os critérios (da verdade) são a sensação e a preconcepção; a preconcepção é a inteligência natural do universal”.⁵⁹

Quando a sensação (*aísthesis*) é tomada como critério da verdade a estratégia é vigiar as representações; esta ação se caracteriza fundamentalmente por uma preocupação com o que chega, com o circunjacente, na medida em que ele nos marca com sua presença e nos carimba com o seu ser.

Quando a preconcepção é tomada como critério da verdade para o norteamento das ações inverte-se a estratégia, deve-se voltar a atenção sobre si mesmo, porque todo o mundo carrega dentro de si estas noções, porque ninguém vem ao mundo desprovido delas, porque elas são naturais, porque “as prenoções são comuns a todos os homens, e uma não contradiz a outra”⁶⁰:

... Com efeito, viemos ao mundo sem ter naturalmente nenhuma noção do triangulo retângulo, do sustenido ou do semitom, mas é pelo ensinamento das artes que aprendemos cada uma dessas coisas, e, por isso, aqueles que não as conhecem não imaginam conhecê-las. Ao contrário do bem e do mal, da beleza e da feiúra, daquilo que convém e do que não convém, da felicidade, da conveniência, daquilo que nos concerne, daquilo que é preciso fazer e daquilo que não se deve fazer, quem veio ao mundo sem ter uma noção inata? Eis por que nós todos usamos essas expressões e tentamos aplicar nossas prenoções aos casos particulares. Ele agiu bem, como era necessário, ou não; ele não teve sorte, ele a teve; ele é

⁵⁹ D.L., VII, 53-54.

⁶⁰ EPICTETO, *Diatribes*, I, 22, 1.

injusto, ele é justo. Quem entre nós faz economia dessas expressões? Quem entre nós espera ter aprendido para utilizá-las, como fazem para a escritura ou para uma língua os que não as conhecem? A causa disso é que viemos ao mundo tendo, por assim dizer, já recebido da natureza, nesse domínio, um ensinamento do qual partimos e ao qual acrescentamos nossa opinião...⁶¹.

Alguém já disse que a Filosofia estoíca é a doutrina da coerência consigo mesmo. Aquela Razão perfeita que eles vêem agindo por trás do vórtice que envolve todas as coisas no seu giro necessário e inelutável, é a mesma presente na comunidade humana, a Razão que rege o “mundo dos homens”, e tal qual, a que reside no homem tomado individualmente. Podemos visualizá-las figuradamente como círculos concêntricos. Na medida em que o homem busca o próprio centro procurando beneficiar-se do lume da própria razão, ele converge para a Luz da Razão universal e social que coincidem com ela no mesmo ponto no meio da esfera.

... Esta filosofia se funda numa clara intuição da essência da vida. De imediato, desde o primeiro instante de sua existência, o vivente é instintivamente acorde consigo mesmo: tende a se conservar e a amar sua própria existência e tudo que a possa conservar. Este acordo instintivo devém acordo moral consigo próprio, quando o homem descobre por meio de sua razão que é a escolha refletida do acordo consigo mesmo, que é a *atividade mesma da escolha* que constitui o valor supremo e não os objetos sobre os quais recai o instinto de conservação. É que o acordo voluntário consigo mesmo coincide com a tendência da Razão universal, que não somente faz de todo ser vivente um ser acorde consigo mesmo, mas do mundo inteiro, ele mesmo um vivente acorde consigo próprio..⁶².

Todo o homem tem um conhecimento natural *inconsciente* da realidade essencial. De fato, todo o homem sente a aspiração do bem. Todo homem procura a liberdade, a felicidade, a paz de

⁶¹ EPICTETO, *Diatribes*, II, 11, 2-6.

⁶² Pierre HADOT, *Introduction aux “Penseés” de Marc Aurèle*, p. 132.

espírito, e, também se esforça para evitar o que lhe é danoso. Tecnicamente é o que os estóicos nomeiam de *oikeíosis* (apropriação de si) e de *epiméleia* (cuidado de si). O homem porque ama a si mesmo está orientado para o cuidado de si próprio, e esta é uma orientação básica de todo o ser humano.

14. O inferno sou eu

Fossem as coisas somente assim e os homens seriam felizes na terra. O problema é que todo mundo sabe que a vida não é a ribalta dos caprichos satisfeitos. Este quer, mas não consegue. Aquele almeja, mas não alcança. Aqueloutro tinha tudo e perdeu. Estoutro não tinha nada, ganhou tudo, e perdeu-se. Não é nada fácil encontrar a felicidade nesta vida, e raríssimo quem pode dizer sem mentir que é feliz.

Para Epicteto o que faz destes afãs humanos um problema quase insolúvel é a ignorância do homem quanto ao que deve ser considerado como bem. A questão valorativa permeia todos os olhares que o homem lança sobre o mundo e sem a sua solução é impossível alcançar o desiderato de harmonia que pulsa nos recessos de sua alma.

Por conseguinte a tarefa prioritária da educação filosófica será ensinar como aplicar as prenoções aos casos particulares e, também apontar aonde encontrar o bem verdadeiro:

... Que é, então, a educação filosófica? É aprender a aplicar nossas prenoções naturais aos casos particulares de uma maneira conforme com a natureza; é em seguida, discernir, em meio aos seres, aquilo que depende de nós e aquilo que não depende. Depende de nós: a pessoa e todos os seus atos; não depende de nós: o corpo, as partes do corpo, aquilo que nós possuímos, os parentes, os irmãos, as crianças, a pátria, em uma palavra aqueles com quem nós vivemos. Em que então devemos colocar nosso bem? A que tipo de realidade aplicaremos este nome? Àquelas que dependem de nós. - “Quê! Então não é um bem a saúde, a integridade do corpo, a vida? Não? Nem mesmo as crianças, os parentes ou a pátria? Quem

poderia crer?” – Transportemos então para esses últimos objetos a denominação de bens. Então é possível ser feliz se injuriado e privado dos bens? – “Isso não é possível”. – E, ter com aqueles que vivem perto de vós as relações que devem existir? E como isso seria possível? Porque eu sou levado pela natureza a considerar meu interesse. Se for meu interesse ter um campo; é também meu interesse pegar aquele do vizinho; se for meu interesse ter uma veste, é também meu interesse roubá-lo de uma casa de banhos. Daí, as guerras, as dissensões, as tiranias, os complôs.⁶³

Traduzindo em termos cristãos essa passagem de Epicteto poderíamos dizer que “o nosso tesouro está onde colocamos o nosso coração”⁶⁴ e que o ensinamento filosófico desta diatribe consiste em nos mostrar onde colocá-lo. O “coração” do homem, segundo o Estoicismo de Epicteto, pode ser posto nas coisas que não dependem de nós: o mundo apreciado deste ponto de vista é um inferno de todas as horas. Está chovendo, mas *eu* queria que não estivesse. Pronto. Já fiquei aborrecido.

Queria que fizesse um tempo ameno e está fazendo calor. Pronto. Já estou descontente. Ambicionava certo cargo de projeção, mas nomearam outra pessoa. Pronto. *Eu* estou enfurecido. Parodiando Sartre nós diríamos que “o inferno sou *eu*” porque as coisas que não dependem dele não funcionam como ele quer, mas como elas querem. Eis o inferno, eis a prisão em que o “eu” se coloca.

Não obstante, pode-se estimar as coisas, segundo a perspectiva da educação filosófica, sob esse ângulo deve-se colocar o “coração” naquelas coisas que dependem de nós, porque só elas são livres e isentas de obstáculos. A aplicação efetiva deste conselho propicia a possibilidade da fácil adaptação a qualquer circunstância; se o “coração” está no lugar certo, então, “o céu sou eu”. “Por este motivo é igualmente ridículo dizer: ‘me dá um conselho’. Que conselho queres que eu te dê? Mas, antes digas:

⁶³ EPICTETO, *Diatribes*, I, 22, 9-15.

⁶⁴ MATHEUS, 6, 21.

“Torna meu pensamento capaz de se adaptar seja ao que for que venha a acontecer”.⁶⁵

...Traséas tinha o costume de dizer: “Melhor ser condenado à morte hoje do que ser banido amanhã”. O que lhe respondeu Rufo? “Se escolheste essa parte porque ela é mais penosa, que loucura esta tua escolha! Se, ao contrário, porque ela é menos dura, quem te deu o direito de fazer esta escolha? Não queres aprender a te contentares com o que te é dado?”. E dentro deste mesmo espírito o é que Agripino dizia? “Eu não quero ser um estorvo para mim mesmo”.⁶⁶

Epicteto é um legítimo herdeiro da tradição socrática. Esta não separa o discurso filosófico da vida filosófica. Por isso pode-se dizer dele: “Sua palavra, sua vida”. O fato de não ser um filósofo escritor não o impediu de ensinar durante mais de vinte e cinco anos.

Se pudéssemos reunir todo esse saber que ele viveu e ensinou a viver, e perpassássemos a superfície das verdades que ele encerra e contemplássemos o fundo que lhes dá alento e inspiração então veríamos as duas palavras capazes de espelhar este espírito grandioso, este escravo alforriado, este pequeno homem velho e manco.

15. Conhece-te a ti mesmo (*gnôthi sauton*)

Note-se que o saber viver em que Epicteto é mestre e que o alenta fundamente, é o saber de si mesmo, é o saber que tem por fim libertar o que aprende da escravidão do espírito pelo caminho socrático do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi sauton*).

... “Mas o tirano vai me acorrentar!” O quê? As pernas. “Mas ele me tirará...” O quê? A cabeça. O que é que ele não pode nem acorrentar

⁶⁵ EPICTETO, *Diatribes*, II, 2, 21.

⁶⁶ *Ibid.*, I, 1, 26-27.

nem te tirar? A pessoa. (*proáresin*) É por essa razão que os antigos nos deram esse preceito: conhece-te a ti mesmo. (*gnôthi sauton*)...⁶⁷

Ora, o exercício de circunscrição do eu, a transformação “física” do olhar, a *diáresis* que ensina a distinguir as coisas que dependem de nós das que não dependem, enfim, os três caminhos ascéticos que na verdade são três princípios de sabedoria prática, são a versão de Epicteto do *gnôthi sauton* e, tudo isto ele faz depender da *proháresis*.

O preceito *gnôthi sauton* é o lugar de confluência, o ponto de convergência, por onde passa e se estrutura a mensagem filosófica de Epicteto, constituindo o ponto nevrálgico da sua concepção da Filosofia como ação autotransformadora, como conversão. Os três temas de exercícios espirituais propostos por ele articulados a distinção entre as coisas que dependem e as que não dependem de nós, que o homem só consegue levar a cabo se voltar os olhos para si mesmo, para a sua *proháresis*, nada mais são do que a versão prática do “conhece-te a ti mesmo” reinventado por Epicteto.

O mandamento “conhece-te a ti mesmo” na visão de Epicteto constitui uma psicascética⁶⁸ apoiada na *proháresis* que desencarcera o espírito cativo na ignorância de si próprio lhe propiciando a conquista de uma vida solta, sem entraves, livre de quaisquer embaraços. Contudo para que a liberdade seja completa e perfeita tem de estar apoiada na compreensão de que existe um Deus que cuida de cada um. Ora, para Epicteto, esse debruçar-se do homem sobre si mesmo é inseparável da clara constatação da existência de Deus.⁶⁹

...Eis como nós representamos a tarefa do filósofo. Falta ainda procurar realizá-la. Vemos que alguém se torna carpinteiro graças a

⁶⁷ EPICTETO, *Diatribes*, I, 18, 17-18.

⁶⁸ A construção da palavra é nossa. Usamos como modelo a palavra “somascética”.

⁶⁹ “O fim desse mesmo capítulo é ainda mais significativo. Epicteto insinua nele claramente que o estudo do homem supõe o estudo de seu autor e que o ‘conhece-te a ti mesmo’ de Sócrates se prende ao problema de Deus”. Armand JAGU, *Épictète et Platon*, p.114.

um aprendizado, piloto graças a um aprendizado. Não é portanto claro que também nesse caso não basta querer ser alguém de bem, mas é necessário um aprendizado? Nós procuramos qual é esse aprendizado. Os filósofos dizem que é preciso começar por isto: *Existe um Deus, ele exerce sua Providência sobre todo o Universo (hoti esti théos kaí pronoéi ton hólon)*, e não é possível esconder dele, não somente suas ações como também seus próprios pensamentos e desejos.⁷⁰

Em seguida ele vê como necessário descobramos o que são os deuses, posto que na medida em que soubermos quem eles são, perceberemos como os agradecer e seguir:

... Se a divindade (*tó theíon*) é fiel, ele também deve ser fiel, se ela é livre, também ele; se ela é benfeitora, ele também; se ela tem uma grande alma, também ele. Consequentemente, doravante ele deve fazer tudo e dizer tudo como imitador de Deus...⁷¹

O estudo do homem supõe o estudo do seu autor⁷² e uma vez reconhecido esse nexos essencial entre Deus e o homem, entre o homem e a Divindade, surge imediatamente o compromisso dele para com essa Divindade reconhecida; a identidade humana se desvela em face do numinoso, no conhecimento de si próprio o homem encontra Deus:

... Pouco numerosos são aqueles que vêm à feira por amor ao espetáculo (*philothéamones*): “o que é então o mundo? Quem o dirige? Ninguém? Como é possível que uma cidade, uma casa, possa subsistir ainda que seja por tão pouco tempo se não existe alguém para dirigi-la e cuidar dela, e que uma construção tão grande e tão bela deva à ventura e ao acaso ser governada com tal ordem? Existe, portanto, alguém que a dirige. Quem é ele, e como ele dirige? E nós, quem somos, nós que nascemos dele? E para que obra? Temos ou não temos um ele e uma relação com ele? ...⁷³

⁷⁰ EPICETETO, *Diatribes*, II, 14, 9-12. *O grifo é nosso*.

⁷¹ *Ibid.*, II, 14, 13-14.

⁷² Théodore COLARDEAU, *Études sur Épictète*, p.54.

⁷³ EPICETETO, *Diatribes*, II, 14, 25-27.

16. A Proháresis⁷⁴

No mesmo passo em que o homem descobre que o Mundo tem um governante, encontra também em si mesmo, o seu bem mais próprio, o seu bem mais precioso, a saber: a *proháresis*. Ela é um dom de Deus para o homem cuja característica *sui generis* é de ser totalmente isenta de peias; desimpedida e desembaraçada não está sujeita a senhor algum, nem mesmo ao próprio Deus; livre de qualquer obstáculo só pode ser obstada por si mesma. Epicteto, em muitas ocasiões, a denomina simplesmente de alma (*psykhé*). Pois bem, o ato de conhecermos a nós próprios consiste então em conhecermos a nossa própria alma e nossa alma, segundo Epicteto é a nossa *proháresis*.

... Homem, tu possuis uma faculdade para escolher (proháresis) o que é naturalmente livre de impedimento e de restrição. Está escrito nas entranhas. Eu vou primeiramente te mostrar no domínio do consentimento. Pode alguém impedir-te de aquiescer ao verdadeiro? Ninguém. Pode alguém te obrigar a aceitar o erro? Ninguém. Percebes que neste domínio possuis uma faculdade para escolher livre de impedimento, de restrição e de entrave? Vamos, é de outro modo para o desejo e para a tendência? E quem pode

⁷⁴ Essa sem dúvida alguma é a leitura que Epicteto faz da proposta filosófica de Sócrates. Útil é também reproduzirmos aqui o que diz o tradutor do texto grego de Arriano, o Souilhé, a propósito do termo *proháresis*: “Ele foi traduzido de muitas maneiras diferentes, *propositum, voluntas, consilium, mens ratione et voluntate*, faculdade de julgar e querer, livre-arbítrio, todavia, Th. Colardeau fez justamente notar que a *proháresis* designa ao mesmo tempo a faculdade que raciocina, que julga e que age, em uma palavra, a alma, e que Epicteto a designa às vezes *psyché*, mais frequentemente, *ho logos kai gnome*. É verdade que traduzir a palavra por pensamento, ou vontade, ou mesmo livre-arbítrio, escolha ou decisão moral, não exprime, senão um dos aspectos da *proháresis*. Esta indica aquele que pensa, quer e decide. Ela também não é, absolutamente a alma, no sentido vago que quer reconhecer Colardeau, porque a alma é também a sede das faculdades sensíveis. Ora, a *proháresis* caracteriza o homem enquanto ele é um ser livre, pensante e querente. É por isso que nós acreditamos poder transpor a expressão para o termo francês “pessoa moral”, que designa precisamente em seu sentido filosófico pleno, esse atributo específico do ser inteligente e livre... *Épictète, Entretiens, introductions*, p. L”.

⁷⁴ EPICTETO, *Diatribes*, I, 17, 25-28

⁷⁴ *Chrésis hoia dei phantasion*.

vencer uma tendência senão uma outra tendência? O que pode vencer um desejo e uma repugnância a não ser um outro desejo e uma repugnância? – se o medo da morte é provocado em mim, uma restrição me é imposta. – A causa não está aí, mas no fato de que pensas que é preferível fazer tal coisa a morrer. Ainda mais uma vez é, portanto, teu próprio pensamento que te coíbe, quer dizer, que tua faculdade de escolher (prohaíresis) restringe tua faculdade de escolher (prohaíresis). Efetivamente, esta parte individual que Deus nos deu tirando-a dele mesmo, se ele a tivesse submetido a um impedimento ou a uma restrição provenientes dele mesmo ou de um outro, ele não seria mais Deus e também não cuidaria mais de nós da maneira como é preciso...⁷⁵

Com a *prohaíresis*, Epicteto circunscreve no âmago da *psykhé* do homem o espaço ontológico do “incondicionado” onde o mundo exterior não tem acesso. Há no *kosmos* interior do ser humano algo como uma cidadela inexpugnável, uma fortaleza tranqüila onde o forâneo não tem como exercer domínio.

17. A cidadela e o Mundo

Se existe no mundo interior do homem uma fortaleza indestrutível o que é teria o poder de agir sobre esse domínio indevassável e totalmente isento de influências externas? Os nossos julgamentos. Tudo depende do bom ou do mau uso que fizermos das nossas impressões⁷⁶, nossa liberdade começa e termina aí, porque se o mundo exterior não tem ascendência sobre a nossa cidadela interior, nós também não podemos mudar as circunstâncias nas quais nos encontramos.

... As coisas não atingem a alma; param fora, quietas, e os embaraços vêm exclusivamente dos pensamentos de dentro (...) Só ela mesma a si faz mudar e mover; quais sejam os juízos de que acredita ser digna, tais conforma, para si mesma, as contingências

⁷⁵ EPICTETO, *Diatribes*, I, 17, 25-28.

⁷⁶ *Chrêsis hoia dei phantasion*.

(...) as coisas, por si mesmas, param portas afora da alma, sem nada saberem de si e nada manifestarem. Quem se manifesta a respeito delas? O nosso guia interior. (*tó hegemonikón*)... ⁷⁷.

As mudanças que o homem pode operar vêm de sua habilidade de trabalhar em si próprio. Uma vez feito esse trabalho, uma vez concluída essa tarefa, resta a conformação de seu querer ao querer divino. O estóico pratica sua “assimilação a Deus” (*homoisis to théo*) aquiescendo os seus desejos aos desígnios divinos.

O mundo está aí inteiramente presente e nele, Deus, os homens e os outros seres. A realidade do mundo não pode ser negada. Não podemos nos furtar da existência de todas essas coisas, mas, em meio a tudo isso há algo que podemos fazer: cuidar de como o mundo entra em nós: fazer o uso devido das impressões que se nos chegam. Conforme Marco Aurélio é nisso consiste o exercício de nossa liberdade (*eleuthería*):

... Viver a mais bela vida; o poder de vivê-la reside na alma; basta manter-se indiferente às coisas indiferentes. Será indiferente quem considerar cada uma em separado e no conjunto, lembrando-se de que nenhuma cria em nós opinião a seu respeito nem vem até nós, mas que elas se quedam imóveis e nós é que formamos juízo sobre elas e de certo modo o gravamos em nós mesmos, quando podemos não só deixar de gravar, mas também, caso se esconda algures, apagá-lo imediatamente; bem assim, que tal cuidado será por pouco tempo e depois a vida terá cessado... ⁷⁸

É preciso insistir mais uma vez: atuamos sobre nós mesmos, o mundo segue seu rumo inevitável (*heimarméne*), o mundo não é matéria para ser transformada por mãos humanas, o homem é que é a sua própria argila, cabe ao homem depois de fazer o trabalho que lhe compete, assimilar sua vontade ao querer divino. O estóico

⁷⁷ M.A., IV, 3; V, 19; IX, 15.

⁷⁸ M.A. XI, 16.

diria assim: “Deixa o Mundo em paz, o curso do Universo não está em mãos humanas”.

... O que quer que te aconteça estava para ti preparado desde a eternidade, e a urdidura das causas desde o tempo infinito havia entretecido a tua substância com a sua ocorrência....⁷⁹.

De acordo com Epicteto, quando fazemos do *gnôthi sauton* lume do nosso viver, entreteçemos um âmbito de pertença, erigimos um lugar, uma terra onde o homem pode exercer domínio - a terra de si mesmo - que pode ser amanhada e render frutos. Desvelamos no Ser a parte dele que nos foi confiada e que só a nós pertence cuidar, posto que a Divindade tornou-nos responsáveis por ela. Para Epicteto, Deus confiou a nós próprios o nosso ser⁸⁰, fez-nos tutores desse *nume* que nos foi entregue para ser guardado com muito zelo e cuidado.

Sabe-se que Epicteto fundou uma escola na cidade de Nicópolis. Lá ele recebia os discípulos que vinham de toda parte e que com ele permaneciam em regime de “seminário” até que amadurecidos nos ensinamentos do Mestre pudessem voltar ao convívio familiar.

O discípulo novato será constantemente admoestado a trazer o coração desperto para o cuidado da deidade que ele encerra dentro de si próprio e que deve resguardar acima de tudo, como uma lâmpada acesa na alma para travessia de um caminho escuro. “Esse jovem ignora o Deus que é nele, esse jovem ignora aquele que o acompanha por toda parte?”⁸¹.

⁷⁹ M.A., X, 5.

⁸⁰ Conf. André-jean VOELKE, a idéia de que nós fomos confiados a nós mesmos se funda sobre a doutrina estoica da *oikeíosis*, mas que no pensar de Epicteto essa idéia aparece revestida de uma religiosidade que em princípio não continha, pelo menos no mesmo grau, é diante de Deus que nós somos responsáveis por nós próprios.

⁸¹ EPICETETO, *Diatribes*, II, 8, 16.

... Tu és obra desse demiurgo, e vais desonrar essa obra? Como! Não somente ele te criou como também confiou em ti e se entregou unicamente a ti. E não te lembras! E desonras a tarefa que ele te confiou! Se Deus tivesse te confiado um órfão, o negligenciarias assim? Ele te deu a ti mesmo, dizendo: “Não havia ninguém em quem eu confiasse mais confiança do que em ti: guarda para mim este homem tal como ele é por natureza: reservado, fiel, alma elevada, inquebrantável, sem paixões, sem perturbação”. E não asseguras esta guarda?...⁸²

Nesse *cuidar-do-ser-que-nos-foi-confiado*, abre-se o ensejo de perspectivarmos aquele ângulo do Ser que “não necessita de cuidados”. Quando Epicteto focaliza esse aspecto do Ser, a saber: “aquele que nos foi confiado”, ele na verdade, está operando uma profunda incisão na espinha dorsal da totalidade do real,⁸³ que se traduz numa *haíresis* que estabelece duas *hipóstases* no seio do próprio ser, isto é o mesmo que dizer que: há o Ser que necessita ser cuidado e há o Ser que não necessita ser cuidado. Saber fazer essa *haíresis* e vivê-la intensamente é o que constitui o filosofar para Epicteto, percorrer um caminho ascético cujo ponto de chegada é a conquista da sabedoria (*phrónesis*).

18. O processo de desidentificação do eu

A partir da demarcação dessas duas zonas fronteiriças, desses dois mundos, um, “em si”, o outro, “em nós”, é possível delinear toda uma Sabedoria a ser cultivada na vida prática, e esse projeto é realizado em grande parte numa espécie de circunscrição do território do eu, isto é, fazendo-se um desmonte ou desconstrução da relação de identidade que o homem cria inconscientemente, entre si mesmo e as coisas, consubstanciando seu estado de servidão:

⁸² *Ibid.* II, 8 22-23.

⁸³ Ilsetraut et Pierre HADOT, *Apprendre à philosopher dans l'antiquité*, p.101

... Essas as meditações às quais debes te aplicar desde o amanhecer até a noitinha. Começa pelas menores coisas, um jarro, uma taça, e assim, vai prosseguindo até uma túnica, um velho cavalo no campo; então, passa para ti mesmo, teu corpo, os membros do teu corpo, depois, os filhos, a esposa, teus irmãos. Olha bem todas as partes para tudo rechaçares bem longe de ti; purifica teus julgamentos para que nada daquilo que não te pertença a ti se prenda fazendo corpo contigo, te causando sofrimento caso lhe seja tirado. E digas cada dia te exercitando nisso como fazem os ginastas, não que tu és um filósofo, mas que tu és um escravo a caminho da emancipação. Nisso é que consiste a verdadeira liberdade...⁸⁴

São muitos os colóquios em que Epicteto lembrará aos discípulos de operar de forma continuada e persistente essa ascese de desidentificação, ora, se uso meu discernimento para distinguir entre o que é meu e o que não é, fico livre das imposições do mundo exterior. Se penso, por exemplo, que meu filho me pertence, esse modo de proceder é uma forma de aprisionamento baseada num falso julgamento que me encarcera, se perco esse filho, caio em desventura. Por quê? Porque meu filho não me pertence de fato.

O processo de identificação, que está na base de nossa relação com o que não é nosso, mas que pensamos ser; destarte, cimentamos uma ligação que pode nos levar a desventura, abrimos as portas de nossa cidadela interior permitindo que um tirano impiedoso entre e faça nela morada. Tudo isso é superveniente de um modo de ser, muito arraigado em nós, de confundir o “nosso” com o “alheio”.

... Como se pode derrubar uma cidadela? Não é pelo ferro nem pelo fogo, mas sim pelos pensamentos (*allá dógmasin*). Se efetivamente destruímos a que está na cidade, será que também conseguimos destruir a da paixão, a das belas donzelas, numa palavra, a cidadela que está em nós? Será que expulsamos os tiranos que estão em nós, que nos acompanham todos os dias, ora os mesmos, ora outros

⁸⁴ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 1, 111-113

diferentes? É por aí que se deve começar, é dessa forma que se há de destruir a cidadela, expulsar os tiranos: abandonar o pequeno corpo, seus membros, suas faculdades, a fortuna, a reputação, encargos, honrarias, filhos, irmãos, amigos, pensar que tudo isso não nos pertence...⁸⁵

Pierre Hadot lembra, que essa idéia de que nossa interioridade pode se tornar uma fortaleza invencível sobre o fundamento da distinguibilidade entre esses dois mundos, a saber: o nosso e o forâneo, e que encontramos nas *Meditações* do filósofo-imperador Marco Aurélio, é proveniente do *sphairos* de Empédocles, que na antiguidade havia se tornado o paradigma de sábio:

... Esse termo designava, no pensamento de Empédocles, o estado de unidade do universo quando ele é dominado pelo amor, por oposição ao estado de divisão no qual ele se encontra quando é dominado pela raiva. No estado de unidade, ele é perfeitamente redondo, gozando de uma imobilidade infinitamente afortunada. Dentro da tradição filosófica, o *sphairos* de Empédocles deveio em símbolo do sábio, “todo inteiro em si mesmo, bem arredondado e esférico, a fim de que nada de exterior pudesse nele aderir em função de sua forma lisa e polida”, como diz Horácio. Essa imagem corresponde ao ideal da cidadela interior, inexpugnável, que representa o eu que se delimitou a si mesmo...⁸⁶

19. Por entre as coisas, umas são da nossa competência outras não⁸⁷

Théodore Colardeau adverte que não é à toa que Arriano inicia as *Diatribes* e o *Enkheirídon*, ambos com a afirmação célebre de Epicteto: “Por entre as coisas, umas dependem de nós outras não”⁸⁸. Com efeito, esse apartamento, essa bifurcação da

⁸⁵ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 1, 86-88.

⁸⁶ Pierre HADOT, *La citadelle intérieure*, p. 137.

⁸⁷ EPICTETO, *Manual*, I, 1.

⁸⁸ EPICTETO, *Manual*, I, 1.

estrada da vida, tem um efeito devastador contra os devaneios caprichosos do eu. Porquanto ele destrói por completo as falsas noções sobre as quais estão baseadas as aflições, os temores, as irritações.

... Por que então nós nos irritamos? Porque nós temos apreço pelas coisas que nos foram levadas. Então não confira importância as tuas vestes e não te irritarás contra o ladrão. Não confira importância à beleza de tua mulher e não te irritarás contra o adultério. Saiba que o roubo e o adultério não figuram entre os objetos que te dizem respeito, mas entre aqueles que te são forâneos, e que não dependem de ti. Se te desprendes deles e não lhes dá importância, contra o que poderias ainda te irritar?⁸⁹

Se conseguirmos circunscrever nossa *proháresis* dentro do campo daquelas coisas que estão sob a nossa dependência, e por outro lado, colocarmos fora do nosso domínio, todas aquelas coisas que normalmente acreditamos possuir: riquezas, reputação, poder, e até nosso corpo, ganhamos o prêmio da libertação dos grilhões do eu que nos aprisionam na inquietação pelas coisas do mundo que não são nossas, mas dele. Há um excerto das *Diatribes* onde Epicteto relata um caso pessoal cuja singela beleza nos ensina a fazer essa distinção ontológica que confere serenidade àqueles que se esmeram na arte de fazê-la, ouçamos o mestre estóico:

... Eu mesmo precisamente outro dia, tinha uma lâmpada de ferro diante dos meus deuses lares, ouvi um barulho debaixo da janela, e fui ver o que era. E dei por mim que minha lâmpada havia sido roubada. Pensei comigo mesmo que o ladrão foi impelido por um sentimento bem compreensível. E então? Amanhã, disse para mim mesmo, encontrarás uma de terra-cozida. Só perdemos, com efeito, aquilo que temos. - perdi a minha vestimenta. - É porque tinhas uma vestimenta. - sofro da cabeça. - sofres dos chifres? Por que, pois se irritar? Nossas perdas e nossas penas só dizem respeito às coisas que possuímos...⁹⁰ .

⁸⁹ EPICTETO, *Diatribes*, I, 18, 11-12.

⁹⁰ EPICTETO, *Diatribes*, I, 18, 15-16.

O apego excessivo às coisas que não dependem de nós, gera a ilusão de que elas nos pertencem, logo, que elas fazem parte de nosso ser, e isso, nos leva ainda mais longe, a sentir como se fôssemos as próprias coisas, esse processo de identificação que estabelecemos entre nós e as coisas é uma das mais fortes ilusões que afetam o ser humano. “É do lado onde estão o “eu” e o “meu” que pende o ser vivente. Eles estão no corpo, lá o poder que nos domina, na *prohaíresis*, ele estará lá. Nas coisas exteriores, do mesmo modo” ⁹¹ Tudo depende de onde colocamos o nosso “tesouro”.

Saber fazer e seguir fazendo essa distinção é o começo e o fim da Sabedoria, além disso, quando Epicteto considera a relação existente entre o “conservar a nossa *prohaíresis* tal qual nós a recebemos da natureza”(*tereîn ten proaíresin kata ekhousan*) e nosso desiderato de *eudaimonía*, ele nos oferece, sempre guiado pelo afã de dar maior instrumentalidade aos teoremas filosóficos, uma proposta programática, todo um roteiro baseado no campo da atuação da *prohaíresis* cuja execução fiel conduz à construção da Felicidade nos escaninhos da alma. Esse plano de trabalho inclui ao mesmo tempo um diagnóstico e uma terapêutica à luz de uma “medicina pneumática”, trata-se de saber as origens das doenças da alma e de como podemos curá-las.

20. Os exercícios filosóficos conforme o progresso espiritual do aprendiz

Uma vez demarcada a “oficina”, assegurado o lugar onde podemos engendrar significativas mudanças, a *prohaíresis* assume a feição de ferramenta por meio da qual o homem tem acesso à sua *psyché*, à sua vida interior para operar essas transformações como

⁹¹ André-Jean VOELKE, *L' idée de volonté dans le Stoïcisme*, pág. 155.

se a *prohaíresis* fosse um cinzel esculpando na pedra bruta da alma uma obra de arte.

... Depende de nós o julgamento de valor (*hypólepsis*), o impulso para a ação (*hormé*), o desejo (*órexis*) ou a aversão, em uma palavra tudo aquilo que é obra nossa. Não depende de nós o corpo, a riqueza, as honras, os altos cargos, em uma palavra todas as coisas que não são obra nossa...⁹².

A *prohaíresis* atua sobre as três atividades ou operações da alma, a saber: o desejo de adquirir aquilo que é bom, o impulso para a ação e o julgamento sobre o valor das coisas, isto é, em primeiro lugar o desejo (*órexis*) e a aversão (*énklisis*), em seguida, o impulso para agir (*hormé*) e a recusa de agir (*aphormé*), e, enfim, o assentimento (*synkatáthesis*).

As três atividades da alma, sobre as quais a *prohaíresis* atua, Epicteto transforma nos três temas de exercício, nos quais devem se esmerar aqueles que assumiram o projeto fundamental (*epibólê*) de retificarem a si mesmos (*emauton epanorthon*) à luz do conhecimento filosófico.

... A *epibólê* designa o projeto inicial a partir do qual se desenvolve todo o esforço filosófico: é necessário entrar na escola do filósofo com o propósito de seguir Deus e alcançar a verdadeira liberdade (...) a partir do momento em que está ausente a vontade de por em prática os ensinamentos que recebemos e de testemunhar por meio de nossa conduta o valor das lições recebidas o saber raciocinado, o *logos*, degenera em pura verborragia (*logarion*)...⁹³

Os temas de exercício também são conhecidos pelo termo domínios (*topoi*)⁹⁴, porquanto visam ao mesmo tempo às faculdades espirituais do homem e as realidades que interagem

⁹² EPICTETO, *Manual*, I, 1.

⁹³ André-jean VOELKE, *L' idée de volonté dans le stoïcisme*, p.138-140.

⁹⁴ Primeiro *tópos*: *ho peri tas orexis kai enkleseis*. Segundo *tópos*: *ho peri tas hormás kai aphormás*. Terceiro *tópos*: *ho peri tas synkatáthesis*.

com essas faculdades; focalizam o homem em suas relações essenciais com o circunjacente, com o mundo circundante. Vejamos cada um desses domínios inclusive lhes sublinhando a estrutura interfacial: o primeiro domínio, aquele que concerne aos nossos desejos e temores, está intimamente ligado àquilo que nos acontece, à esfera das eventualidades que nos sobrevêm pelas mãos do Destino, do curso inevitável da Natureza Universal.

O segundo *tópos* ou tema de exercício, aquele que concerne ao impulso de agir ou à suspensão da ação, tem conexão profunda e interage com o mundo dos homens:

... Exclusivamente voltada para o outro, fundada na natureza razoável que une os homens, essas ações devem ser guiadas pela intenção de se por a serviço da comunidade humana e de fazer reinar a justiça...⁹⁵

O terceiro *tópos* ou tema de exercício, aquele que concerne aos assentimentos está substancialmente interconectado com a apresentação (*phantasia*):

... É necessário criticar cada apresentação que se apresenta em nós, para que o discurso interior, o julgamento que nós emitimos sobre ela, não acrescente nada de subjetivo àquilo que na apresentação é objetivo e adequado à realidade e assim, para que possamos dar nosso assentimento a um julgamento verdadeiro...⁹⁶

Os temas, de um lado: o dos desejos e aversões; de outro: o dos nossos impulsos e repulsas, não parecem, à primeira vista, dizer coisa desigual, mas há uma grande diferença entre eles. Como o primeiro domínio está para o passivo, constituindo o campo da nossa afetividade, dos afetos humanos, propriamente, o mundo das paixões; o segundo está para o ético, constituindo o campo das ações humanas por excelência.

⁹⁵ Pierre HADOT, *La citadelle intérieure*, p.103.

⁹⁶ Pierre HADOT, *La citadelle intérieure*, p. 104.

... Há três disciplinas (*askethenai*) nas quais o homem que intenciona adquirir a perfeição deve ser treinado: aquela que concerne aos desejos e as aversões, a fim de que não se veja frustrado nos seus desejos e de não encontrar aquilo que procura evitar; aquela que concerne às propensões e às repulsões, e, de um modo geral, a que trata do dever (*tó kathékón*), a fim de agir de uma maneira ordenada, refletida, sem negligência; a terceira é aquela que concerne à fuga ao erro, a prudência do julgamento, em uma palavra, aquele que se refere aos assentimentos. De todos, o principal e o mais urgente é aquela que focaliza as paixões, porque as paixões não vem doutro lugar, senão, do fato de alguém se ver frustrado quanto ao que desejava e dar de cara com aquilo de que procurava se esquivar...⁹⁷

21. O primeiro tema de exercícios (hó peri tás orexisis kaí enklíseis)

Não podemos perder de vista o projeto fundamental que norteia Epicteto: trazendo a lume as leis de funcionamento da alma, e apresentando um plano de trabalho, mostra o modo prático de se conquistar a paz de espírito, a ataraxia (paz ontológica fruto da cessação de todos os tormentos que acabrunham a alma), e que constitui para ele a questão mais urgente a ser resolvida.

A questão prioritária para Epicteto era o primeiro *topos* de exercício que pomos em obra, efetivamente, impassibilizando as nossas reações aos acontecimentos adversos da vida por meio da supressão do desejo caprichoso com relação ao que acontece conosco ou em torno de nós e que não é de nossa competência.

... De todos, o principal e o mais urgente é aquela (parte) que focaliza as paixões (...) essa a que ameniza as perturbações, as agitações, os infortúnios, as calamidades, as desilusões, as

⁹⁷ EPICTETO, *Diatribes*, III, 2, 1-3.

lamentações, a malignidade; essa a que faz invejosos, ciumentos, paixões que impedem darmos ouvidos à razão...⁹⁸

A prática ascética da contenção do desejo é a das mais importantes. O seu domínio é imenso. De uma parte liga-se a um dos dogmas mais antigos da escola, a saber: que bens e males não são em si, antes, eles são em nós. E que só existe o bem e o mal éticos. Se algo me aconteceu e não dependeu de minha ação moral, então, essa ocorrência, é e deve ser incondicionalmente entendida assim - indiferente (*adiáphoros*) -.

Doutra parte, aponta e remete a extraordinária urdidura que o homem pode entretecer com o Destino porquanto para o estóico o Destino não representa uma força cega e irracional que determina a ventura e ao acaso os acontecimentos em sua vida, mas os efeitos da Graça divina, a *Prónoia*.

Por meio do *tópos* Epicteto investiga e aclara aquilo que nomearemos como a “ciclotimia da paixão”: Uma parte considerável de nossas angústias derivam do fato de nenhum ser humano ser capaz de realizar todos os seus desejos. O desejo falhado, o desejo insatisfeito é, talvez, a maior causa das nossas infelicidades, Epicteto nomeia essa situação de *órexis apotynchánoysa*, desejo frustrado; mas também é causa de sofrimento, o temor de nos deparar com aquilo de que estamos fugindo, o receio de dar de cara com aquilo que estamos evitando, o medo de confrontar com o objeto receado, Epicteto, nomina essa circunstância de: *Énklisis peripiptoysa*, temor que encontra o evitado.

Este o levantamento técnico do conjunto de problemas dos que não estão no controle de si mesmos que são “escravos”, como Epicteto amava dizer, e que por isso são vítimas das paixões. Todavia, ao lado, digamos assim, de uma “patologia” da alma ele propõe uma terapia.

⁹⁸ EPICTETO, *Diatribes*, III, 2, 3-4.

A visada sobre o funcionamento ideal das *dynamis* da *psykhé*, tem por escopo a correção dos caminhos daqueles que, vítimas de si mesmos, vivem a reboque das circunstâncias da vida por se identificarem com o que deveriam considerar “alheio”, “forâneo”, “indiferente” (*adiáphoros*), isto é, aqueles que vivem sôfregos, consumidos na preocupação com aquilo que não depende deles.

Para fazer frente e superar a condição de reféns dos nossos caprichos malogrados, Epicteto propõe a supressão e a posterior reorientação do desejo, esse processo ele denomina: *órexis anapóteyktos*, reorientar o desejo a fim de que ele sempre alcance o seu objetivo, e nunca falhe em conseguir o que quer, ou seja, reeducar o querer da vontade.

... É por não ter podido suportar que Medeia matou seus filhos. Nisso pelo menos não faltou grandeza no seu ato: porque ela teve uma representação exata daquilo que é para qualquer um o infortúnio dos seus desejos: << Sim! Eu me vingarei assim daquele que me fez mal e que me insultou. E, que é que eu ganharei em colocá-lo num tão miserável estado? Como isso deve acontecer? Mato meus filhos, mas também me punirei a mim mesma. E, que me importa? >> É a explosão de uma alma forte. Ela ignora, com efeito, onde reside o poder de fazer aquilo que nós queremos, ela ignora que não é necessário procurá-lo no exterior, nem por substituições ou transformações de objetos. Não deseje esse homem, e não haverá nada que desejes que não se realize. Não deseje por qualquer preço que ele viva contigo, não deseje morar em Coríntio; em uma palavra, não deseje nada a mais do que aquilo que Deus deseja. (*théle he há ho theós thelei*) E quem te fará obstáculo, quem te constringerá?...⁹⁹.

Com relação à ansiedade e o temor constantes que sentimos pela antevisão das coisas ruins que nos possam acontecer, visão que nos rouba a confiança e a paz de espírito, inclusive nos mergulhando na mais desalentadora desarmonia interior, Epicteto

⁹⁹ EPICTETO, *Diatribes*, II, 17, 19-22.

apresenta a terapêutica nomeada de: *énklisis aperiptotos*, que consiste em aprender a evitar o que nos é efetivamente danoso; seria algo assim como aprender aquilo que de fato devemos “temer”, por exemplo: Antes de temer a morte, temer a atitude de aceitar sem críticas a opinião de que a morte é um mal, a *énklisis aperiptotos* é a aversão que nunca falha em evitar aquilo que ela deseja evitar, isto é, aquilo que tem de ser realmente evitado.

... Com tal chefe, unido a ele com vontade e desejo, como ainda temer não lograr êxito? Deixe teu desejo e a tua aversão se prender a pobreza e a riqueza, e não obterás êxito, malograrás. E a saúde, tu serás infeliz. Aos cargos, às honras, à pátria, aos amigos, às crianças, em uma palavra a tudo aquilo que escapa ao domínio da pessoa moral (*ton aproaireton*)...mas deixai-os se prender à Zeus, aos outros deuses: entrega-os à eles, que eles os governem, e consequentemente esse desejo e essa aversão se ordenarão. Como serias ainda infeliz? Mas se sofres de inveja, pobre infortunado, de piedade, de ciúmes, se tremes e não passas um dia sem te lamentar para ti mesmo e diante dos deuses, como podes continuar a dizer que recebeste educação filosófica? Que educação, bravo homem? Porque fizestes silogismos, argumentos equívocos? Não queres desaprender tudo isso, se possível, e começar do começo, bem persuadido que não tocastes nem de leve a matéria; depois, sobre essa base como ponto de partida, edificar tudo o que a isso se agrega: vigiar para que nada aconteça contra a tua vontade, para que nada do que queres deixe de acontecer?¹⁰⁰

Enfim, o primeiro *tópos* ou tema de exercício, pode ser resumido por duas palavras de ordem que sintetizam o alvo que ele ajuda a alcançar quando o aprendiz de Estoicismo se apresta nesse caminho: *apátheian ekponeîn*: centralizar todos os esforços para adquirir a impassibilidade. Favorino de Arelate, um discípulo dissidente de Epicteto nos reporta que o mestre de Nicópolis amava dizer: *anékhói, apechói*: suporta e abstém-te.

¹⁰⁰ EPICTETO, *Diatribes*, II, 17, 23-28.

22. A *apátheia* sobre o fundamento do “suporta e abstém-te”

Suporta sem queixas os aparentes acasos do Destino, sem amimalhar no coração a aversão por coisas que não dependem de ti; abstém-te de te agastar com aquilo que te rodeia, suprime e reorienta o desejo, porque o mundo não é a ribalta dos teus caprichos satisfeitos, suporta a vida como ela é, assim como assim, tal qual ela se te apresenta, abstém-te da avidez por coisas.

O primeiro domínio ascético está inteiramente voltado para o treinamento do aprendiz de serenidade na relação dele com o mundo circundante, no relacionamento dele com aquele campo do Ser de que ele tem de aprender a abrir mão, não interferir, confiando ao Ser o que é dele, silenciando toda indisciplina mental.

Ora, o Mundo não está aí para cuidarmos dele, o Mundo, o *Kosmos*, sabe cuidar muito bem de si mesmo, posto que ele é *physis*, *logos*, *prónoia*, ou seja, plurimanifestação da Divindade em constante *syngéneia* (afinidade), por onde que, em verdade, o que devemos fazer, é zelar por aquilo que nos foi “confiado”, - a parcela (*apóspasma*) de Deus que em nós constitui o dom mais precioso -, cuidar de nossa *prohaíresis*, cuidar do ser, daquela parte do ser que depende de nós.

Concluindo, o “suporta e abstém-te” de Epicteto remete ao aprendizado da *apátheia* que entre outras coisas nos convida a prática do silêncio cuja essência reside na aceitação incondicional do Destino guardião da paz de nossa fortaleza interior.

Contudo, a preconização da “Doutrina da impassibilidade” possui um limite, *apathê os andriánta*: o homem não deve tornar-se insensível como uma estátua. A *ataraxía*, a *apátheia* não são fins em si mesmas, mas caminhos para outras conquistas, caso fossem assim, o homem ficaria encerrado no circuito de sua própria ipseidade.

... Essas qualidades que ninguém pode tomar de nós a não ser nós próprios, que nescidade sacrificá-las a troco de nada! Conservá-las amorosamente é o que o homem pode fazer de mais hábil. O egoísmo vulgar falha em alcançar seu objetivo: é o defeito daqueles

que procuram o bem fora de si mesmos. Ao invés, aquilo que se chama usualmente devotamento ou sacrifício é apenas uma forma mais elevada de interesse bem entendido. É nada sacrificar a não ser sacrificar os falsos bens pelos verdadeiros, e aquele que deixa para seu irmão um prato de comida ou abre mão de alguma coisa em favor de outrem salvaguardando sua generosidade, faz um excelente negócio. É como diz pitorescamente Epicteto, trocar um asno por um cavalo. Jamais os deveres da família, da amizade, do patriotismo, nos exigirão sacrifício no sentido ordinário do termo. Deste modo a independência do indivíduo, que a toda hora serve de fundamento para a *apathia* e a *ataraxia*, permanece inteira, mesmo quando se alarga o círculo de sua atividade moral e que ele dê um novo passo na via da perfeição ou na vida conforme a natureza...¹⁰¹

Trabalhar as paixões, aprender a difícil arte do silêncio, impassibilizar as reações às adversidades da vida, suprimir o desejo, toda essa azáfama, torna o homem livre para agir em benefício da comunidade humana à qual pertence. O estóico não pratica Filosofia no “jardim”, por isso que a expressão, *láthe biôsas*: vive escondido, é diametralmente oposta a Filosofia do Pórtico, de modo que essas habilidades, essas *dynamis* da alma elevadas a um grau de excelência faz do aprendiz de Estoicismo um cidadão melhor.

A diferença significativa entre o Epicurismo e o Estoicismo que denota respectivamente: a tendência à vida de monastério - o retirar-se do mundo para o encontro com a paz no “jardim” - e, a vocação para viver a própria vida em comunidade com outros homens dentro do mundo, promovendo a justiça, trabalhando em favor do bem comum, mostra claramente que o estóico tem um compromisso com o mundo e que é nele que ele faz o seu aprendizado de Paz. “Do mesmo modo, ele dotou todos os seres racionais com tal natureza que ela não pode atingir o seu bem particular senão sendo útil à sociedade”.¹⁰²

¹⁰¹ Théodore COLARDEAU, *Étude sur épictète*, p.66.

¹⁰² Théodore COLARDEAU, *Étude sur épictète*, p.64.

Capítulo III

O segundo tema de exercício ascético e a ternura na convivialidade

1. O *gnôthi sauton* e o campo da convivialidade

... A mente do universo é social ¹ ...

O oitavo capítulo do *Enkheirídon* orientou nosso plano inicial de aproximação aos ensinamentos de Epicteto. Chegando mais perto deles descobrimos que no coração de sua Filosofia pulsa o preceito délfico: *gnôthi sauton*. Este aparece nas *Diatribes* ligado ao conceito de *prohaíresis*. Elas aconselham o homem a separar daquilo que lhe pertence propriamente, o que não é seu. Trabalho de circunscrição do “eu” que lhe revela a tendência de se imiscuir nos negócios do mundo, mormente naqueles que não lhe dizem respeito, isto é, que não dependem dele, conforme a expressão técnica epictetiana.

Quando agimos assim, ou seja, quando tiramos o eu das coisas, na verdade estamos pondo “o eu no eu”. Isso é o que significa o voltar-se para a *prohaíresis* na prescrição filosófica de Epicteto a partir do *gnôthi sauton*. Pôr “o eu no eu”. O efeito imediato dessa, digamos, ascese de encurtamento do eu, resulta numa tremenda transformação espiritual, numa grande conquista do espírito: *apatheian ekponein*, a conquista da impassibilidade.

¹ M.A., V, 30.

Se o estóico se limitasse à conquista da impassibilidade, jamais realizaria em si o ideal de Sabedoria estóica, certamente terminaria os seus dias gozando tremenda paz de espírito, mas, e isso é muito grave para um estóico, totalmente alheio ao mundo dos homens, ao universo da convivialidade humana.

O primeiro domínio de exercícios de Epicteto é um projeto que objetiva despertar a atenção do discípulo para o *nume* nele imanente, ensinando-o a exercer a *diáresis* entre aquilo que depende dele daquilo que dele não depende. O discípulo aprende a desviar o olhar ansioso que costumeiramente lança sobre as coisas para voltá-lo para si mesmo. Pois bem. O quefazer ascético que inicia com um ensimesmamento - brotação fecunda do *gnôthi sauton* - não se encerra nesse movimento centrípeto, porque para completar-se deve necessariamente fazer o caminho de volta, num movimento de conversão que vá ao encontro do outro no mundo. O espaço da convivência humana, o âmbito das conveniências e das obrigações (*tá kathékonta*) constituem o assunto do segundo exercício espiritual de Epicteto:

... Ele tem por objeto *tó kathekon*. Ora a idéia de *kathekon*, menos geral que nossa idéia de dever, corresponde mais particularmente, nos estóicos, e notadamente em Epicteto, aos deveres do homem com respeito aos outros seres com quem mantém relação. Aqui ainda a *proháresis* deve se manter em conformidade com a natureza, quer dizer, conservar intacta as qualidades que recebeu de Deus e que a torna semelhante a ele. É, sobretudo essa parte da moral que é dominada pelo preceito *ghôthi sauton*. Esses deveres se depreendem de nossa própria definição, e enumerar os diferentes títulos ou as diferentes conexões (*skheseis*) pelas quais nós estamos em relação com os outros seres, é enumerar as diferentes obrigações que se nos impõe. (...) Ora o homem pode ser considerado de dois pontos de vista, primeiro como ser racional, em seguida, como membro de uma sociedade composta por indivíduos semelhantes a ele. Daí duas séries de deveres (...)²

² Théodore COLARDEAU, *Étude sur épictète*, p.62.

2. O terreno da disciplina da ação: o domínio da práxis humana

Pôs syvergo, como devo agir? Essa a pergunta que resume o segundo tema de exercícios de Epicteto: o que concerne ao impulso de agir, e à suspensão da ação, *ho peri tás hormás kai aphormás*, ou segundo Pierre Hadot: o âmbito da disciplina da ação. A abrangência deste exercício espiritual filosófico é imensa, a ascese que ele abrange também; porque é nele que entra em consideração um dos temas essenciais da vida humana: a questão do amor.

É no terreno da disciplina da ação que Epicteto nos convida a pensar, à luz dos dogmas estoicos, os nossos afetos e desafetos, meditar o valor relativo que devemos dar há um mundo que anteriormente fora esvaziado de importância pela Doutrina da indiferença. A prática continuada do primeiro tema de exercício de Epicteto faz brotar no homem a serenidade interior, a paz da alma, a fortitude ante os revezes da vida, porque lhe ensina o amor pelo Destino, o *amor fati*. O segundo versa sobre o melhor modo de conduzir as ações com vistas ao bem comum, e também, sobre como não perder a serenidade em face da expectativa, por vezes ansiosa, dos frutos das ações.

Como devemos nos relacionar com os outros levando em conta o *nume* que trazemos dentro de nós e que devemos respeitar acima de tudo? Como conservar nossa *prohaíresis* conforme a natureza (*tereîn tén prohaíresis katá ekhousan*) em nosso relacionamento com os outros? São essas algumas das perguntas que medem a esfera, o alcance e o domínio do *hó peri tás hormás kai aphormás*.

... Faço alguma coisa? Faço-a tendo em vista o bem da Humanidade. Acontece-me alguma coisa? Acolho-a tendo em vista os deuses e a fonte de tudo, desde a qual se enovela tudo que ocorre (...) Impassibilidade em face dos acontecimentos oriundos da causa exterior; justiça nas obras oriundas da causa que vem de ti; isto é,

impulsos e atos confinados exclusivamente ao mister do bem comum, que isso é conforme com a tua natureza...³

3. Ataraxía e Justiça

O imperador-filósofo nos oferece os termos de síntese do momento de passagem onde o praticante de Estoicismo - e Epicteto só reconhece como “estóico” o praticante – depois de ter percorrido uma longa e operosa trajetória chega a uma nova etapa do caminho ascético e entra num outro estágio, numa outra fase desse caminho. O discípulo nessa nova fase de suas conquistas não pode chegar de mãos vazias porque vai precisar dos frutos cujas sementes cultivou no mundo de si mesmo.

Essa a razão de Epicteto demonstrar tanta preocupação, e isso de forma constante e insistente, com a maneira como o discípulo leva em consideração os ensinamentos recebidos, se com leviandade e indolência ou com gravidade, porque para Epicteto, eles são caminhos e como tais devem ser assumidos.

O discípulo deve tomar para si o ensinamento como *diatribe*, como um modo de ser e viver, e fazê-lo empenhando toda a sua alma (*hole de tê psykhé*) todo o seu coração, e isso, sem ilusões nem desvios. Para ele é simplesmente inaceitável que algum discípulo seu se mostre indolente e preguiçoso, e totalmente inconveniente, aquele que não apresenta a mínima boa vontade em compromissar-se com um modo de vida compatível com os ensinamentos recebidos:

... Quando tiveres refletido sobre essas coisas, se ainda as desejas, toma a profissão de atleta; senão, compreenda que te comportarás ao modo das crianças: ora brincam de atletas, ora de gladiadores, ora soam a trombeta, depois brincam com todas as cenas que eles viram e admiraram. Tu, igualmente, és de certo modo, ora atleta, ora gladiador, em seguida filósofo e rétor, mas com a alma inteira, nunca; como um símio tudo o que tu vês, tu imitas; é sempre uma

³ M.A., VIII, 23; IX, 31.

coisa após outra que te agrada, mas a costumança te entedia. Porque nada fizeste depois de exame, nem depois de provar um caminho inteiro do começo ao fim, mas, a ventura e ao acaso com um coração frio...⁴

4. A Serenidade diante dos frutos das ações

O que está em jogo na nova etapa de aprendizados e exercícios é o *oúk eph' hemîn* (o que não depende de nós) em duas esferas que se entrecruzam, a saber: a das ações apropriadas para a realização de certos objetivos, incluso aquilo que efetivamente podemos esperar delas, seja em relação às pessoas, seja em relação às coisas em geral.

Segundo o Epicteto nós não devemos nos afetar com aquilo que não depende de nós, no entanto, se não vigiarmos as nossas ações podemos pôr a perder nossa serenidade interior, já no trato com os outros, já na expectativa ansiosa em relação ao alvo que pretendemos alcançar com nossas iniciativas; por isso é de suma importância manter esse *dogma* como o padrão das nossas atitudes.

A incerteza e a preocupação extintas com a prática da suspensão e reorientação dos desejos podem ressurgir no domínio das ações em meio às aflições e angustias que se descortinam ante as nossas esperanças frustradas pelo malogro dos desígnios que encerram nossas iniciativas em torno de pessoas e projetos. Esse *status quo* tem um poder extraordinário de nos arrastar para o *incertum* reinstalando a inquietação no fundo de nós outros.

5. Lógos e eudaimonía

Ora, para Epicteto o estado de perturbação da alma gerado pelas incertezas e frustrações no contato com os problemas da vida é sintoma de escravidão, e, escravidão para ele sinonimiza com

⁴ EPICTETO, *Diatribes*, III, 15, 5-7.

infelicidade. O homem é o vivente dotado de *lógos* e o *lógos* não foi feito para a desventura, não é essa a sua vocação. O *idios poion* do *lógos* - sua qualidade específica - é promover a liberdade, isto é, a *eudaimonía* e todos os valores positivos do ser humano agregados a esse estado de libertação que em última instância representa um caminho apofático de extinção de todo tipo de inquietude, de supressão de toda forma de perturbação da alma.

O *lógos* de Epicteto dispõe o homem para a conquista da paz da alma porque ele é para a Liberdade, porque o *logos* é para a Serenidade:

... Que aquilo que nos outros é contrário à natureza não seja para ti um mal, porquanto não nascestes para compartilhar as baixezas e os infortúnios dos outros, mas, o seu venturoso destino. Se alguém é infeliz, lembra-te de que ele é devido as suas próprias faltas. Deus, com efeito, criou todos os homens para a felicidade, para a paz (*epí tó eudaimoneî, epí tó eustatheîn*). (...) E para nós, pois, a razão (*logos*) nos foi dada pelos deuses para a nossa desventura e infelicidade, para que passemos a vida lamentando numa sempiterna miséria? Ou será necessário que todos os homens se tornem imortais, que nenhum se expatrie e que nós jamais sejamos expatriados, mas que todos enraizemos num determinado lugar como as plantas? E se alguém do nosso conhecimento venha a ser expatriado, devemos sentar e chorar, e depois quando retornar, dançar e bater as mãos como as crianças? ⁵

As ações humanas encerram muitas incertezas, na ótica estoíca, porque suas conseqüências e efeitos não estão inteiramente sob o nosso controle - lembremos que o *Kosmos* estoíco faz a sua marcha de modo necessário e fatal, totalmente independente de nosso arbítrio - e, que, portanto, posso querer uma coisa, ir ao seu encontro e, malgrado, todo o esforço empreendido, a coisa permanecer fora do meu alcance e totalmente incerta a sua posse.

⁵ EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 1-3; 7-8.

6. A cláusula de reserva (*hypexáresis*)

De um lado há a vontade expressa em nossa intenção no ato de realizar alguma coisa. Por outro há o querer do Destino, e ele pode querer outra coisa, e acontece o mesmo em relação aos outros: a reação que alguém pode ter diante de uma ação nossa e, que pode ser muito diferente daquela que esperamos. Como não podemos mudar as circunstâncias nem as pessoas Epicteto propõe que nos precatemos contra tudo isso praticando o *theôrema* da exceção. (*exceptio, hypexáresis*)

7. Sócrates e a *Ataraxía*

A palavra de Epicteto está profundamente ligada à atitude de Sócrates perante as adversidades que lhe vieram de encontro oriundas das mentiras que lhe assacaram os seus detratores, e que ele correspondeu com *megalopsykhia*, quer pelo escrutínio atento e minucioso da essência dos eventos que o sitiavam, quer pela impassibilidade serena com que afrontou seu Destino.

O fato de Críton encontrá-lo no cárcere dormindo tranquilamente enquanto esperava a cicuta é uma prova incontestada de autodomínio, de *eustátheia*, de *ataraxía* entre tantas outras, que farão dele aos olhos da tradição filosófica, o foco centrífugo de irradiação desses valores que contagiaram todas as escolas que lhe sucederam, inclusive o Estoicismo por meio do Cinismo de Antístenes discípulo direto de Sócrates e de Diógenes de Cínopo discípulo daquele:

... Chegaste há pouco tempo ou há muito? (Sócrates)

Há um bom bocado. (Críton)

Então porque não me acordaste logo, em vez de ficares aí sentado, em silêncio? (Sócrates).

Por Zeus, Sócrates, não seria eu que quereria estar de vigília em tão grande aflição. Por isso me encontro aqui há muito tempo a apreciar como dormes serenamente e foi de propósito que não te acordei,

para aproveitares este tempo o mais agradavelmente possível. Muitas vezes já, na tua vida passada, te felicitei pelo teu caráter, mas é, sobretudo a triste conjuntura presente que me faz admirar a facilidade e a calma com que a suportas. (Críton)...⁶

Quando as ações têm por fim pôr em execução algum projeto, entra em operação a prática do *exceptio*, da *hypexairesis*, o ato de excetuar, restringir as expectativas perspectivando os possíveis desdobramentos das ações a fim de evitar as decepções inevitáveis quando ignorados ou não nos damos ao trabalho de executar tal expediente.

... Procura convencê-los; procede até contra a sua vontade, quando a razão da justiça o reclamar. Se, porém, alguém se opuser recorrendo à força, passa a uma atitude cordial e sem mágoa; vale-te do obstáculo para exercitar outra virtude e lembra-te de que tomaras a iniciativa sob reserva (*hoti meth' ypexairéseos hórmas*) e não aspiravas ao impossível...⁷

O que Epicteto nos sugere por meio desse *modus faciendi* é a prática de uma espécie de ginástica do espírito, cuja essência consiste em exercitarmos o pensamento para que não projetemos no mundo e nas circunstâncias que nos rodeiam qualquer tipo de esperança incompatível com a natureza daquilo com que estivermos lidando.

... A propósito de cada uma das coisas que te interessa, te é útil ou cara, lembra-te de te interrogares sobre a sua natureza, começando pelas mais insignificantes; se gostares de uma marmita, diz para contigo: “É de uma marmita que gosto”; se se partir, não ficarás perturbado. Se for o teu filho que ternamente abraças ou a tua mulher, diz para contigo que é um ser humano que abraças ternamente; pois, se morrer, não ficarás perturbado...⁸

⁶ PLATÃO, *Críton*, 43 b-c.

⁷ M.A., VI, 50. *O grifo é nosso*.

⁸ EPICTETO, *Manual*, III.

Epicteto, tanto no *Enkheirídion* quanto nas *Diatribes* insiste muito no caráter eventual dos desígnios humanos diante de um mundo que também possui um querer e que executa inexoravelmente os seus projetos.

Ora, compreender o campo da convivência humana sob a luz do *visus* de Epicteto, a primeira conseqüência é que os afetos humanos surgem aos nossos olhos com um novo significado, e, a segunda, é que no transfundo dessa visão clarificada sobressaem, *pari passo*, por um lado, o fato de que o domínio das ações humanas é zona fronteira com o Destino, por outro, e isso é o mais importante, a questão de fundo sobre a qual se baseia a proposta epictetiana da *hypexáiresis*: iniciativa sob reserva, a saber: a constatação evidente de que a impermanência é uma ocorrência natural da vida, e, *ipso facto*, dita o padrão das nossas atitudes.

... Uva verde, uva madura, uva seca; tudo é mudança, não para deixar de ser, mas para se tornar o que ainda não é. (...) o mundo é mudança; a vida, opinião...⁹

8. Mutabilidade e impermanência

A concepção estoica do Universo é a paisagem em torno da qual Epicteto desvela o sentido da vida humana e nela o dos nossos afetos e desafetos. Para ele, um homem feliz é aquele que recebe tudo aquilo que deseja, ora, o desgosto e a mágoa oriundas de nossas relações afetivas com outrem não combinam com a felicidade, porque ninguém consegue ser feliz sentindo a falta das coisas que perdeu.

... Não iremos nos privar e nos recordar do que aprendemos dos filósofos? A menos que os tenhamos escutado como se eles entoassem encantamentos quando nos ensinavam coisas do tipo: este mundo é uma única cidade, a substância da qual ele é feito é uma e, necessariamente, existe uma revolução periódica, os seres

⁹ M.A., XI, 35; IV, 3.

cedem o lugar uns aos outros, uns se dissolvem enquanto outros aparecem, uns estão fixos e outros em movimento...¹⁰

Mas, perder coisas, nos afastar de pessoas ou nos aproximar delas, é natural, decorre da natureza mesmo das coisas, porque tudo, na verdade, está devindo “não para o não-ser, mas para se tornar o que ainda não é”. Em vista disso, como haveríamos de querer a estabilidade? Se tudo está devindo? Epicteto cumpre a risca o axioma estóico que diz que é preciso viver conforme a natureza: Viver conforme a natureza é aprender a viver naturalmente em meio à impermanência.

... Tudo está repleto de amigos (*pánta dé phílon mestá*), antes de tudo os deuses, em seguida os homens que a natureza uniu intimamente uns aos outros. Uns são dados a viver juntos, outros a se separar; é preciso regozijar-se por estar juntos, e não se afligir por dever se separar. O homem, além da grandeza natural e de sua faculdade de desprezar o que não depende da sua escolha, possui ainda esta propriedade de não criar raízes e de não estar amarrado à terra, mas de ir de um lugar a outro, seja pressionado pelas necessidades, seja simplesmente para contemplar...¹¹

Para lidar bem com o impermanente cumpre que o homem desenvolva uma atitude adequada diante das mudanças que o fio do Destino entrelaça determinando a trama da sua vida: antes de tudo ele tem de aprender a abrir mão de suas vontades abandonando o rosário de exigências que costuma fazer em face de um mundo que não está aí para lhe satisfazer os caprichos.

9. Grandeza de alma e desapego (*eleuthería*)

Com renúncia e desprendimento alcança-se aquela liberdade (*eleuthería*) de que dão exemplos tanto Sócrates como Diógenes,

¹⁰ EPICTETO, *Diatribes*, III, 9-10.

¹¹ *Ibid.*, III, 24, 11-12.

que na avaliação de Epicteto, foram modelos-vivos do homem que construiu sua libertação dos grilhões exteriores por meio de uma abnegação radical diante do que não lhes pertencia, por meio de uma indiferença conquistada a duras penas por entre as circunstâncias da vida, no silêncio dorido da aceitação do Destino. O que constituía a grandeza (*megalopsykhia*) deles aos olhos de Epicteto era entre muitas coisas, a Serenidade com que reagiam diante ao que fosse que lhes acontecesse e em qualquer circunstância. Porque veja, se o Mundo é mudança, e nos mostramos em tudo serenos mesmo em face de uma grande perda, então temos *euroia*, Serenidade, a virtude física por excelência.

... Veja como se adquire a liberdade (*eleuthería*): “Depois que Antístenes me libertou nunca mais sofri qualquer tipo de escravidão” (...) a partir do momento que a pessoa, seja ela quem for, não se deixa dominar nem pelo prazer, nem pelo sofrimento, nem pela glória, nem pela riqueza, e pode, quando lhe apraz, jogar sem medo seu miserável corpo inteiro no rosto de alguém e ir-se dali embora, de quem ainda esse homem seria escravo, a quem ele estaria submetido? Mas se ele viveu agradavelmente em Atenas e deixou-se assujeitar por esse gênero de vida, seus interesses ficarão a mercê do primeiro que aparecer, todo o homem mais forte que ele seria capaz de atormentá-lo. Como podes imaginá-lo adulando os piratas para que eles o vendam para algum ateniense, para que ele reveja um dia o lindo Pireu e os longos muros e a Acrópole? Dentro de quais disposições o verás escravo? Como um homem servil e baixo. E para que isso te servirá?¹².

Diógenes quando capturado por piratas e feito refém e escravo não lamentou a vida, nem adidou ninguém. Tratou de viver conforme a imposição das circunstâncias e, *ipso facto* testemunhou por meio das atitudes um total desprendimento em

¹² EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 67-69; 71-72. D.L., VI, 23, 71, 74; IX, 59. Nesse excerto, Epicteto também lembra Anáxarcos, outro grande exemplo da antiguidade do homem que conquistou a Serenidade.

face dos acontecimentos externos e uma profunda capacidade em adaptar-se ao impermanente.

Diógenes tinha para si o mundo inteiro como sua Pátria, por isso não tomava nenhum País em particular como seu. Nas relações afetivas deve-se usar o mesmo critério, assim como fez Sócrates ante a ameaça de perder mulher e filhos. (...) E o que te impede de amar alguém como se ama um ser sujeito a morte, um ser que deve nos abandonar? Sócrates não amava seus filhinhos? (...) ¹³.

O afeto, o amor, a amizade são mentados no Estoicismo de Epicteto na interação íntima com a mutabilidade constante do *kosmos*, por isso o amor verdadeiro, ou a única forma de amizade plenamente aceita por ele é a desprendida. (...) Amar como um servidor de Zeus, cheio de solicitude verdadeira para com o próximo (*plesíós*), mas, ao mesmo tempo submisso à vontade de Deus. (...) ¹⁴.

A *eleuthería* na Filosofia do escravo alforriado de Epafrodito só assume sentido verdadeiro em que ela denota um total desnudamento, seja em relação aos nossos afetos, seja em relação às coisas do mundo. Qualquer tipo de apego ou identificação com o forâneo, com o alheio é profissão de servilismo e escravidão.

Porque as pessoas têm poder sobre nós, à medida em que possuem as coisas que queremos ou tememos perder, coisas essas de que elas podem nos privar, e que o nosso apego e dependência delas nos fazem seus escravos. É esse o *status quo* em que pululam a lisonja, a bajulice e a incensação, fazendo das pessoas em vez de homens honrados, adulares servis.

A relação dos homens entre si é em grande parte mediada pelas coisas, o motivo deles muita vez se tornarem subservientes. Por isso é que Epicteto lhes ensina o desapego, para que se tornem capazes de salvaguardar o próprio brio (*prósopon*) diante dos outros e de si mesmo, porque quando o afeto está sobre o interesse

¹³ EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 60.

¹⁴ EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 65-66.

por coisas que podem conseguir adulando, ele já nasce deteriorado, apodrecido, fazendo adoecer o *nume* que carregam dentro de si mesmos.

... Alguém perguntou: “Sob qual sinal cada um de nós pode reconhecer o que está em conformidade com sua dignidade pessoal (*prósopon*)?” Quando o leão ataca, só o touro reconhece sua própria força, e, de onde vem que ele sozinho se ponha na frente para proteger a tropa toda? Não é evidente que com a posse da força vem de par com ela a consciência dessa força? E conseqüentemente, com nós próprios acontecerá o mesmo, quem possui semelhante força não a ignorará. Não é subitamente que o touro se torna o que ele é, nem que o homem adquire a nobreza da alma, mas é necessário ter realizado os exercícios de inverno, é necessário estar preparado e não se precipitar de súbito sobre aquilo que nenhumamente vos convém...¹⁵

A fé na magnificência da alma humana de que Epicteto dá provas constantemente é a mãe de um Humanismo sem precedentes na História do pensamento filosófico, e, também, uma profissão de confiança na Paidéia, digo, fé na Filosofia como um instrumento de transformação do homem para que seja livre no reconhecimento de que ele é para a *Eudaimonía*.

Para ele a Filosofia é necessariamente um caminho ascético. A opção pela Filosofia estoíca implica obrigatoriamente uma mudança radical, ainda que gradativa, do *modus faciendi e vivendi* do optante. Não há como manter o modo de ser e pensar habituais e ao mesmo tempo fazer profissão de filósofo estoíco. A Filosofia para Epicteto é conversão na base de uma *metánoia*, porque somente por meio dela é possível alcançar aquele estado de liberdade que constitui desde o principio até o fim a meta desse caminho ascético.

Em sua relação com o circunjacente, o homem tem de aprender a agir com prudência a fim de fazer um bom uso das

¹⁵ EPICTETO, *Diatribes*, I, II, 30-32.

coisas que se lhe apresentam e a ação sob reserva, ou a ação sob cláusula de reserva, conforme a tradução do Hadot para a palavra *hipeksáiresis*, torna o homem invencível; ao passo que o imuniza contra muitos males, tonifica sua alma com um vigor inquebrantável.

... Por que, pois, essa tensão? Por que não te contentas com chegar airoso ao termo deste breve prazo? Que matéria e que hipótese evitas? Que é tudo isso senão temas de exercício dum razão que viu, com precisão de naturalista, o que se passa na vida? Continua, pois, até haveres assimilado tais pensamentos, como um estômago forte tudo assimila, como o fogo ardente, do que quer que lhe atirem, formará chama e luz.(...) ¹⁶

A expressão “precisão naturalista” do filósofo-imperador Marco Aurélio tem um alcance extraordinário porque esclarece com luz serena outra expressão, muito cara ao Estoicismo que é a que preceitua “viver conforme a natureza”, cujo sentido se completa nessa citação que o Imperador nas suas *Meditações* faz do escravo-filósofo Epicteto:

... Quem beija um filhinho deve, ao que dizia Epicteto, murmurar no íntimo: “Talvez morras amanhã”. – É mau agouro! – “Agouro nenhum”, respondia, “e sim o enunciado dum fato natural; aliás, seria também agouro dizer que foram colhidas as espigas” ...¹⁷

10. O curso suave da vida (*euoia*)

O comentário que o Imperador aduziu a palavra de Epicteto sugere que viver com naturalidade subentende um *visus* da Natureza completamente despido de toda e qualquer acepção emotiva ou antropomórfica que projetamos por sobre os acontecimentos em torno de nós, a fim de que sejam desvelados à

¹⁶ M.A., X, 35.

¹⁷ M.A., IX, 34. *O grifo é nosso.*

luz de uma hermenêutica que recoloca todos eles na perspectiva da Ordem Universal que enquadra as ocorrências da vida – aquelas que não dependem de nós - numa Cosmovisão.

A visão “física” dos eventos *oúk eph’ hemîn* funciona como fundamento da virtude “física” por excelência, que Zenão definiu pelo termo *euroia biou* (curso suave da vida) e que para ele tinha o sentido preciso de *eudaimonía*. O Imperador Antonino em suas *Meditações* diz em outros termos a mesma coisa: “no vivente dotado de *logos*, ato natural (*katá physin*) e ato racional (*katá lógon*) é tudo um”.¹⁸

O filósofo estóico Marco Aurélio em total sintonia com Epicteto está a dizer que se mantivermos a vida fluindo por meio do *logos*, a relação com o mundo passa a ser natural com o que é natural, porque não haverá mais recusa de nossa parte pelo que está na Ordem natural das coisas, logo, nossa vida seguirá seu curso suave entre e sobre os obstáculos como um rio tranqüilo e remansoso. O rio não interrompe o curso de suas águas quando se depara com uma pedra no seu caminho, nem mente para si mesmo a fingir não haver tal obstáculo, antes, o acolhe em seu leito num grande abraço, transpassando, contornando, ou, simplesmente, ultrapassando toda a pedra de dificuldade na luz serena de uma silenciosa aceitação.

A virtude física, a *euroia*, requer muita atenção com o momento presente, porque nossa interação com o Mundo acontece sempre nesse nó intersecional de tempo, segundo o Estoicismo, lá a trincheira onde travamos a batalha real da vida, lá o lugar onde temos de articular a passagem suave por entre os obstáculos ou a nossa rendição diante dos impedimentos que a vida nos impõe.

... Que não te transtornem as conjecturas sobre o desenrolar de tua vida. Não imagines em conjunto quais e quantas canseiras é de crer te sobrevenham, mas, a cada uma que surge, pergunta a ti mesmo: Que de insuportável e intolerável há nesse trabalho? Terás vergonha

¹⁸ M.A., VII, 11.

de confessá-lo. Em seguida, recorda que não é tampouco o passado que te aflige, mas sempre o presente. E este se apouca, desde que o isoles e desmintas a tua inteligência de que não pode arrostá-lo só...¹⁹

Viver de modo natural encerra uma compreensão do tempo como momento presente; o filósofo estoíco deve encontrar nele (no momento presente) o seu refúgio, numa abertura total ao que acontece - e o que acontece está acontecendo agora - evitando assim, o desdobramento inócuo da angustiada expectativa pelo porvir.

... Será a ruína do espírito andarmos ansiosos pelo futuro, desgraçados antes da desgraça, sempre na angústia de não saber se tudo o que nos dá satisfação nos acompanhará até o último dia; assim, nunca conseguiremos repouso e, na expectativa do que há de vir, deixaremos de aproveitar o presente. (...) o cúmulo da desgraça e da estupidez está no medo antecipado: que loucura é esta, ser infeliz antecipadamente? ...²⁰

A abertura ao acontecer das coisas há no Estoicismo de Epicteto e de Marco Aurélio uma mística de superação na aceitação, porquanto o filósofo, quanto mais avança (*prokopês*) na virtude “euroica” ou física, mais se alarga nele a compreensão das coisas do ponto de vista da totalidade, e menos ele pensa em si mesmo como um ser isolado; é como se enquanto o seu eu apagasse o *lógos* acendesse.

11. Indiferença filosófica e Eleuthería

Epicteto assevera que quando um homem medita a vida considerando tão-somente a si próprio, isto é, isoladamente, sem levar em conta o todo de que faz parte, que esse modo de pensar não é humano, ou seja, que o homem deixa de ser humano, cai

¹⁹ M.A., VIII, 36.

²⁰ Lúcio Aneu SENECA, *Cartas a Lucílio*, 98,6.

numa condição inumana quando pensa á partir de si mesmo e não á partir da totalidade.

... Mas se te consideras como um pé e não como uma coisa isolada, seu papel será o de chafurdar na lama, de andar sobre os espinhos, e por vezes mesmo ser amputado para salvar o corpo inteiro...²¹

A hermenêutica do tempo como horizonte do presente preceitua a aceitação incondicional do momento porque proíbe a rejeição da experiência imediata, porquanto rechaça vigorosamente todo o tipo de inconformidade com a vida tal qual ela se nos mostra aqui e agora. O Ser em si assumido como projeto da totalidade converte o tempo presente em momento oportuno, circunstância ou ocasião ideal para se fazer a *metánoia*, porque na verdade ele é o dono do tempo.

... Sim nós devemos tudo fazer para mostrar nossa habilidade com relação a qualquer matéria exterior, com desprendimento como ela se apresenta, provando nossa habilidade no trato com ela. É assim que o tecelão não faz a lâ, mas, como a recebeu, habilmente trabalha-a. Um outro te deu a comida, a fortuna, e tudo isso ele te pode tirar, tudo incluso teu pobre corpo. Para ti seja o bastante receber a matéria e trabalhá-la...²²

A trama da vida humana é um nexos de causas necessárias onde o urdidor dessa teia de causalidades opera olhando o todo assegurando para as partes uma espécie de “oportunização” do tempo. A temporalidade que deriva da Física estóica, digo da Ontologia do Pórtico, garante sempre, *nota bene*, sempre para a parte “um tempo de alguma coisa”, e o presente é sempre o tempo de transformar “o que sucede” em caminho para a Sabedoria, desde que abramos mão de querer introduzir preferência onde de modo algum existe ou pode haver escolha.

²¹ EPICTETO, *Diatribes*, II, 5, 24.

²² EPICTETO, *Diatribes*, II, 5, 22,23.

... Um olho são deve ver tudo quanto é visível e não dizer *quero verde*, que isso é de quem sofre de oftalmia. O ouvido e o olfato são devem estar prontos para todo som e cheiro; o estômago são deve comportar-se de modo igual para com todo alimento, como a mó para com tudo quanto foi constituído para moer. Por conseguinte, a inteligência são deve estar pronta para todos os eventos; mas aquela que diz: *Que se salvem meus filhos e louvem todos o que eu fizer* é um olho em busca do verde, ou dentes em busca de tenruras...²³.

O ponto fulcral para Epicteto é a questão da liberdade cuja essência, segundo sua Filosofia, reside no desate de todas as amarras que nos prendem a tudo que no mundo não seja da nossa pertença, mas para se fazer isso, antes de qualquer coisa é necessário aceitar a vida. Se por um lado ele nos ensina a ser indiferentes com respeito ao que não depende de nós, isto é, com relação ao Ser em si; por outro, desaconselha a irresponsabilidade e a negligência com respeito às coisas que o Ser em si trás para dentro de nossas vidas.

Para vivenciar com inteireza a liberdade tal qual Epicteto a concebeu é preciso que o homem aprenda a conciliar no mundo de si mesmo a Serenidade interior do sábio com a solicitude do homem de ação. Aprender que “as matérias são indiferentes, mas o seu uso não”. No seio da indiferença filosófica de Epicteto concernente aos indiferentes há uma delicada nuança: no coração delas desvelou-se um valor.

... Nada concorre tanto para sentimentos elevados como a capacidade de inquirir, com método e veracidade, cada um dos eventos da vida e sempre os olhar de modo que se considere a que mundo trazem proveito, qual o proveito e, dado o proveito, que valor tem, dum lado, em relação ao conjunto e, de outro, em relação ao homem como cidadão da cidade suprema, da qual as demais cidades são, por assim dizer, as casas; o que é, de que elementos se compõe, quanto tempo, por sua natureza, deverá perdurar o efeito

²³M.A., X, 35. *O grifo não é nosso.*

em mim produzido no momento por essa imagem e que virtude exige de mim, se mansuetude, coragem, lealdade, lhanura, auto-suficiência, etc. Daí cumpre dizer em cada caso: isto me vem de um deus; isso decorre das conjunturas, da trama urdida pelos acontecimentos, de tal coincidência fortuita; aquilo procede de um ser de minha espécie, de um parente meu, de um companheiro, que, todavia, ignora o que é conforme com a sua natureza. Eu, porém, não ignoro e por isso o trato com benevolência e justiça, de acordo com a lei natural da comunhão; contudo, nos casos indiferentes, tenho em mira ao mesmo tempo o seu mérito...²⁴.

A conquista da liberdade pressupõe sempre o saber aonde encontrar o bem, em saber, seja voltando o olhar para nós próprios, seja lançando o olhar em torno de nós, aonde encontrar o critério do real valor das coisas, ora, exatamente isso é que constitui a matéria da Filosofia, o homem tem necessidade de saber que é na liberdade que reside o valor supremo da vida e que a *ataraxia*, a *eustátheia*, a *apátheia*, a *euroia* e o *eu zên* (a vida boa), são o caminho para ela e a missão da Filosofia.

... Qual é, pois o exercício (*askesis*) próprio para esse fim? Antes de tudo, o primeiro, o principal, o exercício, por assim dizer, liminar, consiste, quando te ligas nalguma coisa, não te prenderes nelas como se fossem objetos que não te podem ser tirados, mas como um objeto do gênero de uma marmita ou de uma taça de vidro, de modo que, se se quebrarem, te lembrando o que eles eram não sofras nenhuma perturbação. Da mesma forma também no nosso caso, se abraças teu filhinho, teu irmão, teu amigo, jamais deixes livre o freio da imaginação e não permitas que a efusão afetiva vá até onde ela quer, mas faça-a recuar, contenha-a ao modo daqueles que se colocam atrás dos triunfadores lembrando-lhes que eles são homens. De modo semelhante, tu também, fala contigo mesmo que amas um mortal, que não amas nada que te pertença propriamente, isso te foi dado para o momento, e não está isento de ser tomado de volta, não é para sempre, mas como um figo ou um cacho de uvas, numa estação determinada do ano: se tu os desejas durante o inverno, tu és estúpido. Igualmente se tu desejas teu filhinho ou teu

²⁴M.A., III, 11. Lucio Aneu SENECA, *Cartas a Lucílio*, 89,14.

amigo quando não te é mais dado tê-los, saibas que é como se tu desejaesses um figo durante o inverno. Porque o que o inverno é para o figo, todo acontecimento do Universo é para os objetos que te foram tirados por esse acontecimento...²⁵.

12. “Naturalizar” o pensamento

À medida que o filósofo avança no caminho da Sabedoria, cada vez mais se acirra nele a “naturalização” do seu modo de pensar, cada vez mais se avigora nele as razões da totalidade em detrimento a consideração de sua vida pessoal, isolada da Comunidade a qual pertence. Fazendo a “caminhadura” ascética da Sabedoria algo dentro dele fenece, em contrapartida, o *logos* lhe alumia a interioridade com maior intensidade.

O Estoicismo de Epicteto ao afirmar a conquista da liberdade como valor supremo, ao incentivar o homem a voltar o olhar sobre si mesmo para que descubra que a sua interioridade, que a sua *proháresis* é o lugar do bem, induz-nos a pensar que o Estoicismo quer afirmar os valores individuais por ser uma Filosofia que dá relevância aos valores do “eu”.

Não! Não é esse o sentido essencial da Filosofia de Epicteto. O movimento de “conversão” para si mesmo; o ensimesmar-se que mana da fonte pura do *gnôthi sauton* é na verdade um caminho de encontro com o outro. Nesse volteio descubro a necessidade de destruir as correntes que me prendem e impedem de agir para o bem da comunidade. Não ajo bem porque vivo para mim. Ensimesmando descubro o modo de desobstruir a via que me leva para fora de mim mesmo para descobrir e encontrar o outro. Agora ajo bem porque vivo para o Todo.

A Filosofia estóica só aparentemente está fundada sobre o amor de si mesmo, com efeito, o seu fundamento real é o amor do Todo. Pelo *logos* o homem é divindade, digo, participa da divindade tanto quanto a divindade participa dele; a comunhão

²⁵ EPICTETO, *Diatribes*, III, 24, 84-88.

entre os homens, a convivialidade, deriva desse acordo com o Todo entre todos. Então, pelo *logos* ele é um com todos e suas ações se dirigem para o bem desses com quem ele já está desde sempre acordado.

O intelecto divino quer o bem do todo. O intelecto divino em mim, também. Por isso devo buscar agir conforme o intelecto divino em mim sugere que eu aja, e ele sugere que eu aja para o bem do Todo considerando a Comunidade humana, que eu aja com vistas ao bem da comunidade dos homens.

... Assim como tu mesmo integras a comunidade social, assim integre toda ação tua a vida social. Ação tua sem relação, próxima ou remota, com o bem comum lacera a vida, impede que seja una, é sediciosa como quem numa república isolasse dessa espécie de sinfonia a sua parte individual...²⁶

Aquilo que os seres em geral fazem naturalmente, dormindo na inconsciência de si próprios, o homem deve fazer racionalmente, naturalmente, porque sua natureza é razão (*lógos*) e liberdade. O homem age naturalmente na medida em que se apropria de sua essência e faz dela o seu ofício. Quanto mais se ocupa de seu mister, mais se afasta dos projetos pessoais e se entrega aos desígnios do Todo. Ser natural é viver em paz fazendo o bem.

Haveria diferença entre o *logos* e o *noûs*? O *noûs* seria aquilo que no homem estaria aberto para o *logos*, para intuir o seu *boulema* (vontade)? Ou, o *logos* da natureza assume no homem a forma do *noûs* e deve *ipso facto* ser apropriado como tarefa, como ofício? Epicteto amava dizer que uma das mais nobres ocupações humanas era a de “*inteligir os desígnios da Natureza*” (*noêsai tó boulema tês physeos*).

É lícito perguntar se os valores em torno dos quais o estóico centraliza os esforços de uma vida inteira, a saber: a liberdade, a

²⁶ M. A., IX, 23.

fortaleza da alma, a paz de espírito, a apatia; não lhe esfriam o coração no trato com os outros. Se para o estóico que realizou a *metánoia* do espírito, que passou por uma profunda mutação interior, ainda faz sentido a preocupação com o Universo e com o seu semelhante.

13. *Ahimsa*: a Filosofia da não-violência

Porque é preciso reconhecer – à linha axiológica de raciocínio - que a escala dos valores estóicos não coincide nenhumamente com a escala de valores dos homens comuns. O que lhes é indiferente, o que para eles não tem valor nenhum, é o que faz a diferença para os outros, o que para os outros, e, diga-se de passagem, a maioria, constitui o real valor das coisas.

É a partir do *status quo* que Epicteto e Marco Aurélio trazem a lume toda uma Filosofia da não-violência cuja essência repousa inteira na ternura e na docidão que são a luz do amor acendendo no coração do sábio *pari passo* com a extinção de toda e qualquer forma de malquerença. Em verdade, é a ausência de raiva e de inveja que caracteriza a própria essência da liberdade do amor: o homem livre pode ser reconhecido por não possuir inimigos²⁷, porque no fundo essa liberdade é “liberdade para”, liberdade para amar o outro na sua *outridade*.

... Pode-se dizer que Marco Aurélio e Epicteto se mantêm fieis a Doutrina estóica, na medida onde, aquilo que eles chamam de “piedade” não é uma paixão ou uma doença da alma, mas se define antes negativamente como uma ausência de cólera e raiva com respeito àqueles que ignoram os verdadeiros valores...²⁸

A aflição e o desespero, o derrotismo intransigente e o pessimismo crônico, sempre presentes onde há carência de

²⁷ EPICTETO, *Manual*, I.

²⁸ Pierre HADOT, *Citadelle intérieure*, p.240.

conhecimentos sobre o real lugar e valor do bem, não combinam com o amor ao próximo, por que incapacitam a pessoa para tratar os outros como seus iguais, com justiça. O homem que vive a mercê de tais sentimentos não consegue ser autêntico nas suas relações pessoais; como não tem auto-amor suficiente, não é capaz de relacionar-se desinteressadamente, tintando tudo o que toca com o pincel da dependência.

O filósofo estóico, à medida que faz a *metastrophé* (conversão) para a luz da totalidade, abandona gradativamente o ponto de vista pessoal, e justamente por não estar mais “interessado” pode dar-se por inteiro, com um amor puro e autêntico.

... Existe uma indiferença que é santa: é aquela que consiste em não introduzir preferência entre os seres que estão no nosso caminho, e lhes dar a nossa presença inteira, respondendo com uma exata fidelidade o apelo que eles nos fazem. Tal é a indiferença positiva, que é o inverso da indiferença negativa com a qual a confundem frequentemente: ela somente nos pede conceder a todos o mesmo acolhimento luminoso. É necessário que nós mantenhamos entre eles a balança igual: que não haja em nós nem preconceitos, nem predileções que incline o ponteiro...²⁹

14. Numa árvore fenecida brota uma flor³⁰

O sábio estóico não age mais como um indivíduo como um ser a parte ou apartado do Todo. Nessa obediência ao Todo se manifesta uma simplicidade que só aflora na “pessoa” quando para ela não entram mais em jogo certas preferências e predileções. Ele está tão integrado nele que já não rejeita mais nada. Ele aceita “tudo” porque se abriu para o Todo, por simplesmente ouvir o *lógos* ínsito no poço de si mesmo.

²⁹ L.LAVELLE, *L' erreur de narcissé*, p. 111.

³⁰ Charlotte JOKO BECK, *Sempre zen*, p.59.

Só o interesse pessoal faz diferença entre as pessoas, *ipso facto*, gerando a indiferença desapiedada, uma vez que só quem não faz diferença faz Justiça. “O qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus, e vir chuva sobre justos e injustos”.³¹ A indiferença do sábio está a quilômetros de distância da indiferença desapiedada, porque renascida da morte do grão de trigo de qualquer consideração de cunho egóico, na brotação serena de um coração que encontrou seu apaziguamento.

... Matam-te, espostejam-te, perseguem-te com maldições? Que há nisso que impeça tua mente de conservar-se pura, sensata, prudente, justa? É como se alguém, parado junto duma fonte clara e doce, a insultasse: ela não deixaria de manar sua água boa de beber. Que lhe atire lama, estrume, que seja; ela prestes o dissolverá e lavará, sem tingir-se de modo algum. Como, pois, terás uma fonte inexaurível e não um poço? Cresce a todo momento em independência, com bondade, singeleza, recato...³²

A doutrina de amor cingida de *ahimsa* (não-violência) tão evidente nessa linda metáfora da fonte do imperador antonino Marco Aurélio têm dois registros fundamentais: um é este que está sobre uma mística da metamorfose da crisálida do “eu” por meio da *metastrophé* para a luz da totalidade do qual falamos fartamente; o outro, é aquele que está no fundamento de todas as Éticas da antiguidade: o de que toda a criatura tem o desejo inconsciente do bem.

A crença que o filósofo estóico, primeiro, retira a sua missão, porque é o eixo central sobre o qual se coloca a Paidéia filosófica inteira; ela parte do principio de que todos indistintamente aspiram a Felicidade, que ela é o bem que todos procuram. Quando alguém buscando a Felicidade se torna infeliz é porque errou o alvo. Não fez por mal. Ele queria a Felicidade e acabou infeliz. “Da

³¹ MATHEUS, V: 44-48.

³² M.A. VIII, 51.

mesma forma que não fixamos um alvo para o falhar, também o nascimento do Mal não provém do Universo”³³

Epicteto e Marco Aurélio retirou a sua *ahimsa* da visão compreensiva que transpassa a superfície do homem para vislumbrar a fonte de água fresca que corre nas suas entranhas, se o homem erra é porque se engana, e é exatamente por isso que precisa ser orientado, com ternura e docidão, para os reais valores da vida, a fim de acertar o alvo e encontrar o verdadeiro bem.

... A bondade é invencível, quando sincera, não de semblante e fingida. Que te fará o maior dos insolentes, se te mantiveres bondoso para com ele, se, dada oportunidade, o aconselhares com brandura e o instruíres com calma na mesma ocasião em que intenta causar-te mal? – *Não, filho, fomos nascidos para outro fim; quem vai sofrer o dano não sou eu, mas tu, meu filho.* Mostra-lhe, delicadamente e num sentido geral, que assim é, que esse não é o procedimento nem das abelhas, nem de qualquer animal social por natureza. Tal advertência deve ser feita sem ironia, nem afronta, mas com simpatia e de coração não ferido; não, porém, em tom de mestrescola, nem a fim de suscitar admiração dos circunstantes, e sim para ele só, embora estejam algumas outras pessoas em redor...³⁴

15. Não existe mal natural no mundo³⁵

É a ignorância do outro quanto ao caminho a seguir na vida que desperta a compaixão no filósofo, no entanto, essa compaixão só é verdadeira se oriunda de um coração que aprendeu a libertar-se dos grilhões com que as armadilhas da vida nos prendem. Para libertar a condição é a de se estar livre, e só está livre aquele que compreende com bondade as deficiências do outro; como disse o Imperador Antonino Marco Aurélio “Não é a cólera que é viril, mas a doçura e a delicadeza”³⁶, Como alguém sem paz no coração e

³³ EPICTETO, *Manual*, XXVII.

³⁴ M.A., XI, 18. *O grifo não é nosso.*

³⁵ EPICTETO, *Manual*, XXVI.

³⁶ M.A., IX, 13.

atormentado, dilacerado pela ansiedade e pelas inquietações de toda ordem poderia ser capaz de amar? O ato de libertar é na verdade um ato de amor.

... E aquele entre vós que de todo o coração quer sinceramente testemunhar sua amizade por alguém, ou de ganhar a amizade de outrem, extirpe esse pensamentos, que os odeia ou que os banirá de seu coração. Desse modo não terá, sobretudo, de dirigir censuras a si próprio, em luta consigo mesmo, se arrependendo e se atormentando; além disso, não lutará contra seu próximo; nenhumamente, com aquele que se lhe assemelha, e vis-à-vis daquele que é diferente, ele será tolerante, condescendente, doce, indulgente, como diante de um ignorante, diante de um homem que caiu em engano em matéria essencial; ele não será duro com ninguém, porque ele compreenderá perfeitamente a palavra de Platão: “ É sempre a contragosto que uma alma é privada da verdade” ...³⁷

16. A *europa*: o seguimento suave e sereno do caminho da vida

Enfim, a resposta de Epicteto e Marco Aurélio à pergunta sobre as ações convenientes ou apropriadas, em verdade é muito simples, é a junção dos dois *topos* de exercício que ligados sintetizam uma campo considerável de conquistas pelo caminho ascético do *gnôthi sauton*. Resumindo em duas citações, a primeira do Imperador antonino Marco Aurélio, a segunda do escravo alforriado Epicteto:

... Abandonou-se inteiramente à Justiça com respeito às suas ações, e à Natureza Universal em tudo aquilo que lhe acontece (...) É mister, disse Ele, “ descobrir a arte de anuir” e, no capítulo sobre as iniciativas: “ Vigiar a atenção, para que haja nelas reserva, interesse comum, relação com o valor; abster-se completamente de desejos e não nutrir aversão a nada do que não depende de nós”...³⁸

³⁷ EPICTETO, *Diatribes*, II, 22, 34-37.

³⁸ M.A., X, 11; XI, 37.

Ao nos perguntarmos sobre o sentido da afirmação de Epicteto no oitavo capítulo do *Enkheirídion*, a saber: “Não queiras que o que acontece aconteça como queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece, e serás feliz”, fomos levados a penetrar mais fundo à essência de sua Filosofia, e descobrimos que *ela* se constitui, fundamentalmente numa chamada para o seguimento de um caminho, a saber: o chamamento do homem para a construção do caminho de sua liberdade (*eleuthería*).

Para que ele avance (*prokopês*) no seguimento do caminho de sua libertação, tem de internalizar certas verdades sobre esse caminho (*theôrema*) que se mantidas como luz acesa dentro da alma, são capazes de promover uma profunda transformação no mundo interior do homem, modificando-lhe radicalmente o cenário interno, descortinando-lhe inclusive uma nova perspectiva valorativa da vida. A bem da verdade esse chamamento é em essência uma vocação para o seguimento do caminho suave da vida (*euroia*).

O filósofo estóico, no aforismo citado a pouco, harmoniza: “querer” com “acontecer”, seguimos até aqui a reflexão de Epicteto sobre o lugar que o “querer” ocupa no homem; sabe-se que nenhum filósofo estóico antes dele enucleou tão notadamente a faculdade humana que serve de fundamento a liberdade. A *prohaíresis* adquire nas mãos de dele um estatuto ontológico sem precedentes na História da Filosofia. No entanto, para falarmos da *prohaíresis* tivemos de nos deter no primeiro e no segundo tema de exercícios, já que eles perfazem etapas indispensáveis no seguimento do caminho da Filosofia de Epicteto.

E aprendemos que o homem desalumiado de compreensão filosófica estima que o seu bem esteja fora (*ektós*), isto é, no mundo, nas coisas que o cercam, mas que o alumiado, sabe que o único bem verdadeiro está dentro dele mesmo. Á partir dessa mudança significativa de perspectiva que entranha um novo sentido de ser e de viver, chegamos aos cumes do amor ao próximo, da solidariedade, da doçura e da brandura que Epicteto nos ensina a cultivar mesmo que

diante do agressor mais irascível, porque ignorante. “Amai aqueles que vos odeiam, fazei o bem àqueles que querem vos prejudicar, alumando-lhes a ignorância”.³⁹

O cultivo da *ahimsa*, da não-violência Epicteto aprendeu de seu mestre Musônio Rufo, figura venerável, tanto por suas idéias, quanto por sua capacidade de conciliar *sermo cum vita*, e que se torna aos nossos olhos mais digno ainda de respeito quando consideramos sua imensa habilidade de formador de almas; porque Epicteto, seu discípulo, não é apenas mais um estóico na escola do Pórtico, mas um verdadeiro apóstolo do Estoicismo.

... Esforçar-se por morder quem vos morde e de devolver o mal pelo mal é o que faz o animal, não o homem: É não se dar conta de que a maior parte das faltas provêm da ignorância e cessam por conta da instrução. Considerar as faltas dos outros sem cólera, não se mostrar desapiedado com aqueles que pecam, não se desesperançar deles, eis o que se espera de um homem sociável e de bom coração. Não vale muito mais que um filósofo perdoe aqueles que cometeram alguma falta contra ele do que os perseguir crendo assim se defender, mas se rebaixando na realidade?...⁴⁰

³⁹ Théodore COLARDEAU, *Étude sur Épictète*, p.223.

⁴⁰ *Apud.*, stobée, flor., XIX, 16. Musônio RUFO.

Capítulo IV

Eukharistía:

instrumento de conversão do Destino em Prónoia

Temos agora de circunscrever aquele outro termo do aforismo constante no oitavo capítulo do *Enkheirídon*, já vimos o “querer” agora vejamos o “acontecer”. Decerto que por força mesmo da compreensão das questões envolvidas no assunto já falamos nele, mas agora vamos sítia-lo mais detidamente para contemplar a cosmovisão que dá sustentação ao pensamento de Epicteto sobre esse simples “acontecer” das coisas, e completar nossa perscrutação sobre o sentido paradoxal desse gnoma, objetivando por fim, alcançar a profunda verdade que ele encerra.

Os ensinamentos de Epicteto transpiram religiosidade. Essa alma profundamente piedosa brotou do coração largo de Cleanto, ambos estão atados por esse laço vigoroso de piedade que constitui uma Espécie de Estoicismo religioso. Temos de estudar agora esse lado importante de Epicteto porque ele nos conduzirá a uma melhor compreensão da proposta que encerra sua Filosofia, como também as relações entre a liberdade e o Destino que estão nos seus pressupostos.

... Embora Epicteto compreenda e recomende com ardor os princípios gerais da fraternidade humana, e que ele se eleve com o Estoicismo até a concepção de uma espécie de caridade, não é absolutamente desse lado que ele deixa ir seu coração. É para a Divindade que escapam os sentimentos recalçados e contidos dessa alma aparentemente insensível. Quê admiração pela ordem física e

moral da natureza, quê obediência pela razão imutável e eterna, quê abandono a Providência...¹

“Da leitura das *Diatribes*, com efeito, emerge uma real impressão religiosa”,² essa afirmação do Colardeau é facilmente corroborada por qualquer um que se dê ao trabalho de ler as *Diatribes*. Por entre as suas páginas, emerge um Epicteto iluminado de uma intensa piedade religiosa, no mais das vezes, voltado inteiramente para a Divindade, ora advogando sua existência, ora consagrando e aclamando a sua ação providencial no Mundo.

1. Onipresença divina e *nume interior*

No *enkheirídon* o tema da piedade aparece, mas na visão de Colardeau, Arriano “preocupado antes de tudo, em recolher as máximas de caráter prático deixou de algum modo se evaporar o perfume de piedade bastante delicado que as *diatribes* exalam”³. Uma das diferenças fundamentais entre as *Diatribes* e o *Enkheirídon*, ambos redigidos por Arriano, está no momento em que elas foram escritas, enquanto a primeira obra foi recolhida na escola de Nicópolis diretamente da fonte, ou seja, do próprio Mestre Epicteto, assim como, quando bebemos da concha das mãos a água fresca que colhemos do olho-d’água, a segunda, foi escrita mais tarde, com o objetivo de deixar ao alcance da mãos (manual/*Enkheirídon*) alguns dogmas fundamentais para servir de guia para a conduta.

A diferença é uma forte testemunha da fidelidade de Arriano ao seu Mestre Epicteto e, explica a ausência do “perfume de piedade” do *Enkheirídon*. Se desejarmos priorizar a apreensão da piedade de Epicteto a partir do “homem” Epicteto, visando recolhê-la, por assim dizer de sua própria alma, é nas *Diatribes* que devemos procurar seu

¹ C. MARTHA, *Les moralistes sous l' empire romain*, p.167.

² Théodore COLARDEAU, *Études sur épictète*, p.229.

³ Théodore COLARDEAU, *Étude sur Épictète*, p.230.

rastró luminoso, não obstante, é totalmente aceitável, assim como fez o próprio Pierre Hadot, estudar a piedade, ou seja, o sentimento religioso de Epicteto a partir do *Enkheirídion*⁴.

Epicteto não foi escritor, foi filósofo. Fidelíssimo ao modelo socrático escolheu ser estóico no discurso e na vida. Por isso é que ele pouco teoriza, pouco especula. Na intimidade da escola de Nicópolis o encontramos, quase sempre, voltado para o ensinamento da piedade na qual ele via o fundamento inconcusso da relação do discípulo consigo mesmo e com o mundo.

... Epicteto nos dá aqui um bom exemplo de prudência. Muito desconfiado, já vimos, das especulações dessa natureza, não parece haver iniciado seus discípulos em discussões que sem dúvida a ele próprio pouco interessavam. São os sentimentos religiosos, em relação estreita com a conduta moral, que ele exprime diante deles, de preferência as idéias teológicas e metafísicas...⁵

A noção de que o homem é habitado por uma deidade é comum no Estoicismo da era Imperial e a encontramos com muita freqüência nas *Meditações* do Imperador antonino Marco Aurélio, nas *Diatribes* do escravo alforriado Epicteto e, também nas obras do cortesão Sêneca. Cleanto se referindo aos deuses em seu Hino a Zeus afirmou que “Somos da sua estirpe, e possuímos a palavra como reflexo da sua mente”.⁶ Portanto, o homem para os estóicos tem um quê de divino e por isso participa da Divindade. Ele pertence à mesma raça dos deuses e essa comunidade de origem entre eles assegura-lhe a vocação para ser mais e assim crescer na sua divindade, eis o que diz Sêneca a respeito desse assunto:

... É verdade, Lucílio, dentro de nós reside um espírito divino que observa e rege os nossos atos, bons e maus; e conforme for por nós

⁴ Pierre HADOT, *Apprendre à philosopher dans l' antiquité*, p.167. A propósito dos capítulos XXXI e XXXII, do *Enkheirídion*.

⁵ Théodore COLARDEAU, *Étude sur Épictète*, p.230.

⁶ Giovanni REALE, *História da Filosofia Antiga*, Vol. III, p.311.

tratado assim ele próprio nos trata. Sem a divindade ninguém pode ser um homem de bem; ou será que alguém pode elevar-se acima da fortuna sem auxílio divino? As decisões grandiosas e justas, é a divindade que as inspira...⁷

A compreensão de que Sêneca da notícia Epicteto compartilha totalmente. A idéia de que trazemos dentro do peito um *nume* e que ele nos foi confiado para dele cuidarmos do mesmo modo como se nos fosse entregue “um órfão” para que dele cuidássemos, é muito cara a Epicteto, como já deixamos claro, porque ela é o fundamento de todas as virtudes humanas. Por meio desta crença o homem, para Epicteto, desperta para sua própria grandeza.

E por sentir as coisas divinas desse modo, lá onde Sêneca esboça apenas uma idéia e se detém, Epicteto continua e completa, digamos assim, como alguém que viveu pessoalmente nas cercanias do Divino, do Sagrado: “Quando vós haveis fechado vossa porta e tornado escuro vosso quarto, lembrai-vos de jamais dizer que vós estais sós. Não, vós não estais sós: Deus está lá e não precisa da luz para ver o que vós fazeis”.⁸

Em Sêneca também encontramos a noção da onipresença da divindade:

... Se penetrares num bosque cheio de velhas arvores, de altura fora do comum e tais que a densidade dos ramos entrelaçados uns nos outros oculta a vista do céu, a própria grandeza do arvoredor, a solidão do lugar, a visão magnífica dessa sombra tão densa e contínua no meio da planura, tudo te fará sentir a presença divina...⁹

Epicteto infere do sentimento da Onipresença Divina as conclusões das quais derivam conseqüências morais bem precisas. O reconhecimento da necessidade de fazermos jus à Bondade dos

⁷ Lúcio ANEU SENECA, *Carta a Lucílio*, XXXIX, 2.

⁸ EPICTETO, *Diatribes*, I, 14, 13.

⁹ Lucio ANEU SENECA, *Carta a Lucílio*, XLI, 3.

deuses mostrando-nos em tudo, agradecidos e dignos das graças recebidas, é a primeira e mais importante.

É absolutamente imprescindível para ele que o homem não conspurque os dons que os deuses lhe confiaram, porquanto, toda vez que desobedecemos e reclamamos, ou nos queixamos do que quer que seja que deus nos tenha destinado, enfim, quando sofremos ou fazemos de má vontade o que é inevitável fazer ou sofrer, estamos, em verdade, desonrando a vida e por meio da desonra praticando impiedade contra os deuses. Portanto, se em primeiro lugar, Epicteto nos aconselha a gratidão, em segundo, nos exorta a obedecer aos deuses. “Se os soldados juram nada colocar acima de César; nós, de não colocarmos a nós próprios acima de todas as coisas”.¹⁰

O sentimento de gratidão ele o coloca num lugar tão alto na hierarquia dos valores humanos que muitos estudiosos viram nessa atitude de Epicteto com relação à Divindade, uma espécie de rompimento inconsciente com o Panteísmo estóico, porque em muitos momentos ele nos passa a impressão de que seu Deus é um Deus pessoal.

... Em resumo, esse sentimento da presença divina, essa necessidade de respeitá-la, esse escrúpulo de maculá-la, por meio de pensamentos ou ações impuras, esse desejo de aprazer em todas as coisas o Deus são outros tantos índices de que Epicteto foi levado inconscientemente para a concepção de um Deus pessoal, e que se pode lastimar que esse magnífico élan fosse interrompido por sua adesão a uma doutrina que não poderia legitimar de modo algum tão altas aspirações...¹¹.

Epicteto acreditava piamente, que era preciso despertar em seus ouvintes uma claríssima consciência de que eles traziam dentro de si uma parcela da própria deidade, e que a simples constatação dessa verdade poderia mudar radicalmente o roteiro de suas vidas:

¹⁰ EPICTETO, *Diatribes*, I, 14, 15-17.

¹¹ Armand JAGU, *Épictète et Platon*, p.126.

... Mas o quê? Não são eles também obra dos deuses? - Certamente, mas eles não são fins em si mesmos, nem partes dos deuses. Tu, em contrapartida, és um fim em si, um fragmento de Deus; tens em ti mesmo uma parte de Deus. Por que então ignoras esse parentesco? Por que não sabes de onde vens? Não queres recordar, quando comes, quem és, tu que comes e te alimentas? Quando estás com alguém, quem és, tu que tens essa relação? Na tua vida social, no ginásio, nas tuas conversas, não sabes que alimentas Deus, que o levas ao ginásio? Tu transportas Deus e não o sabes, infeliz. Pensas que falo de um Deus exterior de prata ou ouro? É em ti mesmo que o carregas e não te dás conta de que o desonras com pensamentos impuros e com atos sujos. Mesmo diante de uma imagem de Deus não ousarias fazer algumas das coisas que fazes. E com o próprio Deus presente em ti, que observa e ouve tudo, não tens vergonha do que pensas e do que fazes? Não és consciente da tua própria natureza, suscitais a cólera de Deus...¹².

Epicteto sabia que da tomada de consciência da divindade interna, sobreviria um sentimento enorme de responsabilidade a partir do momento em que ele se percebesse em continua comunhão com ela. O pressuposto aqui que dá sustentação a esse “despertar de consciências” é extraordinário. É como se Epicteto estivesse a dizer: Já que o homem é Divino, então que haja como tal.

Se o homem é *apospama* (parcela) da Deidade, tem de *necessariamente* espelhá-la, mas, *nota bene*, de moto próprio e de boa vontade. O *kosmos* obedece espontaneamente os desígnios da Divindade¹³, mas, o homem, tem de dar sua anuência a Ordem do Todo, tem de acordar para a presença da Divindade, e, porque parte de seu ser (a mais importante conforme Epicteto) não responde instintivamente aos planos divinos, ele deve palmilhar o próprio caminho para ela, buscando conscientemente refleti-la em todos os setores de sua vida.

¹² EPICTETO, *Diatribes*, II, 8, 11, 14.

¹³ R.p. FESTUGIÈRE, *La révélation d' hermès trismégiste*, II, p.329.

2. Todo o homem é responsável por seu *nume*

A liberdade do homem, no pensar de Epicteto, é liberdade diante da responsabilidade de carregar dentro de si um *nume* e honrá-lo. Somos estátuas vivas de Zeus:

... Se o homem fosse Atenas ou o Zeus de Fídias e tivesse algum sentimento, ele se lembraria de si mesmo e de seu autor; ele teria o pudor de nada fazer que fosse indigno do artista e dele mesmo, e de se apresentar aos olhares em uma atitude inconveniente. Ora, aqui o artista é Zeus em pessoa, e, não contente de dar a sua obra a vida e a inteligência, ao passo que os deuses de Fídias conservam eternamente uma pose invariável, foi para nós que ele deu a guarda da obra-prima, não vendo ninguém melhor para confiá-la. Quem ousaria lhe causar vergonha e trair a sua confiança deixando-se levar pelas baixas paixões da alma que ele nos incumbiu de conservar honesta, elevada acima das turbulências e perturbações? *Quem se disser tudo isso* terá a alma tão alta que terá verdadeiramente o direito de se comparar a um Deus. Ele terá a mesma tranqüilidade, a mesma majestade soberana, o mesmo olhar seguro que o Zeus do Olimpo; nenhuma arrogância, aliás, na fisionomia, mas somente uma nobre dignidade inspirada por esta convicção que aquele que faz o seu dever se conserva semelhante a Deus...¹⁴

A noção de responsabilidade Epicteto deduz a necessidade de agradar aos deuses, aliás, tema recorrente no seu apostolado estoíco, e a razão disso é muito simples: quanto mais o homem alimenta a chama da vontade de agradar aos deuses no seu íntimo, tanto mais ele avança no seguimento do caminho de sua conversão.

¹⁴ EPICETETO, *Diatribes*, II, 8,24-29. Trad. de Théodore COLARDEAU, *Études sur Épictète*, p.233. *O grifo é nosso*. Epicteto se refere bastas vezes a essa necessidade de falarmos com nós próprios. Para ser um bom estoíco é imprescindível aprender a dialogar consigo mesmo, isto por dois motivos: Antes de tudo, ele representa o momento inicial da internalização dos princípios ou dogmas da escola, cujo objetivo é iluminar a conduta; depois, é com esse procedimento que gradativamente trocamos o nosso cenário interno e nos transmutamos interiormente. O diálogo interior, espécie de auto-admoestação, é a ferramenta por meio da qual vamos paulatinamente desbastando a pedra bruta dos nossos impulsos irrefletidos onde está engastada a jóia que nos foi confiada pela Divindade.

A pessoa realmente compromissada com o seguimento do caminho da própria conversão tem de gerar dentro de si uma força enorme de modo a pôr-se em condições de eliminar definitivamente, ainda que de forma gradativa, os velhos hábitos. É por meio dessa luta consigo própria, em que a vontade de agradar aos deuses funciona sempre como alavanca, que o homem vai se deificando, e paulatinamente imergindo na Divindade. “Como posso aprender a seguir em tudo os deuses e viver contente sob a governança divina?”¹⁵.

A preocupação constante de Epicteto em “agradar aos deuses” pode nos parecer muito estranha, ainda mais se ignoramos o quanto de nossas vidas passamos na tentativa de agradar aos outros. É de nossa natureza mostrar-nos agradecidos quando beneficiados por alguém, imediatamente queremos agradar a pessoa e mostrar gratidão. Infelizmente, também procuramos agradar aquelas pessoas que tem ou podem cercear os bens que nós almejamos possuir.

Como estamos acostumados a agradar para conseguir coisas, consideramos muito esquisito alguém apregoar a necessidade de sermos agradáveis aos deuses, já que os únicos que nós reconhecemos como tais, são aqueles pelos quais vendemos nossa alma por baixo preço no mercado das convenções humanas.

... Quando fores te encontrar com algum poderoso, lembra-te de que há um Outro (*allos*) que lá do alto olha aquilo que está se passando e que vale muito mais agradá-lo do que agradar a esse homem. Este Outro te pergunta:

“O exílio, a prisão, as correntes, a morte, a desonra, que é que tu disseste lá na escola?”

- “Falei que essas coisas são indiferentes”.

- “E agora, que dizes sobre isso? Elas mudaram?”

- “Não”.

-“Então, me diga quais são as coisas indiferentes; e também as conseqüências que podemos inferir delas”.

¹⁵ EPICTETO, *Diatribes*, I, 12, 8.

- “Aquilo que não depende de minha pessoa. Isso é nada para mim” ...¹⁶

O “Outro (*allos*) que lá do alto olha” é também Pai dos homens, “Zeus é o pai dos deuses e dos homens”¹⁷ e como tal ele cuida do Mundo e do homem provendo todas as suas necessidades. Para Epicteto, é Ele que aproposita as coisas umas as outras cuja afinidade se revela nas mínimas coisas, e que não poderia ser obra do acaso. Assim estão os olhos para a luz, como o doce da maçã para a boca e a língua, assim o ar para ser inspirado e as mãos para apanhar o fruto e comer.

Nada há de supérfluo no Mundo e tudo está disposto conforme a utilidade; assim é que para ele o homem é o “ser de predileção dos deuses”, porque é o único capaz de entender a Ordem do *Kosmos* em conformidade com a Razão que a Governa. Os animais existem para servi-lo, e a prova é que já aparecem prontos, ao contrário do homem que necessita fazer-se, mas, como não dispõem da condição de fazer uso das impressões, estão definitivamente subordinados ao homem.

... Foi a nós que ele reservou esse benefício supremo, que nos permite comandar o resto do universo e de compreender, ele e suas obras. Essa razão com sua organização maravilhosa é seguramente o mais magnífico dom de Deus e a prova mais contundente de sua providência. Mas ele nada fez que fosse inútil para o homem: os frutos da terra, os órgãos dos sentidos, que digo? O leite e a lã de uma ovelha são suficientes para revelar para Epicteto a solicitude divina...¹⁸

¹⁶ EPICTETO, *Diatribes*, I, 30, 1-4.

¹⁷ *Ibid.*, I, 19, 12. Essa referência a Zeus como “pai” já consta na prece de Cleanto: “A todos os homens libertas do erro, E a ignorância que os faz sofrer, Tu, Ó Pai, dissipas de todas as almas”. Giovanni REALE, *História da Filosofia Antiga*, vol. III, p. 312.

¹⁸ Théodore COLARDEAU, *Études sur Épictète*, p.234-235.

3. A Piedade verdadeira consiste em não acusar os deuses

Para se estar aberto à percepção da Solitude Divina não basta tão-somente os olhos, é preciso o coração. Epicteto nos convida constantemente a fazer o exercício de percepção pura e simples, “a começar pelas pequenas coisas”, da grandiosidade de Deus. O conhecimento filosófico, para ele, começa com esse reconhecimento do Cuidado Divino; é preciso aprender a ver para reconhecer que a Graça permeia tudo, e a partir desse reconhecimento perfazer o caminho de integração na Divindade.

... Na ocasião dos eventos diversos que se produzem no mundo, é fácil bendizer a providência, se possuímos estas duas qualidades: a faculdade de compreender aquilo que acontece a cada um e o sentimento de gratidão (*eukháriston*). Sem o que, ou não se aprenderá a utilidade dos acontecimentos, ou não se provará a seu respeito nenhum sentimento de gratidão (*eukharistései*), nem mesmo se vistos...¹⁹

O reconhecimento da Bondade Divina lhe era tão cara que constituiu o tema central em torno do qual ele perfez a própria vida. Seguramente, o ofício do filósofo estóico Epicteto foi o de viver e ensinar a viver a Graça. O olhar atento dessa alma acrisolada na escravidão descobre o Sagrado por detrás das coisas mais insignificantes, lá onde o vulgo não se comove e parece estar totalmente cego, é onde Epicteto se apresenta mais apaixonado, lá onde o homem comum se mostra totalmente desinteressado, o coração entusiasmado do velho manco venera e canta a Divindade.

E não importa seja o raio de luz por entre as folhas das árvores suspensas na floresta, ou um simples rumorejar da corrente de águas da fonte, para ele são outros tantos sinais, sintomas do zelo cuidadoso do artesão:

¹⁹ EPICTETO, *Diatribes*, I, 4, 1.

...Seguramente, pela própria estrutura das realizações, temos o hábito de provar que elas são incontestavelmente obra de um artesão, e que não são o fruto do acaso. Cada uma dessas obras manifesta, portanto, o seu artesão. E os objetos sensíveis, a visão e a luz não o manifestam? O macho e a fêmea, o desejo que os impulsiona a se unirem um ao outro e a faculdade de usar órgãos adaptados não manifestam o artesão? Isso é claro. Assim é a estrutura do pensamento – nós não imprimimos simplesmente em nós a marca dos objetos que interpelam os nossos sentidos; nós tiramos daí alguma coisa, extraímos, acrescentamos, combinamos, e, por Zeus, modificamos o que assim nos é dado – e isto não será suficiente para mover e fazer mudar de posição aqueles que negligenciam o artesão?...²⁰

Imagina que um homem houvesse vivido desde a mais remota infância num lugar onde nunca nada lhe faltara. Suas roupas, comida e abrigo, e até mesmo certas frivolidades do dia-a-dia lhe foram dispensadas, sem que ele soubesse, por um doador generoso, mas invisível aos seus olhos. Imagina também que o homem, devido a sua miopia, além de não se dar conta dos benefícios recebidos ainda maldissesse toda sua vida se sentindo profundamente infeliz.

A parábola contempla figuradamente a maneira como Epicteto vê a origem e a cura dos males humanos. Ele tinha uma fé inquebrantável na revelação da Divindade como benfeitora da vida. Ora, sem reconhecimento não há espírito de gratidão, é a miopia da alma que impede que o homem veja que está cercado por toda parte pela Graça Divina.

Conhecendo a fundo a natureza humana, sabia que a língua fala do que está cheio o coração, por isso ele exercia a sua “*protreptika*” rendendo culto a Divindade, a fim de que por meio dessa atitude de veneração a língua do homem passasse a abençoar a vida em vez de maldizê-la, é como se ele estivesse a dizer: o importante é mudar o sentimento e a aceção que fazemos da

²⁰ EPITECTO, *Diatribes*, I, 6, 7-11.

Divindade: “Transformar a representação que se faz da divindade, é já, aos olhos de Sêneca e Epicteto, um ato de culto, é uma modificação da disposição interior que tem um valor existencial e prático”²¹.

O trigésimo primeiro capítulo do *Enkheirídon* ensina: Primeiro, conceber a Divindade com retidão: fazendo uma idéia justa a seu respeito (reto julgamento) isto é, formando no espírito ou no coração a convicção da sua existência. Em segundo, persuadir-nos de que os deuses governam o *kosmos* com Justiça e Bondade. “No que diz respeito à piedade aos deuses, sabe que o essencial consiste no seguinte: ter concepções retas a seu propósito, a saber, que existem, que juntos governam o conjunto das coisas de maneira bela e justa (...)”²²

Uma vez na posse do conhecimento é como se a alma do homem crescesse tal qual a planta exposta à luz solar. A partir desse momento já não lhe será mais possível imputar aos deuses aquilo que lhe parece sejam males acusando-os de negligência, de malevolência. “E tu, pessoalmente, te preparas para lhes ceder perante qualquer acontecimento e te conformares com eles de boa vontade, no pensamento que ocorrem devido a uma inteligência maior. Deste modo, nunca dirigirás censuras aos deuses e não os acusarás de não se ocuparem de ti”.²³

Segundo Pierre Hadot, essa tese apresentada no *Enkheirídon* “a propósito dessas censuras feitas aos deuses” compõe o seu “tema fundamental”:

... Se a verdadeira piedade consiste em “não acusar os deuses”, isso não pode se realizar a não ser que se considerem as coisas que não dependem de nós (*oúk eph’ hemín*) como indiferentes. Se as consideramos como boas ou más, consideraremos então os deuses que lhes são responsáveis como responsáveis de algum mal. Os homens criticam os deuses, porque fazem julgamentos errados,

²¹ Ilsetraut et Pierre HADOT, *Apprendre à philosopher dans l’antiquité*, p.171.

²² EPICTETO, *Manual*, XXXI, 1.

²³ EPICTETO, *Manual*, XXXI, 1.

porque eles crêem que certas coisas, em si, indiferentes, sejam males...²⁴

O “tema fundamental” presente tanto no *Enkheirídon* como nas *Diatribes*, manifestam, a contraluz, uma diagnose e uma terapêutica dos males humanos essenciais de onde Epicteto tira o sentido último de sua missão. E porque “os homens criticam os deuses, porque fazem julgamentos errados”, eles permanecem cegos e insensíveis a Graça que lhes enche a vida de dádivas.

Contra o modo de agir habitual do homem comum, Epicteto se oporá visceralmente, consagrando toda a sua vida ao ministério de despertá-lo do sono da impiedade incutindo nele a idéia da Providência Divina. “Se fôssemos inteligentes, teríamos outra coisa a fazer, em público e no privado, senão cantar para a divindade, celebrá-la e enumerar suas graças?”²⁵, quem o escutasse, “toda a vida seria ocupada a cantar um cântico perpétuo de ação de graças à Providência”²⁶ :

É cego quem ignora que Deus socorre a criatura pela própria criatura, contudo, para aqueles que não ignoram as mercês recebidas, cabe, seja “revolvendo a terra, laborando, ou comendo, cantar esse hino a Deus”²⁷:

... “Deus é grande porque forneceu estes instrumentos que nos permitem trabalhar a terra; Deus é grande porque ele nos deu mãos, uma garganta e um ventre, porque nos permite crescer sem que percebamos, nos concede respirar durante nosso sono.” Eis aí o hino que deveríamos cantar em toda ocasião, como o maior e mais divino hino que canta a faculdade que Deus nos deu de ter consciência dessas coisas e, portanto, de ser capazes de usá-las com método...²⁸.

²⁴ Ilsetraut et Pierre HADOT, *Apprendre à philosopher dans l' antiquité*, p.173.

²⁵ EPICTETO, *Diatribes*, I, 16, 15-16.

²⁶ Théodore COLARDEAU, *Études sur épictète*, p.237.

²⁷ EPICTETO, *Diatribes*, I, 16, 16-18.

²⁸ EPICTETO, *Diatribes*, I, 16, 15-18.

Impossível não lembrar do *philóponos* Cleanto, o fiel discípulo de Zenão, e segundo escolarca do Pórtico. Apelidado de “asno” por seus condiscípulos utilizava em resposta o seguinte argumento: “ Sim, eu sou o asno de Zenão, por que sou o único em condições de suportar a sua doutrina”²⁹. Cleanto era homem simples acostumado às dificuldades da vida. Paciente, suportava com determinação férrea o duro e o penoso; sua alma profundamente piedosa deixou-nos uma profissão de fé na Graça Divina que é o seu “Hino a Zeus” que nos permite traçar-lhe o perfil e aproximá-lo, apesar dos muitos anos de distância, do escravo alforriado Epicteto:

...Homem temperado nas rudezas da vida era um ser profundamente religioso, um contemplativo, um poeta. Nas longas horas de trabalho solitário, quando ele nem consigo mesmo falava, para corrigir com firmeza seu espírito lento e desajeitado, meditava: sobre o destino dos mortais, sobre que é vão se revoltar contra a ordem do mundo, sobre a paz que proporciona mesmo ao trabalhador mais humilde o consentimento a esta ordem. O que os outros não professavam senão, de boca, ele vivia...³⁰

A profunda reverência pelo Sagrado Epicteto herdou de Cleanto e em nome dela e por ela viu-se na obrigação incontornável de cantá-la aos homens: “Ora! Dado que, na maioria, sois cegos, não seria preciso alguém para ocupar este lugar e, em nome de todos, entoar o hino que se dirige a Deus?”³¹. Como Cleanto, Epicteto sente sua alma pender para a Divindade e vive esse sentimento como uma pulsão irrefreável:

... O que posso, com efeito, fazer, eu, velho manco, senão cantar a Deus? Se fosse um rouxinol, eu faria a obra do rouxinol; se eu fosse um cisne, faria o que é próprio de um cisne. Mas, na realidade, eu sou dotado de logos (*logikós*) e devo cantar para Deus. Nisso

²⁹ D.L.,VII, 169.

³⁰ R.P. FESTUGIÈRE, *La révélation d' hermes trismégiste*, II, p.311.

³¹ EPICTETO, *Diatribes*, I, 6, 19-20.

consiste minha obra, eu a realizo e não abandonarei este posto, já que este me foi dado, e vos convido a cantar o mesmo canto...³².

O modo apaixonado de se reportar a Divindade, esse sentimento crescente do Sagrado que vai aos poucos se elevando, se elevando, até converter a Filosofia, num tipo de poesia, de elogio a Deidade, e que faz de Epicteto uma espécie de Cleanto ressurreto, realça ainda mais quando o comparamos a Sêneca, por exemplo, que nesse particular parece ter se atido a metafísica clássica estoica que tende a ver a Razão organizadora do *Kosmos* como causa primeira de todas as coisas a partir da qual se desdobra o fio necessário de todos os eventos, “o destino é um encadeamento de causas daquilo que existe, ou a razão que dirige e governa o cosmos”.³³

A visão que Sêneca tem da Deidade vem de uma noção mais técnica, ele parece não compartilhar da crença de Epicteto³⁴ de que as coisas estão aí para o uso do homem. Não! O homem está no Mundo como as ondas no mar; participa dele como tudo que está nele participa, portanto não é melhor do que os outros e, possui aos olhos da totalidade o mesmo valor do que eles.

... E sinto-me muito devedor dos benefícios do sol e da lua, embora estes astros não nasçam para meu benefício exclusivo; sinto-me particularmente obrigado em relação ao ciclo do tempo e à divindade que o governa, embora não fosse para meu exclusivo proveito que as estações foram discriminadas...³⁵

4. Todas as coisas têm duas asas³⁶

Manifestando uma alma mais imbuída de amor pelo espírito divino, Epicteto, consegue enxergar, mesmo que seja num

³² EPICTETO, *Diatribes*, I, 6, 20-21.

³³ D.L., VII, 149.

³⁴ EPICTETO, *Diatribes*, II, 8, 7.

³⁵ Lúcio Aneu SÉNECA, *Cartas a Lucílio*, LXXIII, 6.

³⁶ EPICTETO, *Manual*, XLIII.

animalzinho o mais simples, a cifra da Bondade Divina. “Isso se compreende, porque eles nasceram para servir os outros, eles não são neles mesmos um fim. O asno, por exemplo, nasceu com um fim em si? Não, mas para que nós tivéssemos necessidade de um dorso que pudesse suportar nossos fardos”³⁷.

Contudo, sua determinação não para aí. Se por um lado, em face dos benefícios recebidos, ele ressaltará o valor das coisas que o homem possui, como por exemplo, o fato de ter olhos ou de existir a luz para que haja a visão, inclusive, interpretando todas essas poses como cifras do cuidado divino, por outro lado, diante dos achaques da vida, ele se mostrará mais empenhado ainda em desdobrar os argumentos em favor da Razão organizadora do Mundo, “Seja o que for que aconteça, ele encontrará razões para agradecer”.³⁸

Epicteto aprendeu a urdir a lã³⁹ que o momento oferece utilizando para isso a estratégia das “duas asas”, espécie de “faca de dois gumes” que torna possível arrostar qualquer dificuldade e ao mesmo tempo resguardar qualquer um de cometer um ato de impiedade.

... Todas as coisas têm duas asas, uma pela qual podemos levá-la, outra pela qual não podemos. Se o teu irmão cometer uma injustiça, não lhe pegues por esse lado, o da injustiça (pois é a asa pela qual não podemos levá-lo a lado algum), mas sim por estoutro, a saber, que é teu irmão, que foram criados juntos, e assim pegarás nele por onde é possível levá-lo...⁴⁰.

O *Enkheirídon* está repleto de conselhos de mudança da atitude mental que se efetivamente operada, ocasiona significativa transformação no modo da criatura estimar a vida e o Ser, e que

³⁷ EPICTETO, *Diatribes*, II, 8, 7.

³⁸ Théodore COLARDEAU, *Étude sur Épictète*, p.239.

³⁹ EPICTETO, *Diatribes*, II, 5, 22.

⁴⁰ IDEM, *Manual*, XLIII. Transcrevo aqui a nota muito oportuna da tradução do “Manual” feita por Jean-Baptiste GOURINAT a propósito do capítulo XLIII, “ todo o texto joga com o sentido literal de *phoreton*, “ portátil” e seu sentido metafórico, “ suportável”.

em última instância, representa uma reviravolta em seu modo habitual de reagir diante das circunstâncias.

O dogma “Todas as coisas têm duas asas” é um desses “conselhos de mudança” capaz de transformar o âmago da pessoa, liberando na criatura aquele conjunto de forças que a habilita a varar as situações, sejam elas quais sejam, facilitando o caminho suave da vida (*euroia*). Por meio desse dogma, Epicteto opera com duas lógicas diferentes. Dependendo da circunstância ele inverte a ordem das razões sempre que necessário, salvaguardando em todas as ocasiões a idéia de que “os deuses governam com Justiça todo o Universo”⁴¹.

Ora, se ao homem comum é difícil ocorrer que veja os dons naturais da vida, muito mais difícil ainda é pedir-lhe agradecer pelos prejuízos que sofre. Todavia, é exatamente isso que Epicteto nos invita a fazer para exercitarmos a Serenidade (*euroia*) e não sucumbirmos à tentação de acusar os deuses por nossos dissabores. Por toda parte e sempre “é a piedade que deve ditar a atitude a tomar”.⁴²

O homem tem de agradecer pelo gozo atual dos bens que identifica presentemente em sua vida, e se perdê-los, agradecer pelo tempo que deles pôde usufruir, “porque teu amigo morreu, tu achas que não tens sorte, não é uma sorte ele ter existido?”⁴³ :

...Que sentido você dá a ‘se associar a’? - Este sentido: o que Deus quer, também se quer, o que ele não quer, também não se quer. – Como então isso pode acontecer? – Como, com efeito, senão examinando a vontade e o governo de Deus? O que ele me deu que pertença a mim e só depende de mim, e o que reservou para ele mesmo? O que ele me deu é o que procede da faculdade de escolher; isso ele fez depender de mim sem obstáculos nem entraves. Este corpo de lama, como podia ele fazê-lo livre de entraves? Ele o submeteu, portanto, à revolução do universo, assim como aos meus bens, meus móveis, minha casa, meus filhos, minha esposa. Por que querer o que não é querido, procurar a todo custo possuir o que não

⁴¹ R.p. FESTUGIÈRE, *La révélation d’ hermès trismégiste*, p.313.

⁴² Théodore COLARDEAU, *Études sur Épictète*, p.240.

⁴³ TÉLÈS ET MUSONIUS, *Prédications*, TÉLÈS, VII.

foi dado? Mas como querer possuir? Como é dado e na medida em que é possível. Mas aquele que havia dado toma de volta. Por que então resistir? Eu não digo que teria a estupidez de fazer violência a um mais forte do que eu, mas antes que eu cometeria uma injustiça. De onde vinham estas coisas quando eu cheguei? Elas me foram dadas por meu pai. Quem as deu a ele? Quem fez o sol, quem fez os frutos, as estações, o entrelaçamento e a comunidade que liga os homens entre eles? Dize-me, quem? Recebeste tudo de um outro (allos), inclusive tua própria pessoa, e te exaltas cumulando de reprovações aquele que lhe deu tudo se ele lhe retira alguma coisa? Quem és e por que vieste à terra? Não foi ele quem te fez vir? Não foi Ele quem fez luzir para ti a luz? ⁴⁴.

Porque sua Filosofia se baseia em grande parte em Gratidão (*eukharis*), para não dizer que se baseia totalmente; o problema da perda, seja de bens materiais, ou de pessoas queridas, é recorrente em sua obra. Marco Aurélio, nas *Meditações*, também trabalha bastante o tema. Além disso, a questão da perda (principalmente a dos entes queridos) é das que mais doem no ser humano, inclusive, agindo como uma espécie de testemunha contra a Providência Divina, criando um intrincado problema de Teodicéia.

Epicteto receitará vários remédios para a cura do sentimento de perda, um deles nós já vimos: é a mudança de ponto de vista e o retorno aos bens passados. Outro, não menos eficaz, é observarmos como reagimos em face das perdas dos outros, geralmente dizemos: “Isso está na ordem das coisas humanas”, ⁴⁵ então, devemos sustentar a mesma atitude diante das nossas perdas.

5. Onde está o interesse está a piedade⁴⁶

Epicteto providenciará inúmeros recursos de enfrentamento da tristeza da perda, mas fidelíssimo ao Naturalismo estóico,

⁴⁴ EPICTETO, *Diatribes*, IV,1,99-104.

⁴⁵ EPICTETO, *Manual*, XXVI.

⁴⁶ EPICTETO, *Manual*, XXXI.

jamais transigirá com a idéia de oferecer conforto com a perspectiva de uma vida além-túmulo. Simplesmente está noção não existe em sua Filosofia, Epicteto preocupa-se com a vida “aqui e agora” e com os meios de fortalecer o homem para que ele transcenda as dificuldades e vença os impedimentos. Uma de suas sugestões mais freqüentes, e de cunho geral, e que sintetiza, uma espécie de profilaxia das doenças da alma, é a observância atenta da “lei Divina” (*hó théios nómos*):

... Não alimentar pretensões por aquilo que não é do âmbito de nossa pertença, usar aquilo que ele nos dá sem lamentar pelo que não recebemos, devolver espontaneamente e sem hesitar aquilo que ele retira de nós, agradecendo pelo tempo que ele nos permitiu usá-los...⁴⁷

Basta, como diz Colardeau, “Desviar os olhares do presente, e, reportá-los ao passado, e as recriminações se transmutarão em agradecimentos”, e que, “ Ninguém antes de Epicteto, disse de forma tão clara que o homem deve bendizer Deus quando Deus lhe retira alguma coisa”⁴⁸.

Ora, uma Doutrina que leva em tão alta conta a noção da Graça Divina terá de desatar muitos outros nós além desse da “dor da perda”, posto que o homem, ao longo de sua vida, nos encontros que tem com o Destino, pode defrontar-se com muitas situações que lhe motivem infelicidade, a pobreza, a infâmia, o exílio, por exemplo; e que são tantos outros motivos para ele negar a Justiça e a Bondade dos deuses.

É de pouco em pouco, é gradativamente que vamos entendendo aquilo que Epicteto nos pede por meio de sua Filosofia, porque no fundo do seu pensar há um pressuposto extraordinário que decifra todos os intrincados enigmas da Teodicéia. O mistério da existência do mal no Mundo ele soluciona unindo o Destino à Providência. Aquilo que o Destino-Providência envia, por meio das

⁴⁷ EPICTETO, *Diatribes*, II, XVI, 28.

⁴⁸ Théodore COLARDEAU, *Étude sur Épictète*, p.243.

circunstâncias que envolvem o homem a todo o instante, não são, em si mesmos, nem bens nem males.

É o homem que os qualifica em função dos valores que tem:

... Não poderás chegar a isso de qualquer outra forma que não tirando das coisas que não são da nossa competência o Bem e o Mal, para colocá-los naquelas que são da nossa competência, só nelas (...) É, portanto, impossível que aquele que considera que o prejudicam goste daquilo que parece prejudicá-lo, tal como é impossível ele gostar do próprio dano. Daí acontece que até um pai se vê injuriado pelo filho quando não lhe dá uma parte desses pretensos bens. E aquilo que levantou Polinices contra Eteócles em inimigos foi o crer que o poder real era um Bem. É também por esta razão que o lavrador dirige censuras aos deuses, e também aqueles que perdem mulher e filhos. *Isto porque onde está o interesse está a Piedade*. De tal forma que aquele que se aplica a regular o seu desejo e a sua aversão como deve ser, deste modo aplica-se à piedade...⁴⁹

Eis a questão de fundo que permeia toda a obra de Epicteto, e que agora podemos ver em toda sua claridade; o dogma aparentemente simplório e banal que alvitra fazemos a separação entre as coisas que dependem de nós das que não dependem, na verdade, abrange :

... Toda uma Ontologia, primeiro, que opõe a esfera do Mundo, que é também aquela da Necessidade e do Destino regido pela Razão Universal (logo, as coisas que não dependem de nós e que são indiferentes) e a esfera da nossa liberdade e da nossa escolha, aquela dos nossos julgamentos, das nossas tendências, dos nossos desejos (logo, as coisas que dependem de nós): é nesse minúsculo cerne de liberdade que se introduzem o bem e o mal, segundo a nossa razão se conforme ou não com a Razão Universal, dizendo sim ou não ao Universo...⁵⁰

⁴⁹ EPICTETO, *Manual*, XXXI. *O grifo é nosso*.

⁵⁰ Ilsetraut et Pierre HADOT, *Apprendre à philosopher dans l'antiquité*, p.101.

Ora, se junto com a constatação de que “onde está nosso interesse está nossa Piedade”, aprendemos a fazer a distinção entre aquilo que nos cabe e aquilo que não, a Ontologia que está na base desta diferença entra em nossa vida na forma de uma fé incondicional na Sabedoria da vida com respeito a tudo o que nos acontece e que não dependeu de nós que acontecesse. Aprendendo a ser indiferente com o que é indiferente permito que o Sagrado seja derramado como o mel sobre o favo da vida.

Se “aquele que se aplica a regular o seu desejo e a sua aversão como deve ser, deste modo aplica-se a piedade”, e isso é o que Epicteto nos ensina, logo no primeiro tema de exercícios e, que constitui a porta de entrada de sua Doutrina, então, no fundo de sua Filosofia há uma compreensão da vida como um Dom de Deus, e a vida aceita assim se torna um acolhimento sereno do numinoso. E se o santo é aquele que observa as leis divinas e vive em conformidade com o querer Divino, resguardando em tudo a piedade, então, nesse sentido, a Filosofia de Epicteto visa à santidade.

6. A integração do negativo da vida

Para Epicteto, o Destino-Providência não quer e não traz males para ninguém. E é exatamente por isso que ele pode permanecer firme na idéia de que o Sagrado permeia todas as coisas com Justiça e Sabedoria, e se a vida é um presente, uma oportunidade de “participar da festa Mundo”, o homem deve começar por aceitá-la plenamente e inclusive com alegria.

A Ontologia vivida no quefazer de separar o que é nosso do que não é, põe o homem em condições de integrar todos os negativos da vida, e superar todas aquelas situações que lhe sugerem sofrimento.

Para Epicteto, a integração do negativo constitui o caminho essencial, em qualquer tempo e lugar para que a embarcação da existência faça travessia segura no mar tempestuoso da vida. É como se ele nos incitasse a todo o instante a seguir perguntado: Qual o negativo aqui que tem de ser integrado, que tem de ser

assumido para que eu possa ultrapassá-lo, para que eu possa ir em frente? Para que eu possa continuar seguindo o seguimento do caminho? Porque se não integro, não supero, e aí, não passo e me cristalizoo nos impedimentos.

... Não vivemos num mundo que queremos, mas aquele que se nos impõe. Nem fazemos tudo o que desejamos, mas somente aquilo que nos é deixado e permitido. Somente uma visão idealista da história e do indivíduo concebe a liberdade como pura espontaneidade e criatividade. A liberdade se realiza no interior de um espaço definido e seu alargamento implica sempre um oneroso processo de libertação. Pertence aos signos da maturidade o assumir com serenidade e desprendimento interior aquelas realidades que, objetivamente, não podemos modificar. Mesmo em situações dessa natureza, podemos exercer nossa liberdade, na forma como assumimos e integramos dentro de nossa trajetória pessoal o ditado da história. Para esta diligência necessitamos, como diziam os antigos, o *amor fati*, o amor ao inevitável, abraçado sem amargura, mas também sem subserviência...⁵¹

O seguimento do caminho da vida exige a integração do negativo. Quando Epicteto apregoa que devemos aceitar incondicionalmente as coisas que não dependem de nós (*ta ouk eph' hemin*), ele está, na verdade, nos invitando a fazer o aprendizado do dizer “sim” ao “não”.

Os indiferentes (*adiáphoros*), do ponto de vista ontal, estão sobre o fundamento da conversão do “não” em “sim”. Nenhum acontecimento que nos aborrece, nenhuma contrariedade que nos acontece, é em si, aborrecível, ou contrariável, a Ontologia estoica esvazia esses acontecimentos dessas qualidades que são vividas pelos homens como experiências do “não”, como vivências negativas; e como estes acontecimentos são assumidos como parte do caminho, restam, tão-somente, a gratidão e a alegria de viver.

“Em outras palavras, a alegria perfeita ou a perfeita liberdade resultam de um amor tão intenso que não apenas suporta, senão que

⁵¹ Leonardo BOFF, *São Francisco de Assis*, p.170.

ama e abraça alegremente o próprio negativo”.⁵² Absorver o negativo integrando-o ao todo da vida é a condição sem a qual se torna impossível encontrar a real alegria de viver e junto dela o sentimento de gratidão (*eukharistía*). Sou feliz porque me sinto afortunado, abençoado pelo Ser que me cuida e me dá a vida.

Para “abraçar alegremente o negativo” da vida, não basta tão-somente executar a cissura do Ser com o bisturi de Epicteto, porque o real contentamento (*euarestéseos*) não medra onde vigoram a aflição vazia ou a inquietação estéril em face da vida. Ora, a *eudaimonía* para ser genuína tem de expressar-se na forma de um comprazimento com a vida, esta deve manifestar-se como alegria de viver.⁵³

Nesse sentido, o desgosto, a tristeza, a amargura e outros sentimentos desse jaez, são sinais de uma vida feita de servilismo e ignorância. Se me queixo dos meus infortúnios, em verdade, estou fazendo censuras à própria Divindade que me destinou a vida que eu tenho agora assim como ela é. Essa é uma característica da Piedade de Epicteto que guarda em suas entranhas significados profundos.

Os caprichos humanos estão assentes sobre a afirmação das vontades e dos desejos pessoais, que, via de regra, conduzem ao sentimento de inconformação com as realidades que nos vem de encontro no Mundo. Ora, a vida em geral, não é a ribalta dos nossos caprichos satisfeitos. Amarguras, desgostos e decepções costumam brotar onde coexistem a busca desenfreada pela satisfação das veleidades e do inconformismo gestado no ventre da insatisfação com a vida.

A cisão do Ser em dois estamentos não é suficiente para integrar o negativo da vida e instaurar a alegria de viver, há mister também apropositar nossas vontades aos eventos do Mundo :

... Tu és difícil de contentar, e se estás só, chamas teu isolamento um deserto, se te encontras com os homens, tu os tratas como

⁵² Leonardo BOFF, *São Francisco de Assis*, p.165.

⁵³ “A medida de uma prática frutífera é sentirmos que a vida é menos um fardo e mais um motivo de contentamento”, Charlotte Joko BECK, *Nada de especial vivendo zen*, p. 32.

intriguistas e bandidos; tu te queixas até mesmo de teus parentes, de teus filhos, de teus irmãos, de teus vizinhos. Deverias antes, se estás só, chamar teu isolamento repouso e liberdade e te comparares aos deuses, se estás em companhia numerosa, não nomeares isso de confusão, tumulto, espetáculo odioso, mas, festa, regojizo popular, e assim tudo aceites com contentamento. Qual é, pois o castigo daqueles que não sabem se resignar? É o de serem eles precisamente o que são...⁵⁴

Epicteto não categoriza o insatisfeito tão-somente de impiedoso, o desgostoso é, além disso, um prisioneiro que faz da própria vida um cárcere:

... “Jogue-o na prisão.” Qual prisão? Esta onde ele se encontra agora, dado que aí está contra vontade, porque onde se está contra vontade, na verdade, se está numa prisão. É assim que Sócrates não se encontra na prisão, porque estava lá de vontade...⁵⁵

O homem comum vive sob a crença de que a sua Felicidade depende do tipo de coisas que lhe acontece. Se lhe acontece alguma coisa agradável, se sente feliz. Se não, ele se sente desafortunado e desgostoso. Ora esse modo de pensar leva consigo o pressuposto de que o homem só conseguiria a plena Felicidade uma vez que pudesse atuar diretamente em seu Destino alterando-o conforme o seu gosto, conforme os seus caprichos. E isso nós já sabemos ser impossível para o Estoicismo.⁵⁶ Se as coisas de fato fossem assim, o homem estaria fadado à desdita, e jamais alcançaria o seu desiderato de viver em paz consigo mesmo.

Epicteto então enunciará um estratagemas radical para fazermos frente a esse estado de coisas a fim de que “deixemos de

⁵⁴ EPICETETO, *Diatribes*, I, 12, 21-22.

⁵⁵ *Ibid.*, I, 12, 23.

⁵⁶ EPICETETO, *Diatribes*, I, 12, 17. “É, pois em nos lembrando dessa ordem que nós devemos buscar lume, não para mudar as condições das coisas (porque isso não nos é permitido e não agrega nenhum valor), mas, as coisas estando diante de nós como elas são e como as fez a natureza, para podermos adaptar nós próprios a vontade dos eventos.”

funcionar como um estorvo em nossa própria vida”⁵⁷, e capaz de fecundá-la com a fluidez dos caminhos livres de obstáculos e de entaves, um estratagema que ensina a arte de suavizar o curso do rio da vida (*europa*).

Para que tal ocorra cumpre seguir com Deus na estrada da vida⁵⁸, querendo com Ele o que Ele quiser e se Ele não quiser alguma coisa, concordar com Ele nesse não-quer, em uma palavra: submeter inteiramente nossa vontade a Vontade Dele⁵⁹:

...“Minha perna terá de ser amputada”. Escravo, é então por uma miserável perna que acusas o universo? Não queres doá-la ao todo? Não a abandonarás? Não a cederás com alegria àquele que lha deu? E tu te irritarás, ficarás descontente com a ordem estabelecida por Zeus, esta ordem que ele definiu e dispôs de acordo com as Moiras que, presentes em teu nascimento, urdiram o teu destino?...⁶⁰

7. A vontade da natureza (noêsai to boulema tês physeos)⁶¹

... Se enxergas deveras onde reside a questão, desinteressa-te da fama e contenta-te com *viveres como quer a natureza* o resto de tua vida, dure o que durar. *Procura entender o que ela quer* e nada mais te aflija...⁶²

⁵⁷ EPICTETO, *Diatribes*, I, 1,28. “Não queres aprender a te contentares com aquilo que te foi dado?” EPICTETO cita MUSÔNIO, *Diatribes*, I, 1, 27.

⁵⁸ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 1, 91 e seguintes.

⁵⁹ *Ibid.*, IV, 99. Oportuno transcrever aqui a nota de SOUILHÉ à tradução dessa passagem: “Para todos os estóicos, a sabedoria consiste em aderir amorosa e espontaneamente à ordem das coisas que são a expressão da razão e do querer divinos”.

⁶⁰ EPICTETO, *Diatribes*, I, 12, 24-26. André-Jean VOELKE liga esse excerto de Epicteto ao capítulo sexto do parágrafo quarenta e dois das Meditações de Marco Aurélio, onde Marco Aurélio se refere àquele que desobedece aos desígnios da Natureza como “um abscesso do mundo”. Segundo ele, aceitar a enfermidade, a doença, contribui para saúde do mundo. Recusar a enfermidade ou a doença contribui para que o mundo adoça. Quem desobedece à ordem divina torna-se assim um produto patológico que ameaça a saúde do mundo. *La philosophie comme thérapie de l'âme*, p. 102-103.

⁶¹ EPICTETO, *Diatribes*, I, 17, 14. Cumpre “seja compreendido o querer da natureza”.

⁶² M.A., VIII, 1. *O grifo é nosso*.

A aceção de que a Natureza possui vontade assume relevância importante no Estoicismo da época Imperial com Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Contudo, essa idéia decorre do Organicismo naturalista em que está assente a Ontologia do Pórtico. “A concepção ontológica que reduz todo o ser ao ser da natureza, e que, portanto, nega a existência de um ser transcendente”⁶³ faz do *Lógos* estóico um principio imanente no *Kosmos* que tem a origem de seu movimento em si mesmo, e que, portanto, não é movido por um agente externo, antes ele próprio se move, sendo ao mesmo tempo o movido e o movente.⁶⁴

Acrescente-se a essa visão a concepção do *kosmos* como um todo orgânico, como um ser vivo e organizado, “a idéia vitalista que assimila a natureza do *kosmos* à de um organismo vivo”⁶⁵, e não estranharemos que os estóicos conotem a Natureza com um cunho proeminentemente volitivo. “É importante lembrar aqui um aspecto bem conhecido da cosmologia estóica: a afirmação que o mundo é um ser vivente (*dzôon ton kosmon*): considera sem cessar o mundo como um vivente único tendo uma substância (*ousía*) única e uma alma única”.⁶⁶

... A natureza é a capacidade movida por si mesma que, de conformidade com os princípios seminais, produz e conserva tudo que germina por si em períodos definidos, fazendo as coisas como elas são e obtendo resultados condizentes com suas fontes...⁶⁷

⁶³ Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, v. V, p. 191.

⁶⁴ “É que os homens se sentem cada vez mais perdidos na imensidade do Império romano. Disso resulta que eles sintam cada vez mais a necessidade de um Deus que não seja estranho as suas preocupações e aos seus sofrimentos: a divindade de Aristóteles, que vive fora do mundo sem mesmo o conhecer, não pode mais satisfazer os espíritos; o imanentismo dos estóicos nasceu dessa necessidade e é sob a influência dessa tendência que ele se desenvolve cada vez mais”. VERBEKE, G, *L' evolution de la doctrine du pneuma*, p.158.

⁶⁵ Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, v. V, p. 181.

⁶⁶ André-Jean VOELKE, *La philosophie comme thérapie de l'âme*, p.97. M.A., V, 8.

⁶⁷ D.L., VII, 148.

O princípio ativo presente no passivo⁶⁸, isto é, o *Lógos* imanente no *Kosmos*, é a alma do mundo. Ora se o mundo está em constante devir é porque essa alma do mundo age causando eventos que manifestam aspectos teleológicos que revelam uma Vontade inteligente, que denotam um querer, no sentido de que as coisas sejam como são e também de como elas devem ser. Por isso que pensar o mundo como um ser vivente, é ao mesmo tempo lhe atribuir vontade, desejo:

... E do mesmo modo que os outros seres têm suas próprias sementes de onde eles saem para se desenvolver, a natureza geratriz do mundo tem seus movimentos voluntários, suas tendências, seus apetites que os gregos chamam de *hormai* e ela age conforme as forças diretrizes que estão nela assim como nós nos deixamos dirigir por nossas almas e nossos sentimentos. Tal sendo a alma do mundo (*mens mundi*) que, por esta razão, podemos chamá-la justamente ciência do útil e providência (*prónoia*)...⁶⁹

O homem de mentalidade estoíca nunca precisou fazer muito esforço para vislumbrar o numinoso por trás das eventualidades do mundo. Na trilha da floresta, quem ordenou que o vento espargisse os odores que perfumam o caminho? O bosque de cedros suspenso no meio da mata parece obedecer à voz inarticulada da Natureza que manda: “desfaçam-se das folhas velhas”, até o silêncio canoro em torno do lago remansoso entrecortado com o canto das aves é para o estoíco sinal da presença e do cuidado da *mens mundi*.

A Natureza Universal quando quer alguma coisa ela acontece. Ela não possui opositores que possam afrontá-la. Ela é soberana e sabe o quer de nós e do Mundo. Em nós, Ela é natureza humana e nos impõe sua Vontade malgrado a nossa. É esse o

⁶⁸ “De acordo com os estoícos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade - a matéria -; o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus” (...). D.L., VII, 134.

⁶⁹ CICERO, *De la nature des dieux*, II, XXII.

ensinamento que Epicteto nos faz compreender mostrando Epicuro contradizendo com a própria vida os fundamentos da Filosofia que ensinava:

... Quem era então que acordava Epicuro de seu sono e o forçava a escrever o que ele escrevia? Quem era, portanto, senão o que há de mais forte dentro do homem, a natureza (*hé physis*), que o constrange a cumprir a vontade dela, apesar das suas resistências e dos seus gemidos? “Então (ela diz), já que admities estas doutrinas anti-sociais, escreve-as, transmita-as aos outros, passa tuas noites fazendo esse trabalho e tu mesmo te tornarás, com efeito, o acusador de tuas próprias teses”...⁷⁰

8. Tudo se cumpre segundo a natureza do universo⁷¹

Epicteto via no “Jardim” de Epicuro uma tentativa de calar a voz da natureza que no homem clama pela vida social⁷² e, ordena que ele viva em comunidade com os outros homens, porque “Da natureza de cada um decorre o seu mister”⁷³, e um dos misteres do homem é viver em sociedade. Para a Filosofia do Pórtico o homem é um ser social, logo ele não encontrará a plena realização de sua essência fora da tessitura da convivência humana.

... Tais são a força e a invencibilidade da natureza humana. Como, com efeito, a vinha poderá amadurecer se desenvolvendo sem seguir sua natureza de vinha, mas seguindo a natureza da oliveira, ou o contrário, a oliveira, não em oliveira, mas em vinha? É impossível, é inconcebível. Bem! O homem também não pode perder totalmente suas tendências humanas, e aqueles que sofrem a castração não podem ser, no entanto amputados dos desejos até mesmo dos males. Assim acontece com Epicuro: Ele amputou tudo

⁷⁰ EPICTETO, *Diatribes*, II, 20, 15-17.

⁷¹ M.A., VI, 9.

⁷² “Dessa vontade da natureza resultam igualmente todos os acidentes que são o lote comum da humanidade, e especialmente a morte”. André-Jean VOELKE, *l'idée de Volonté dans le stoïcisme*, p.107. EPICTETO, *Diatribes*, III, 20, 13; *Manual*, XXVI.

⁷³ M.A., VII, 55.

aquilo que caracteriza o homem, o chefe de família, o cidadão, o amigo, mas os desejos profundos, os desejos verdadeiramente humanos, ele definitivamente não os amputou...⁷⁴

Cumpra não esquecer que para Epicteto “cada um é feito para uma coisa”⁷⁵, e o homem já por ter consciência, já por poder discriminar as representações, eleva-se aos seus olhos a condição de serventuário do *Kosmos* cujo ofício singular é o de contemplador e intérprete de Deus⁷⁶.

“Qual é na verdade a coisa admirável? Ajuizar a intenção, o sentido do desígnio da Natureza” (*noesai to boulema tês physeos*),⁷⁷ e isso certamente só o homem tem o poder fazer. Daí a convicção que leva o estóico a adotar a posição de explicador em face dos eventos do Mundo, haja vista, a necessidade de remetê-los todos, porquanto, particularizados nas diversas circunstâncias em que se manifestam, à uma causa justa e providencial.

O filósofo estóico se entregará a faina de encontrar nas minúcias dos acontecimentos e das coisas uma explicação condizente com “o reto juízo que governa com Justiça todo o Universo”⁷⁸, é assim que vemos Sêneca desdobrar argumentos para dar conta desse ofício: “A natureza dispôs a água ao alcance de todos os seres viventes ensinando assim a vaidade das riquezas”⁷⁹.

⁷⁴ EPICTETO, *Diatribes*, II, 20, 18-20.

⁷⁵ *Ibid.*, I, 6, 18. Jean-joël DUHOT, *Epicteto e a sabedoria estóica*, p.114. Parece-nos mais significativa a tradução dessa frase feita por SOUILHÉ do grego para o francês: “*Dieu constitue chacun d’ eux suivant sa destination*”, livro I, p. 26.

⁷⁶ *Ibid.*, I, 6, 19-20. Nessa Diatribe de beleza extraordinária, *Peri pronoiás*, Epicteto nos apresenta o Mundo como uma obra de arte, e o homem, vivendo nele para contemplá-lo e compreendê-lo. Nela surge a ocasião dele nos indicar o *telos* propriamente humano, o sentido da vida do homem. A posição do homem ante o espetáculo do Mundo. O Mundo é um imenso e grandioso espetáculo, uma festa. O homem, aquele que veio para participar da festa do Mundo.

⁷⁷ EPICTETO, *Diatribes*, I, 17, 13-14.

⁷⁸ R.p. FESTUGIÈRE, *La révélation d’ hermès trismégiste*, p. 313, trad. do Hino a Zeus de Cleanto.

⁷⁹ *Apud.*, SENECA, *Nat.quaest.*, IV B, 13, 4.

Contudo o exemplo mais bonito desse ministério assumido pelo filósofo estóico diante do “espetáculo do Mundo” ⁸⁰, Sêneca nos dá nas *Cartas*, quando se lembra de seu amigo e condiscípulo Clarano, homem pequeno e de compleição frágil que se erigiu aos seus olhos um exemplo de virtude como se esse fosse o intento da Natureza: revelar o forte por meio do frágil, o grande através do débil e pequeno:

... Depois de tantos anos sem o ver reencontrei o meu amigo antigo condiscípulo Clarano. Não esperas, julgo, que acrescente: “Está um velho” O fato é que o homem conserva o espírito vivo e alerta, em contraste com a sua debilidade física. A natureza mostrou-se injusta ao colocar um tal ânimo em corpo tão débil; a menos que a sua intenção fosse precisamente mostrar-nos como a presença de um ânimo vigoroso e feliz se acomoda bem em qualquer corpo. Clarano triunfou de todas as suas deficiências e, começando por não dar importância a si próprio, acabou por ser capaz de não dar importância a coisa alguma... ⁸¹.

É preciso entender bem o caráter desse “desvalor” de Clarano: justamente porque o condiscípulo de Sêneca aprendeu o real valor das coisas é que ele pôde destituir de importância as circunstâncias limitantes que envolviam a sua vida, varando assim as dificuldades em que outros se cristalizam por não serem capazes de perceber onde reside o verdadeiro bem. Clarano, sob o cálamo de Sêneca, ressuma em todo o seu esplendor o *boulema* da natureza:

... A virtude, de fato, passa bem sem ornamentos, antes tem em si mesma a beleza, além de dar formosura ao corpo em que reside. O certo é que comecei a ver com outros olhos o meu amigo Clarano: até me pareceu belo, e tão escoreito de corpo como de alma. De uma choupana pode sair um grande homem, num pobre corpo disforme e franzino pode morar uma alma grande e bela. Creio mesmo que a natureza se compraz em produzir homens assim

⁸⁰ EPICTETO, *Diatribes*, I, 6.

⁸¹ Lúcio Aneu SENECA, *Cartas a Lucílio*, LXVI, 1-2.

como prova de que a virtude pode nascer em qualquer lugar. E se pudesse criar almas puras desprovidas de corpo, decerto o faria; agora faz muito mais do que isso: cria homens fisicamente deficientes mas nem por isso menos capazes de vencer todos os obstáculos. Creio bem que Clarano nasceu como exemplo, para que todos pudéssemos ver que a alma não sofre da deformidade do corpo, antes é este que se adorna com a beleza da alma! ...⁸²

9. Cada um é feito para uma coisa⁸³

Via de regra o hermeneuta estóico trabalha com dois tipos de interpretação: “a finalista, que justifica os eventos dando a compreender o seu caráter providencial”, e a que apresenta “a causalidade eficiente como justificativa da necessidade dos acontecimentos”. Seja como for, o homem segue sendo o interprete da Vontade da natureza, condição essa, que pressupõe o entendimento como a força propulsora capaz de tornar-nos “naturalmente capazes de suportar tudo que depende da nossa opinião (*te hypólepsis*) tornar suportável e tolerável”⁸⁴, e também de discernir o que Ela quer de nós para que possamos em tudo, segui-la.

... Ao lado da interpretação finalista, que justifica os eventos compreendendo seu caráter providencial, há também uma interpretação pela causalidade eficiente, que os explica lhes compreendendo a necessidade. Estando dada a identidade da Providência e do Destino; o segundo modo de interpretação pode

⁸² Lúcio Aneu SENECA, *Cartas a Lucílio*, LXVI, 3-4.

⁸³ EPICETETO, *Diatribes*, *passim*.

⁸⁴ M.A., X, 3. “Compreender o porque das coisas, com efeito, pode bastar para interpretá-las e, assim, destituí-las daquilo que elas poderiam ter de chocantes e insuportáveis. Sabe-se que o espetáculo da repartição injusta dos bens e males entre bons e maus levou a especulação filosófica, desde seu debute, ao problema da justiça divina e da teodicéia. Epicteto resolve esse problema por um simples recurso a causalidade; é natural que cada um obtenha aquilo que perseguiu e que recebe “o preço daquilo que vende”: o filósofo, a sabedoria, e o maldoso, a prosperidade. Victor GOLDSCHMIDT, *Le système stoïcien et l'idée de temps*, p.89. EPICETETO, *Diatribes*, III, 17, III, 9, 3-4; IV, 7, 36-39.

preencher a função do primeiro: o acontecimento é justificado unicamente pelo fato de que aconteceu necessariamente...⁸⁵.

Mas afinal de contas, o que é que a Natureza quer do homem? Qual o seu desígnio específico com relação ao “domínio humano” de si mesma? Quais são os seus planos para a antroposfera do *Kosmos*?

Seguramente, segundo os estóicos, Ela quer o “bem” do homem, assim como Ela quer o “bem” de todas as coisas que estão aí nela e Dela fazem parte. Mas cumpre notar que o “bem” do homem é *sui generis*. Repitamos aqui a feliz frase de Marco Aurélio: “Da constituição de cada um decorre o seu mister”.

Por isso que o ministério próprio e específico do homem, uma vez que o *lógos* nele se presta a isso, é fazer um bom uso das representações - os animais não têm esta capacidade -, este trabalho único e peculiar do ser humano emana do dom do *lógos* que é participação na Divindade e, em virtude disto, permite ao homem perscrutar e compreender os planos divinos a seu respeito. Estes revelam que ele foi feito para “celebrar a festa agradecido por participar do espetáculo do mundo”⁸⁶:

...E então! Essas coisas interessam apenas a nós? Muito se aplica somente a nós, ou seja, aquelas cuja necessidade se aplica ao ser dotado de razão (*lógos*), mas encontrarás também muitas que são comuns com os seres sem razão. Estes seres podem igualmente compreender o que acontece? De forma alguma. *O uso é uma coisa, a compreensão é outra*. Deus tinha necessidade desses seres que usam suas representações, mas também de nós que temos consciência desse uso. Razão pela qual aos animais é suficiente comer, beber, repousar, reproduzir-se e fazer todas as outras coisas que realizam cada um deles, enquanto para nós, a quem ele também deu consciência, isso não basta; mas, se não agimos de maneira conveniente, ordenada e conforme à natureza de cada um e àquilo para o que fomos feitos, não chegaremos realizar. Os seres que são

⁸⁵ André-Jean VOELKE, *L' idée de volonté dans le stoïcisme*, p. 98.

⁸⁶ EPICTETO, *Diatribes*, *passim*.

feitos diferentemente agem e se realizam também diferentemente. Assim, para aquele que é feito para o simples uso, o uso é suficiente, qualquer que ele seja; mas aquele que acrescenta a consciência ao uso, se a isso não acrescenta nada, não chegará jamais a se realizar. O que acontece então com os animais? Cada um é feito para uma coisa: um para ser comida, outro para servir na agricultura, um para fazer queijo, outro para um uso similar. Para isso, que necessidade há de ter consciência de suas representações e de poder discriminá-las? *Deus introduziu o homem para contemplá-lo, a ele e as suas obras, não apenas para contemplá-los, mas também para interpretá-los, razão* pela qual é vergonhoso para os homens começar e terminar no mesmo ponto onde começam e terminam. Se começamos no mesmo ponto, é preciso, em contrapartida, chegar até onde a natureza chega para nós. Ela chega à contemplação, à consciência e à vida em harmonia com a natureza. Buscai, portanto, não morrer sem ter antes contemplado isso...⁸⁷

Talvez agora consigamos entender um pouco melhor o que significam as palavras de Epicteto: “Não deseja que o que acontece aconteça como queres, mas queiras que o que acontece aconteça como acontece, e serás feliz”. Quando o homem trilha o caminho do autoconhecimento (*gnôthi sauton*), se desvela para ele um outro mundo. Um mundo perfeito. Se o insensato só vê caos e imperfeição ao redor de si é porque ainda não descobriu que há um Deus e que em tudo Ele exerce sua Providência.

... Qual é então o castigo daqueles que não sabem se resignar?
- O de serem precisamente o que são...⁸⁸

⁸⁷ EPICTETO, *Diatribes*, VI, 1,12-22. *O grifo é nosso*.

⁸⁸ EPICTETO, *Diatribes*, I, 12, 22.

Considerações finais

... O homem de perfeita virtude submete o seu espírito a quem governa o universo, como os bons cidadãos às leis do Estado. E quem aprende deve apegar-se às lições com essa disposição: “Como poderei seguir em tudo os deuses, como viver contente sob o governo divino, como me tornar livre (*eleútheros*)?” Porque livre é aquele a quem tudo acontece de pleno acordo com a sua opção moral fundamental (*katà proairesin*) e a qual ninguém pode servir de obstáculo. – Mas como? A liberdade (*he eleuthería*) é, por acaso, falta de razão (*apónoiá*)? Nunca. Liberdade e loucura não coincidem. Mas eu quero que me aconteça tudo o que me aparece, o que quer que seja. – Mas, estás louco, deliras! Não sabes que é coisa bela a liberdade, uma coisa preciosa? E querer que me aconteça ao acaso o que ao acaso me acontece corre o risco não só de não ser coisa bela, mas até mesmo a mais reprovável de todas. *Como nos regulamos quando se trata de escrever? Escrevo ao meu bel-prazer o nome de Díon? Não: aprendo a querer escrevê-lo como se deve.* E quanto à música? Do mesmo modo. E, em geral, quando se trata de arte ou de ciência? Do mesmo modo. Caso contrário não valeria a pena aprender qualquer coisa, *se cada um devesse regular-se segundo o seu próprio capricho.* E aqui, quando se trata da questão maior e mais importante, a liberdade, ser-me-ia permitido querer ao acaso? De modo algum, mas o ensinamento consiste, justamente, em *aprender a querer cada coisa como ela é.* E como é? *Como a ordenou o Ordenador...*¹

“Aprender a querer cada coisa como ela é”, eis o conselho mais insistente de Epicteto, o seu *leitmotiv*, sua preocupação dominante. O tema é tão importante que também aparece noutros estóicos, como nesta linda versão de Sêneca da prece de Cleanto nas *Cartas*:

¹ EPICTETO, *Diatribes*, I, 12, 7-16. Giovanni REALE, *História da filosofia antiga*, v. IV, p.103.

... Guia-me, ó pai que reges o excelso céu, para onde te aprouver: não hesitarei em obedecer-te; aqui estou, sempre pronto! Se resistir terei de seguir-te gemendo, suportando de má vontade o que podia ter feito de bom grado. O destino guia a quem o segue, arrasta quem lhe resiste! ...²

As *Meditações* do imperador Marco Aurélio, o exercício espiritual escrito nascido da leitura das *Diatribes* de Epicteto recolhidas por Júnio Rústico, apresentam o tema orquestrado com múltiplas variações:

... Imagina que todo aquele que se aflige ou se rebela contra seja o que for é semelhante ao leitão, imolado, a escoicinhar, a cuinchar. Semelhante também quem, deitado na cama, só e em silêncio, lamenta nossos percalços. Adverte que só ao vivente racional foi dado acompanhar os acontecimentos de bom grado, quando todos os mais os têm de acompanhar simplesmente...³

... Ao bom resta a prerrogativa de amar e de bem acolher os eventos urdidos na trama do destino (...) querendo tudo o que acontece (...) saudando do fundo da alma todos os acontecimentos que constituem o seu quinhão (...) à natureza que tudo dá e toma, diz o homem instruído e modesto: “Dá o que queres e toma o que queres”. Diz isso não de atrevido, mas apenas por ser obediente e ter bons sentimentos para com ela...⁴

Não é por acaso que os estóicos fazem coro com Epicteto nesta questão. Todos eles sabiam que a felicidade não pactua com a inconformidade. Além disso, este é um dogma antigo da escola. “Viver conforme a natureza”⁵. Contudo, se todos os estóicos compartilham do mesmo ponto de vista “teórico” sobre o assunto, ninguém viveu tão intensamente a verdade que este dogma

² Lúcio ANEU SENECA, *Cartas a Lucílio*, LXI, 3.

³ M.A., X, 28.

⁴ M.A., III, 16; XII, 3; III, 4; X, 13.

⁵ D.L., VII, 88.

encerra. Não podemos olvidar que Epicteto nada escreveu e, que quando fala, fala com o coração naquilo que fala.

... Eu olho o que Deus quer como preferível ao que eu quero. Eu me liguei nele como um servidor a seu aio. Minha tendência, meu desejo, em uma palavra, eu compartilho com ele⁶...

Epicteto em suas conversações faz um único apelo: “aceitar a vida”. Por que? Ora, se a divindade não está situada fora do mundo, então ela está na vida. É por meio desta que Deus se faz presente e cuida de cada um. A luz da verdade é tão intensa em Epicteto que lhe alumia a existência e o verbo. Por isso, sua palavra é cheia de gratidão. No transfundo de todas elas aparece o amor incondicional pelo ser da vida; uma espécie de deslumbramento nascido do simples prazer de existir.

O aprendizado, para Epicteto, está em dar a vida o que ela exige seja dado:

... Eu penso que se pesais tudo isso com o valor do *espetáculo*, tendes a força para suportá-lo. Ora, vós não recebestes faculdades para suportar tudo o que acontece? Não recebestes a grandeza da alma? Não recebestes a coragem? Não recebestes a perseverança? E, se tenho a alma grande, que me importa ainda o que pode me acontecer? O que me colocará fora de mim, me perturbará ou me parecerá doloroso? Eu não utilizarei a minha faculdade para aquilo para o que eu a recebi, e vou chorar e gemer pelo que me acontecer?- “Sim, mas eu tenho um nariz que escorre”. - “Escravo, por que então você tem mãos? Não é para assoar?”- “É, portanto, racional que existam no mundo narizes que escorrem?” - “É muito melhor se assoar do que fazer reclamações!”...⁷

Enfim, “aceitar a vida” é acolher o Ser com alegria e contentamento, somente possível com base na identificação do destino com a providência e, no reconhecimento de que os

⁶ EPICTETO, *Diatribes*, IV, 7, 20.

⁷ EPICTETO, *Diatribes*, I, 6, 27-32. *O grifo é nosso*.

acontecimentos sejam quais forem, e como forem, são parte dos planos da divindade que tudo conduz com justiça, como diz Cleanto no *Hino a Zeus*.

A tendência de dizer “sim” ao destino-providência no instante em que se manifesta sua vontade, é prontidão que marca a atitude essencial do estóico com relação ao Ser. A vida em seus pormenores devem sagrada e a “aceitação” uma espécie de divinização da pessoa. É como se ela dissesse: “recebo a vida com gratidão, por isso estou contente; eu e a divindade somos um”.

O acordo entre a razão individual e a Razão cósmica pode ser alcançado por meio da *anuência ao destino*; o homem se une a divindade pelo viés do “querer”. É o que significa “aceitar a vida”, “aprender a querer cada coisa como ela é”. Para Epicteto a *proháíresis* representa a razão individual, a *prónoia* a Razão cósmica ou universal.

... Agora nenhum mal pode me acontecer. Para mim não existe nem ladrão nem terremoto, tudo está repleto de paz e serenidade: todo caminho, toda cidade, todo companheiro de viagem, vizinho, associado, nada pode me fazer mal. Um Outro cuida para que eu receba meu alimento, minhas roupas, minhas sensações e minhas prenoções. E quando ele não nos fornece mais o necessário, então dá o sinal de retirada, abre a porta e diz: “vem”. Para onde? Para nada de terrível, par aquilo do qual nasceste, para as realidades às quais estás ligado por amizade e por parentesco, para os elementos. O que há em ti de fogo retornará ao fogo, o que há de terra retornará à terra, o que há de *pneúma*, ao *pneúma*, o que há de água, à água. Não há nem Hades, nem Aquerão, Cocito, nem Piriflegetão, tudo está repleto de deuses e de demônios. Aquele que sabe ter isso no espírito, quando olha o sol, a lua e os astros, quando goza da terra e do mar, não está mais isolado nem privado de socorro...⁸

⁸ EPICTETO, *Diatribes*, III, 13, 13-16.

Referências

- _____ **Exercices spirituels et philosophie antique**, Albin Michel, Paris, 2002.
- _____ **História da filosofia antiga**. Volumes II, III, IV. São Paulo, edições Loyola, 1994 . trad.de Marcelo Perine e Henrique C. Lima Vaz.
- _____ **La Philosophie comme manière de vivre**, Albin Michel, Paris 2001.
- _____ **La philosophie comme therapie de l`ame**, Universitaires Fribourg Suisse, 1993.
- _____ **O que é filosofia antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____ **Les stoïciens et l` ame**, Paris: Presses universitaire de France, 1996.
- _____ **Manuel**, Trad. J-B. Gourinat, Presses Universitaires de France, Paris, 1998.
- _____ **Pensées**, Trad. par A.I. Trannoy (edição bilíngüe – francês-grego), Les Belles Lettres, Paris, 1925.
- _____ **Epicteto e a sabedoria estóica**, Trad. Marcelo Perine, Loyola, São Paulo, 2006.
- _____ **Études de philosophie antique**, Presses Universitaires de France, Paris, 1955.
- _____ **Historia de la filosofia**, trad. por Demetrio Náñez, Editorial Sudamericana, Buenos Aires.
- _____ **La théorie des incorporels dans l`ancien stoïcisme**, Paris 1962.

- ARRIANO, Flavio. **O manual de Epicteto**. Trad Hans Koranyi do grego. Agência Editora Iris São Paulo:, 1959.
- AURÉLIO, Marco. **Pensamentos para mim próprio**. Lisboa: Editorial estampa, 1978.
- BECK, Charlotte Joko, **Sempre Zen**, Trad. Por Marina Silvia Mourão Neto, 2ª. Ed., Saraiva, São Paulo,1993.
- BORNHEIM, Gerd, A. (org.) **Os filósofos Pré-socráticos**, Cultrix, São Paulo, sd.
- BREHIER, E. **Crysippe et l' ancienst stoicisme**, Gordon e Breach, Paris, Londres, New York, 1971.
- BRUN Jean, **O estoicismo** . Lisboa, Portugal: edições 70, 1986.
- CÍCERO, **Sobre o Destino**, trad e notas de José Rodrigues Seabra Filho, edição bilíngüe, Nova Alexandria, 1993.
- CICÉRON. **De la nature des dieux**, trad. nouvelle de Charles Appuhn, Paris, Classiques, Garnier, sd.
- DUHOT, J.-J. **Epictete e la sagesse stoicienne**, Bayard, Paris, 1996.
- ÉPICTÈTE, **Entretiens**, texte établi et traduit par Joseph Souilhé avec la collaboration d' Amand Jagu, livres I á IV- texto bilingue. Grego-francês.
- EPICTETO, **Entretiens**. Trad. J. Souilhé. 1943-1965. 4 v.(Col. Belles Lettres; ed. Bilingüe).
- GAZOLLA, Rachel. **O ofício do filósofo estóico** – o duplo registro do discurso da Stoa, Loyola, São Paulo, 1999.
- GERMAIN, Gabriel. **Épictète et la spiritualité stoïcienne, maitres spirituals**, ed du Seuil189 pgs.
- GOLDSCHIDT, Victor. **Le système stoïcien et l' idée de temps**. 4a edição. Paris: Librairie philosophie J. Vrin, 1985.
- GOULD, J. B. **The Philosophy of Chrysippus**, Leiden 1970.

GOURINAT, Jean-Baptiste. **Le Manuel**, premières leçon sur le manuel d'Épictète comprenant le texte intégral du Manuel dans une traduction nouvelle. Paris: presses Universitaires de France.

GUYAU. M. **Étude sur la philosophie d'Épictète**. Paris. Nouvelle collection classique d'ouvrages philosophiques.

HADOT, Pierre. **La citadelle intérieure** (introduction aux pensées de Marc Aurèle) Paris: Librairie arthème Fayard, 1992.

ILSETRAUT ET PIERRE HADOT. **Apprendre à philosopher dans l'antiquité, l'enseignement du "Manuel d'Épictète" et son commentaire néoplatonicien**, librairie générale française, 2004.

JAGU, Amand. **Épictète et Platon**, Essai sur les relations du stoïcisme et du platonisme à propos de la morale des Entretiens, Librairie philosophique J. Vrin, 1946.

KIRK. G. S., RAVEN, J. E., SCHOFIELD. **Os filósofos pré-socráticos**, 4^a. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983

LA REVELATION D' HERMES TRIMÉGISTE II "le dieu cosmique", Trad. Festugière, R. P., Paris Belles Lettres, 1986.

LAÉRTIOS, D. **Vida e doutrina dos filósofos ilustres**. Trad. do grego, introdução e notas, Mario Gama Kury, UNB, Brasília, 1998

LES MORALISTES, "Sous l' empire romain", par Constant Martha, Paris Hachette, 1886.

LES STOICIENS, Textes choisis par Jean Brun, Presses Universitaires de France, Paris, 1957.

LES STOICIENS, Textes traduit par Emile Bréhier, edités sous la direction de Pierre-Maxime Schuhl.

LONG, A. A. **Problems in Stoicism**, Londres 1971

MOREAU, Joseph. **Épictète ou le secret de la liberté**, Paris: Editions Seghers, 1964.

OS PENSADORES, Coleção. **Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio**, 1ª Edição, Trad. e notas de Agostinho da Silva, São Paulo, Abril cultural, 1973.

PASCAL, **Entretiens** avec M de Sacy sur Épictète et Montaigne, texte établi, presente et annoté par Pascale Mengotti-Thouvenin et Jean Mesnard., Paris. 1994. 117pgs.

PIRES, J. Herculano. **O ser e a serenidade**, Edicel, São Paulo, sd.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates; Críton**, Edições 70, Lisboa 2002.

POHLENZ, M. **La Stoa** – Storia di un movimento spirituale- Trad. Di Ottone De Gregorio, Note e apparati di Beniamino Proto, presentazione di G. Reale. Bompiani, Il pensiero occidentale, Milano, 2005

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e saúde**, o conceito do homem e Homero a Platão, Paulus, 2002, 280 pgs.

RIST, J. M. **Stoic Philosophy**, Cambridge 1969.

ROBIN, L. A Moral antiga, Trad. Dr. João Morais-Barbosa, Edições Despertar.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, trad, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos.

TÈLÈS et MUSONIUS, **Prédications**, Trad. A. J. Festugière, Paris, Vrin, 1978.

THÉODORE, Colardeau. **Étude sur Épictète, encre marine**, 2004.

VERBEKE, G. **L' evolution de la doctrine du pneuma**, “du stoicisme a S. Augustin”, Paris, Desclée de Brouwer, Louvain, editions de l' instut superieur de philosophie, 1945.

VOELKE, André-jean. **L' idée de volonté dans le stoïcisme**. Paris: Presses universitaires de France, 1973.